

BH/UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

ENTRE MULHERES, HISTÓRIA E LITERATURA: UM ESTUDO
DO IMAGINÁRIO EM EMÍLIA DE FREITAS E FRANCISCA CLOTILDE

Régia Agostinho da Silva

Fortaleza
Novembro/ 2002

BH/UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**ENTRE MULHERES, HISTÓRIA E LITERATURA: UM
ESTUDO DO IMAGINÁRIO EM EMÍLIA DE FREITAS E
FRANCISCA CLOTILDE.**

Régia Agostinho da Silva

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA em História Social sob a orientação do Profº Drº Eurípedes Antônio Funes

Fortaleza,
Novembro/2002

*Para Emília de Freitas e
Francisca Clotilde,
Para Maria Margarida Chagas,
Tarcísio Agostinho e
Eurípedes Antônio Funes, é
claro.*

Agradecimentos

Agradeço

Ao PET de História

A CAPES

A Regina Jucá, secretária da pós-graduação sempre atenciosa e prestativa

A Ivone Cordeiro Barbosa e Adelaide Gonçalves pela leitura crítica e atenciosa na qualificação da pesquisa

A Vânia, doce Vaninha

Ao Nuno, meu "anjo" preferido

Ao Edmilson, meu Ed, pela amizade turbulenta e "maldita" que temos.

A Ana Rita e Ana Lúcia, companheiras feministas, amigas de mestrado, que me ajudaram bastante na discussão de gênero. As tardes de estudo e conversa ficarão na memória.

Ao Manuel, meu Manuelzinho, companheirismo e amizade! (fiz uma linha só pra você, viu?...brincadeirinha...é muito bom implicar com você).

A Frank Ribard, o professor mais "cêra" que eu já conheci

A Marconi Coelho Reis, "não preciso nem dizer tudo isso que lhe digo, mas é muito bom saber que você é meu amigo...

A Allyson Bruno Viana, Bruninho, foi muito bom compartilhar com você sonhos políticos, conversas, e-mails, viagens, "menssegers" e claro, a boa e velha "pancada" do rock'roll. "Valeu gatinho"...

A Joel Andrade, "o filho de Jorel", amigo sua companhia foi indispensável

A Napoleão Rangel, Polly, pela ajuda na correção e pela amizade, meu muito obrigada

A Daniela, Dani..."estou 'endividada' para sempre por sua ajuda sem preço"...

A família Medina: Dona Algediva, Senhor Rodrigues, vovó Enedina, Layre, Simon, Diana, Tetê, e claro Antônio Auto.

A todos os professores e funcionários do Departamento de História- UFC.

A minha família, Margarida Chagas, Tarcísio (Tatá) Agostinho, meus pais.

A Maria Kátia Agostinho, Francisco Cláudio Agostinho e José Airtton Agostinho, minha irmã e meus irmãos.

As sobrinhas: Mylena, Fernanda, Leticia, Livia e ao mais "novinho" que está vindo, Tarcísio Neto, (Tatazinho).

A Eurípedes Antônio Funes, mais do que um orientador, um grande amigo... Valeu Funes!

RESUMO

O presente trabalho analisa comportamentos femininos, práticas de submissão e resistências femininas no Ceará no final do século XIX. Através da análise de dois romances "A Divorciada" (1902) de Francisca Clotilde e "A Rainha do Ignoto" (1899) de Emília de Freitas procura-se compreender de que forma a pena feminina percebia o cotidiano das mulheres cearenses. Sendo assim o diálogo entre História, Literatura e Gênero norteia a dissertação e estabelece significados para a escrita feminina

RÉSUMÉ

Ce travail analyse des comportements féminins, des pratiques de soumission et des résistances féminines dans le Ceará de la fin du XIX^{ème} siècle. A travers l'analyse de deux romans "A Divorciada" (1902) de Francisca Clotilde et "A Rainha do Ignoto" (1899) de Emília de Freitas, nous cherchons à comprendre de quelle forme la plume féminine percevait le quotidien des femmes cearenses. De cette manière, le dialogue entre Histoire, Littérature et Relations de genre oriente le mémoire et établie certaines significations de cette écriture féminine.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
CAP I. ENTRE MULHERES, HISTÓRIA E LITERATURA.....	20
1.1. A FORTALEZA DO SÉCULO XIX.....	22
1.2. MULHERES QUE LÊEM E ESCREVEM.....	27
1.3. MULHERES QUE ESCREVEM.....	36
1.3.1. NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA.....	39
1.3.2. SERAFINA ROSA PONTES.....	44
1.3.3. ANA FACÓ.....	47
1.3.4. ALBA VALDEZ.....	52
CAP. II. FRANCISCA CLOTILDE: ENTRE A PERMANÊNCIA E A RUPTURA.....	58
2.1. A DIVORCIADA.....	65
2.2. NAZARÉ, MULHER RESIGNADA?.....	66
2.3. MARIA DA GLÓRIA: A MULHER SERPENTE.....	124
CAP. III. EMÍLIA DE FREITAS: A RAINHA DAS PAIVAS.....	129
3.1. A RAINHA DO IGNOTO.....	134
3.2. A MOÇA ENCANTADA.....	137
3.3. MULHERES QUE VIVEM.....	161
3.4. E OS HOMENS?.....	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
FONTES.....	194
BIBLIOGRAFIA.....	195

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô
Vai ser coxo na vida é maldição pra
homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

(Adélia Prado)

APRESENTAÇÃO

"Criadoras, elas escapam ao controle, se transformam em ameaça. Faz-se preciso retirar a força antes permitida. E qual melhor maneira de fazê-lo senão duvidando da autenticidade da sua criação? A mulher narradora, antes aceita sem reservas, é posta em questão. Turva-se a limpidez da sua voz com acusações de falsidade, aquela mesma falsidade que já se havia atribuído com sucesso à voz das sereias, à das feiticeiras, e à de tantas mulheres tentadoras que ao longo da história levaram os homens à perdição."

(Marina Colasanti)

"Entre mulheres, história e literatura", nenhum outro título poderia representar melhor o objetivo de nosso estudo, ou seja, acompanhar comportamentos, códigos de condutas e cotidianos femininos cearenses, no final do século XIX e início do XX, através dos romances "A Rainha do Ignoto" (1889) de Emília de Freitas e "A Divorciada" (1902) de Francisca Clotilde

Nessa perspectiva tornou-se necessário o diálogo entre gênero, história e literatura, pois são esses os pontos-chaves que norteiam a escrita deste trabalho. Acreditamos como bem coloca Ivone Cordeiro Barbosa

*"Apesar da sua dimensão material- produção discursiva escrita, a literatura, pela sua própria natureza, produz uma dimensão imaterial- desperta sensibilidades estéticas, sentimentos de amor, prazer, angústia, etc. construindo uma subjetividade que se mobiliza na produção de imagens que se incorporam socialmente como práticas e representações, constituindo-se assim, numa dimensão necessária da experiência social passível de ser apreendida na sua temporalidade"*¹

Acreditando neste caráter de compreensão do social pelo viés da literatura e das representações do mundo das mulheres, adentramos nos romances de Emília de Freitas e Francisca Clotilde a partir da análise que se segue de Roger Chartier:

"As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social- como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas-, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos

¹ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: O sertão do Ceará na Literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretária de Cultura e Desporto do Estado, 2000, p.22

*de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.*²

Desta forma, procuramos perceber os romances como possibilidades de uma leitura que tome a discussão das representações de gênero como ponto chave de análise das obras "A Rainha do Ignoto" e "A Divorciada". Neste sentido estamos de acordo com Joan Scott que:

*"O gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder no ocidente, nas tradições judaica-cristãs e islâmicas"*³

O nosso trabalho parte do conceito de gênero intimamente relacionado com a questão do poder, colocando-se na perspectiva de compreender essa relação posta tanto para Emília quanto para Francisca na construção e na atuação de se fazerem escritoras num período em que a escrita pública encontrava-se muito afastada do alcance da maioria das mulheres.

Sendo assim, procuramos ao longo do trabalho perceber noções de conflitos de gênero não apenas nas narrativas dos romances, como também na trajetória de nossas escritoras. A necessidade de historicizá-las (Emília e Francisca) em seu tempo e lugar constituiu-se numa posição política e teórica. Afinal como apontam Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira:

"(...) para a análise do testemunho histórico, seja ele qual for, deve-se sempre ter em vista que os sujeitos vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar real o devir que lhes interessa. Autores

² CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e representações*. DIFEL, Rio de Janeiro, 1990, p.59.

³ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*, trad. Christine Rufino Dabat, Recife, 1997, p. 16.

e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos seus contemporâneos. O sentido de um autor ou obra literária não se explica ou se esgota nas suas apropriações futuras – por ter virado cânone, ou até ícone, ou por ter supostamente 'antecipado' práticas narrativas de períodos ou movimentos literários posteriores, ou mesmo por ter sido esquecido, ou caído em desgraça, segundo os parâmetros traçados pelas vozes dominantes na crítica literária. A cada autor e obra o 'seu tempo' e o 'seu país'”⁴

Acreditando na relevância de se estudar autoras e obras, procuramos ao longo do trabalho entender as trajetórias de vida e políticas de Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Só assim entenderemos como as autoras e obras podem nos falar de algumas mulheres da sociedade cearense descritas em seus romances. Por outro lado, podemos também perceber as posições sociais e as lutas delimitadas no campo da escrita e da atuação de Emília e Francisca. Ambas abolicionistas, preocupadas com a situação da mulher na sociedade cearense e escrevendo romances onde suas protagonistas mulheres discutiam assuntos femininos; escritoras num momento em que o espaço público estava praticamente vedado à participação da mulher. Perceber o significado das suas presenças num ambiente predominantemente masculino, principalmente o da literatura cearense e brasileira, significa, portanto, ter um olhar político da ação dessas escritoras. Coloca enfim a política no centro do nosso problema, como aponta Beatriz Sarlo:

“O olhar político se fixaria, justamente, nos discursos, nas práticas, nos atores, nos acontecimentos que afirmam o direito de intervir na unificação, ostentando, diante dela, o escândalo de outras perspectivas. Assim, olhar politicamente é pôr as dissidências no centro do foco, o traço

⁴ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M., (org.) **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 09.

oposicionista da arte frente aos discursos (a ideologia, a moral, a estética) estabelecidos. Um olhar político aguça a percepção das diferenças como qualidades alternativas frente as linhas respaldadas pela tradição estética ou pela inércia (ligadas ao sucesso e à facilidade) do mercado. Porque, de alguma maneira, olhar politicamente a arte supõe descobrir as fissuras no consolidado, as rupturas que podem indicar mudanças tanto nas estéticas quanto no sistema de relações entre a arte, a cultura em suas formas prático- institucionais e a sociedade"⁵

Discutir nossas protagonistas, Emília e Francisca, enquanto escritoras é colocar as dissidências no centro das nossas questões. Ou seja, falar de um grupo que colocado à margem representa um campo de muitas possibilidades e pouco pesquisado. A mulher escritora incomoda a sociedade do século XIX, contudo ela transita pelo mundo da escrita com poesias, romances, contos, crônicas. Ocupa espaços estratégicos na sociedade, reclama atenção e quer ser ouvida, provoca rupturas, toma as discussões científicas, positivistas e evolucionistas do período fazendo uma leitura própria. Uma leitura, por que não dizer, feminina. Segundo Margareth Rago:

"Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam delas, que contam sua própria história e de suas antepassadas, e que permitem entender as origens de muitas crenças, práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização"⁶

Portanto é essa história que buscamos. A trajetória de duas escritoras num ambiente literário predominantemente masculino como era o cearense no fim do século XIX. Como

⁵ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997, pp. 60-61.

⁶ RAGO, Margareth. "Epistemologia feminista, gênero e história." In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar (org) *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 34.

pioneiras da escrita feminina, elas nos ajudarão a saber um pouco da situação da mulher no Ceará no final do século XIX.

Desta forma tornou-se necessário dividir o estudo em três capítulos:

O primeiro capítulo intitulado **“Entre mulheres, história e literatura”** preocupa-se com a contextualização social da Fortaleza no final do século XIX como cenário de atuação de nossas “protagonistas”, acreditando dessa maneira que para entender os romances é necessário discutir o local de sua fabricação. Procuramos também falar das mulheres que escreviam no período e sobre suas temáticas mais recorrentes, fazendo-se necessária uma pequena biografia de cada uma delas, até mesmo no sentido de trazê-las ao conhecimento público, relegadas infelizmente que estão ao esquecimento. Assim escolhemos Nísia Floresta Brasileira Augusta, que apesar de não ser cearense é considerada uma pioneira da escrita feminina pública no país e também como precursora do feminismo no Brasil. As outras são as cearenses Serafina Rosa Pontes⁷, Alba Valdez e Ana Facó, todas escritoras do mesmo período de Emília e Francisca. Falar do que essas outras mulheres escreveram, compreender os problemas que colocaram e trazer seus textos ao conhecimento público é uma parte importante e significativa deste trabalho. Sem as biografias consideramos que faltaria uma parte importante para a compreensão de Emília e Francisca. Todas respiraram e viveram a mesma temporalidade histórica, conviveram com problemas semelhantes enfrentados pelas escritoras, tiveram lutas políticas muito próximas e desejaram ardentemente serem ouvidas. Por isso falar delas se tornou quase obrigatório, profundamente necessário e, ao mesmo tempo, prazeroso.

⁷ Serafina não é cearense, nasceu no Rio de Janeiro, mas como veio morar em Fortaleza aos 20 anos e sua produção literária foi toda feita no Ceará, achamos por bem considerá-la uma escritora cearense.

O segundo capítulo, "**Francisca Clotilde: Entre a permanência e a ruptura**", diz respeito sobre a trajetória de ação e vida de Francisca Clotilde, fazendo também uma análise das mulheres construídas em seu romance "A Divorciada". A análise prima no acompanhamento das personagens dentro da narrativa, seus problemas, conflitos e tensões, momentos de ruptura e de prazer, de rebeldia e submissão femininas. Um estudo que se propõe a levar o leitor deste texto ao romance de Francisca numa leitura coletiva e desta forma saber um pouco da história de algumas mulheres cearenses no final do século XIX.

O terceiro capítulo "**Emília de Freitas: A rainha das palavras**" segue os mesmos objetivos abordados anteriormente, através da análise das personagens e da narrativa de "A Rainha do Ignoto" tentando perceber com isso os problemas colocados para as mulheres cearenses, suas vidas e seus dilemas.

Propomos o convite ao leitor para embarcar nesta aventura narrativa e mergulhar no imaginário de Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Em tempos neoliberalizantes de quebras das utopias torna-se uma necessidade fundamental repensar a trajetória de um movimento significativo dando visibilidade a escritoras que durante muito tempo tiveram suas vidas e obras esquecidas. Rer estas "mulheres de papel" e de "carne e osso" é contribuir para uma luta que ainda é feminista!

Cap. I. ENTRE MULHERES, HISTÓRIA E LITERATURA.

Pensar o romance brasileiro no século XIX significa antes de tudo pensar na sociedade em que ele foi produzido, as suas formas de circulação e sua leitura. Significa portanto pensar as relações entre a feitura de um romance e suas íntimas conexões com a sociedade.

Pensar o romance como uma possibilidade de chegar a uma determinada realidade social consiste numa leitura que estabeleça uma relação visceral entre história e literatura. No dizer de Ria Lemaire:

*"Tanto a literatura quanto a história buscam estimular comportamentos e formas de pensamento desejados, propondo modelos e pondo em ação estratégias discursivas tais como a persuasão, a sedução, a verossimilhança, a credibilidade e a autoridade das palavras. Sendo assim, literatura e história, ao oferecer modelos de comportamento, participam do processo histórico, político e social da definição das identidades nacionais, sociais e individuais seguindo trilhas ao mesmo tempo divergentes e paralelas."*⁸

Sendo assim, ao tomarmos os romances de Emília de Freitas e Francisca Clotilde, "A Rainha do Ignoto" e "A Divorciada" respectivamente, como fontes de estudos, pensamos imediatamente na possibilidade de ler e saber um pouco sobre a vida, relações sociais e comportamentos femininos no final do século XIX e início do XX.

Já que a comunicação é um desejo latente em qualquer romance, pois, quem escreve, escreve para alguém e escreve para ser lido como afirma Pedro Bandeira: "Quem escreve quer conquistar o coração de quem vai ler"⁹

⁸ LEMAIRE, Ria. "O mundo feito texto" In: DE DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria (org.) **Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da UNICAMP, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000., p. 12.

⁹ Bandeira, Pedro. **A marca de uma lágrima**. São Paulo: Moderna, 1983., p.35.

Na medida em que nos aprofundávamos na leitura dos romances percebíamos que as duas escritoras guardavam muito mais em comum do que imaginávamos.

Ambas publicaram no final do século XIX e início do XX, Emília em 1889 e Francisca em 1902. Estudaram na Escola Normal de Fortaleza, tornando-se professoras e acreditando no poder "iluminador" da educação. Mulheres cearenses que enfrentaram uma série de obstáculos para exercerem as funções de escrever para um público, em um período que tal prática não era vista com bons olhos para mulheres.

No entanto, o que mais as aproxima é o desejo de falar sobre a situação das mulheres no país, principalmente no Ceará. Acreditando que o romance tem uma função de falar sobre a sociedade em que foi escrito, é possível através dele falar da história das mulheres cearenses no período. Entender como e por quê determinados comportamentos femininos foram considerados reprováveis.

Seguindo os personagens que as nossas literatas criaram, é possível perceber o cotidiano, o comportamento e as lutas femininas no Ceará de então.

Mas seria impossível falar sobre isso sem questionarmos que sociedade era aquela em que Emília e Francisca escreveram. Quais as relações de suas personagens com a sociedade que retratam, quais os objetivos de suas falas, por que construíram romances em que os personagens principais eram mulheres e quais os perfis destas mulheres? Enfim, é necessário mergulhar no que era Fortaleza e o Ceará do final do século XIX.

1.1 A FORTALEZA DO SÉCULO XIX

A cidade de Fortaleza da segunda metade do século XIX viveu dois momentos importantes e que marcaram de forma significativa o perfil da cidade, assim como seus habitantes.

O primeiro está compreendido na década de 1860 com o crescimento econômico da cidade a partir da exportação do algodão:

"No início da década de 1860, acentua-se a inserção da província do Ceará no cenário econômico do Império. Nesse contexto, a cidade de Fortaleza representava, graças ao crescimento da cotonicultura, alavancado pela abertura do mercado internacional, durante o período da Guerra da Secessão nos EUA, um destacado centro da economia nacional, assim como constituía-se em profícuo espaço de divulgação dos ideais republicanos, presentes na história da cidade desde os movimentos de 1817 e 1824, contribuindo para a formação da imagem de um país apto a participar do mundo civilizado."¹⁰

Fortaleza alavancada neste período pelo crescimento econômico era uma cidade que construía equipamentos e discursos que visavam explicitar seu "progresso". Data do mesmo momento a criação do Atheneu Cearense, em 08 de janeiro de 1863. Almir Leal de Oliveira considera que é no Ateneu que se formará a elite intelectual de Fortaleza em seu tempo de desenvolvimento econômico. Uma elite que irá atuar ativamente na cidade na década de 1880:

"No que se refere aos intelectuais atuantes na década de 1880 no Ceará, foi o ensino particular o primeiro universo cultural em que mergulhavam, excetuando, evidentemente, alguns casos. E mais, basicamente a partir de um único colégio, o Atheneu Cearense. Este estabelecimento de ensino

¹⁰ SOUZA, Robério Américo do Carmo. *Fortaleza e a "nova fé": A inserção do protestantismo na capital cearense (1882-1915)*. São Paulo: PUC, 2001. p. 45.

propiciará uma grande influência nos mecanismos de socialização e formação da elite local atuante a partir dos anos 1880, bem como o encaminhamento dos seus alunos aos cursos superiores e, posteriormente à política e burocracia locais”¹¹

O segundo acontecimento, profundamente marcante na Fortaleza fim de século, foi a seca de 1877-79. A seca tornou-se um ponto de retrocesso para os interesses econômicos e culturais das elites locais. Toda a formação e o discurso de progresso e desenvolvimento seria abalado, mudando de forma significativa o perfil da cidade. Como nos aponta José Tanísio Vieira Bezerra:

“A seca de 1877/79 marcaria definitivamente a história da constituição urbana de Fortaleza, não só surpreendendo os espíritos ilustrados que acreditavam que tais tragédias já faziam parte de um passado remoto, como enriquecendo os comerciantes que investiram em uma verdadeira economia da escassez.”¹²

A seca de 1877-79 colocou em xeque os discursos e práticas científicas, progressistas, positivistas, já propagados na cidade pela imprensa e pela Academia Francesa¹³, assim como pelos poderes públicos, percebendo-se todos impotentes diante da calamidade pública. Afinal como falar em progresso em uma cidade que não tinha estruturas mínimas para suportar um período de estiagem? Com a chegada dos retirantes em Fortaleza, oriundos do interior da província, ficou evidenciada a incapacidade dos poderes públicos, das elites intelectuais e da imprensa, na resolução dos problemas sociais e políticos que emergem com

¹¹ OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e poder – o pensamento social cearense no final do século XIX**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1998, p. 27.

¹² BEZERRA, José Tanísio Vieira. **Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846/1879)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2000, p. 30

¹³ A Academia Francesa foi uma agremiação literária de cunho positivista da década de 1870 em Fortaleza. Segundo Almir Leal de Oliveira, a Academia Francesa se constituiu enquanto locus da elite intelectual fortalezense, lugar onde as idéias positivistas de Comte e seus seguidores eram amplamente discutidas no sentido de se pensar o desenvolvimento e civilização da província de Fortaleza daquele tempo.

a seca. Quando causam desconforto e tensões, a população pobre passa a ser assunto de pauta. Como aponta Rodolpho Theóphilo, os retirantes em Fortaleza deixavam patente a incompetência dos poderes públicos:

*"Assim, expostos a todas intempéries de um clima, que um prolongado verão de 21 meses havia de salubrismo que era, tornando mephitico, depauperados pela deficiência da alimentação e pelas dores morais que lhe abatiam o espirito; vivendo numa promiscuidade de cães dentro de uma esterqueira, não tiveram um só elemento de resistência a opor ao morbos, que os atacou, e caíram vitimados aos milhares."*¹⁴

Apesar dos elementos nitidamente higienistas e elitistas na fala de Rodolpho Theóphilo, observamos o quanto a cidade se transformara com a presença dos retirantes. Vitimados pela variola, tornaram-se uma "mazela" social que nenhum discurso progressista, desenvolvimentista e civilizatório poderia ocultar. Os retirantes e a população pobre de Fortaleza passam a incomodar e amedrontar uma cidade em que alguns a queriam civilizada. Seguindo Margarida de Souza Neves:

*"As multidões anônimas são tumulto na capital mesmo quando silenciadas. São tumulto porque sua presença denuncia um passado colonial e escravista que se quer esquecer. Porque sua cultura, seus hábitos, seus ritmos estão muito distantes dos padrões supostamente parisienses da estética oficial. Porque os pregões que gritam pelas calçadas demonstram que o comércio da cidade não se faz unicamente nas lojas da rua do Ouvidor. Porque ocupam as vielas tortuosas do centro da cidade, como quem ocupa trincheiras de importância estratégica inquestionável numa guerra declarada e desigual. São 'tumulto', enfim, porque existem. E por existirem, amedrontam."*¹⁵

¹⁴ THEÓPHILO, Rodolpho. *Variola e Vacinação no Ceará: primeiro milheiro*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 108.

¹⁵ NEVES, Margarida de Sousa. "O povo na rua, um 'conto de duas cidades'". In: PECHAM, Robert Moses (org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: EUF RJ, 1994.

Mesmo se referindo a cidade do Rio de Janeiro, pensamos que a fala de Margarida Neves cai como uma luva no que diz respeito a percepção que as elites tinham da população pobre, considerada como "classe perigosa".

Em contrapartida, ao final da seca de 1877-79, a elite intelectual se considerava como expoente na tarefa de reconstituir a cidade, fazendo da década de 1880 o período considerado de maior atividade intelectual em Fortaleza¹⁶. Surgem várias agremiações literárias e a imprensa passa a ser utilizada como canal de discursos para a reconstrução da cidade. Mais uma vez Almir Leal de Oliveira nos ajuda a entender este processo:

*"Entre 1877 e 1880 o Ceará passou por uma grande seca que desestruturou toda a vida social e econômica da província. A seca, associada às epidemias, dizimou o gado, arrasou a agricultura, estabeleceu uma fratura demográfica e redefiniu a organização econômica, social e cultural da província. Em abril de 1880 caíram as primeiras chuvas, que denunciaram o final da estiagem. Juntamente com as chuvas iniciaram as discussões sobre a reorganização da província. O ambiente aí gerado propiciou a emergência de leituras sociais e atitudes políticas que podem ser caracterizadas a partir do repertório intelectual construído pelo pensamento local desde meados da década anterior"*¹⁷

O papel das elites intelectuais no século XIX tem uma importância fundamental no que diz respeito ao entendimento da sociedade do período. São elas que pensam novos caminhos de gestão da cidade, que bebem da fonte europeia conceitos como o positivismo, o liberalismo, as idéias de abolição da escravatura e modernização. Assim como em outras capitais do país, Fortaleza do século XIX passou a ser

¹⁶ Ver BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

¹⁷ OLIVEIRA, Almir Leal. *Op. cit.*, p. 79.

envolvida por um discurso civilizatório que combinava os avanços da ciência e a necessidade de educar a população.

Neste sentido a atividade dos literatos é de fundamental importância. Segundo Nicolau Sevcenko o papel da literatura é crucial para o entendimento da sociedade do século XIX:

*"Não há dúvidas, pois de que a literatura, graças em grande parte ao carisma prodigioso herdado do romantismo do século XIX, gozava de um prestígio ímpar neste período, soando mesmo como um sinônimo da palavra cultura. Políticos, militares, médicos, advogados, engenheiros, jornalistas ou simples funcionários públicos, todos buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar. A Belle Époque foi sem dúvidas a época de ouro da instituição literária, tanto no Brasil como na Europa e em todo o mundo marcado pela influência cultural européia."*¹⁸

Este momento de ascensão das Letras, sem sombra de dúvida marcou profundamente a sociedade fim de século fortalezense. O mesmo olhar é, ainda, colocado por Gleudson Passos Cardoso em seu estudo sobre as agremiações literárias cearenses do final do século XIX e início do XX ao perceber a relação desses espaços com a política e com as transformações sociais:

"Entretanto, da forma em que este segmento abastardo encampou as lutas políticas e institucionais, um outro advindo dos setores menos privilegiados da sociedade, amparado pelo mesmo instrumental de práticas letradas, adentrou no campo de tensões colocado, a fim de angariar papéis representativos para o seu grupo social. Mencionou-se, na verdade, os dois segmentos letrados que atuaram na esfera pública do Ceará no século XIX: primeiramente, a Mocidade Cearense e, em segundo, os Novos do Ceará. Ambas gerações participaram das campanhas em prol da regeneração política e institucional no espaço cearense durante a mudança dos regimes monárquico para o republicano, sobretudo, no período entre os anos de

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 226.

1873 e 1904. Estes grupos propuseram em suas máquinas discursivas, através da atividade de imprensa, apontamentos para modelos institucionais elaborados a partir das suas referências intelectuais, trajetórias políticas, leituras, experiências sociais, cotidianas e suas matérias subjetivas. Em comum, o maior destaque que tiveram deu-se no âmbito de suas práticas letradas, em que se sobressaiu o caráter gregário de formarem agremiações, clubes e sociedades literárias, dentre outras ações e posturas, como forma de consolidar forças e materializar seus objetivos de grupo, em busca de legitimar o seu exercício político naquele território social.”¹⁹

No entanto, a participação das mulheres na “Cidade das Letras” ainda permanece obscura... Estudar as pioneiras, Emilia de Freitas e Francisca Clotilde, é de certa forma trazer à tona vozes femininas, outras narrativas do passado das mulheres percebidas e concebidas por elas próprias. Estudar as mulheres escritoras é reler a história da literatura cearense no final do século XIX e início do XX, fazendo-se necessário primeiramente adentrar na história dessas mulheres que lêem e escrevem.

1.2 MULHERES QUE LÊEM E ESCREVEM

Na certeza de que através da literatura era possível ocupar espaços é que compreenderemos Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Não apenas no sentido de suas atuações enquanto escritoras como também perceber na própria dimensão das obras “A Rainha do Ignoto” e “A Divorciada” a necessidade constante de falar da situação das mulheres no período que pouco a pouco galgavam espaços, falando delas

¹⁹ CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses: Literatura, Imprensa e Política (1873-1904)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2000., pp.21

e para elas, inserindo assuntos e olhares femininos na literatura.

A certeza mesmo de que eram poucas as mulheres que entravam no âmbito seletivo da literatura, e tomadas apenas como exceções, convergia para a idéia de não poderem constar entre os grandes nomes da literatura cearense. Segundo Antônio Sales:

"Não tem sido grande- felizmente diria um anti-feminista contumaz,- o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente.

A cearense é por excelência a mulher do lar, a companheira dedicada do homem, a mãe de família que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção de sua casa.

Não que lhe falte inteligência. Ao contrário: sempre que é posta à prova a mentalidade feminina em nossa terra, se revela vigorosa e apta para ilustrar-se nas ciências e nas artes.

Mas, em nosso meio e em nosso clima, a mulher é muito feminina para ser feminista, e a família tem uma consistência tão forte que ser a dona de um lar é ainda a suprema e quase exclusiva aspiração de uma moça cearense(...) E há ainda alguma inteligências femininas brilhantes, mas tão ocultas sob o véu da modéstia, que seria indiscrição arrancá-las ao segredo e á sombra em que se comprazem viver."²⁰

Acreditamos que diferentemente do que pensa Antônio Sales, "viver nas sombras" não é mesmo o objetivo de algumas dessas mulheres, tendo talvez sido alojadas nas sombras e não escolhido este lugar para viver.

Não por acaso a formação secundária, não religiosa, para mulheres no Ceará só ocorrerá a partir da criação da Escola Normal em 1884. É nesse espaço que se formam as primeiras mulheres de Letras do Ceará: Emília de Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez, Ana Faço.

²⁰ SALES, Antônio. "História da Literatura Cearense". In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins (org.) O Ceará. 2ª ed. Fortaleza: Ed Fortaleza, 1945., pp. 185.

Nesse estabelecimento de ensino são ministradas às meninas aulas de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Matemáticas Elementares, Geografia e História, Noções Elementares de Ciências Naturais, Pedagogia e Metodologia. Disciplinas voltadas, como notamos, para a formação de professoras do ensino primário, visto a carência que o setor sofria.²¹

A maioria das mulheres formada na Escola Normal atuava na cidade como professoras primárias, profissão então considerada mais adequada às mulheres, naturalizando-se a "aptidão feminina" para educar crianças em escolas primárias como extensão possível das suas atividades domésticas. A profissão do magistério primário constituiu-se assim em uma das primeiras atividades fora do lar aceita para mulheres de classe média.²²

Isso não quer dizer, como nos aponta Zilda Maria Menezes Lima, que a Escola Normal e as normalistas não sofressem preconceitos:

"Não é muito difícil compreender as resistências a uma escola que visava formar mão de obra feminina para o mundo do trabalho em educação. Numa época em que as mulheres deveriam pensar em casamentos e filhos, não era interessante estimular espaços para as mulheres no mercado de trabalho, onde teriam que fatalmente abandonar o lar para dedicar-se a profissão. Daí a ambigüidade do papel da Escola Normal numa sociedade que rogava a chegada do progresso e da civilidade, mas não admitia mudanças comportamentais, principalmente se essas mudanças se originassem dos segmentos femininos."²³

²¹ Ver MENEZES, Djacir. "A educação no Ceará: Repasse histórico- social (das origens coloniais a 1930)". In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins. **O Ceará**. 2ª ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945.

²² Ver SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969.

²³ LIMA, Zilda Maria Menezes. **Mulheres de romance: perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)** Dissertação de Mestrado: Recife-Pe, PPII-UFB, 1999, p. 37

Neste sentido é famoso o trecho de "A Normalista" (1893) de Adolfo Caminha, expondo como a sociedade cearense analisava as normalistas:

"Hoje não há que fiar mais em moças, pobres ou ricas. Todas elas sabem mais do que nós outros. Lêem Zola, estudam anatomia humana e tomam cerveja nos cafés. Então as tais normalistas, benza-as Deus, são verdadeiras doutoras de borla e capelo em negócio de namoros. Sei de uma que foi encontrada pelo professor de história normal a debuxar um grandíssimo falo como todos os seus apetrechos..."²⁴

Existe uma clara conexão colocada entre a aquisição de conhecimentos e a decadência moral, e, sobretudo, uma desconfiança em relação ao conhecimento adquirido pelas mulheres. Ler Zola, entender de anatomia humana e tomar cerveja são exemplos de atitudes consideradas inapropriadas para a boa conduta feminina. Como que para se manter "inocente e pura" fosse preciso permanecer na ignorância. Uma mulher sábia provoca temor...

É em Adolfo Caminha também que encontraremos uma discussão chave: a vigilância das leituras femininas, obrigando muitas mulheres a ler determinados romances às escondidas:

"Ultimamente a Lídia dera-lhe a ler O Primo Basílio, recomendando muito cuidado: 'que era um livro obsceno' lesse escondido e havia de gostar muito.- 'Imagina um sujeito bilontra, uma espécie de José Pereira, sabe? O José Pereira da Província, sempre muito bem vestido, pastinhas, monóculo...'

- Não contes, atalhou Maria, tomando o livro- quero eu mesmo ler... Gostaste?

- Mas muito! Que linguagem, que observação, que rigor de crítica!... Tem um defeito- é escabroso demais.

- Onde foste tu descobrir esta maravilha, criatura?

²⁴ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: Edições ABC, 1999, p. 75.

- É da mamãe. Vi- o na estante, peguei- o, li- o. Maria folheou ao acaso aquela obra- prima, disposta a devorá-la. E com efeito, leu-a de fio a pavio, página por página, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente.

Uma noite o padrinho quase a surpreendeu no quarto, deitada, com o romance aberto, à luz d' uma vela. Porque ela só lia O Primo Basílio à noite, no seu misterioso quartinho do meio da casa pegado à sala de jantar.

Que regalo todas aquelas cenas da vida burguesa! Toda aquela complicada história do Paraíso!...A primeira entrevista de Basílio com Luiza causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária super-excitação nervosa; sentiu um como formigueiro nas pernas, titilações em certas partes do corpo, prurido no bico dos seios púberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos... Terminou a leitura cansada, como se tivesse acabado de um gozo infinito...E veio-lhe à mente o Zuza: se pudesse ter uma entrevista com o Zuza e fazer de Luiza...

Até aquela data só lera romances de José de Alencar, por uma espécie de bairrismo mal entendido, e a Consciência de Heitor Mallot publicada em folhetins na Província. A leitura do Primo Basílio despertou-lhe um interesse extraordinário.

- 'Aquilo é que é romance. A gente parece que está vendo as cousas, que está sentindo...'

Não compreendera bem certas passagens, pensou em consultar a Lídia; sim, a Campelinho devia saber a história da champagne passada num beijo para a boca de Luiza.- Que porcaria! E assim também a tal 'sensação nova' que Basílio ensinara à amante... não podia ser coisa muito asseada...

Terminada a leitura do último capítulo, Maria sentiu que não fossem dous volumes, três mesmo, muitos volumes... Gostara imensamente!²⁵

A personagem que vamos acompanhar em sua prática de leitura é Maria do Carmo, uma "mocinha" filha de retirantes do sertão cearense que fora criada por João da Mata, seu padrinho que no desenrolar da história acaba seduzindo-a e deflorando-a

²⁵ CAMINHA, Adolfo. Op.cit. pp. 27-28. É necessário esclarecer que Adolfo Caminha tinha uma leitura bastante ácida da sociedade fortalezense e seu livro "A Normalista" constitui-se em uma crítica mordaz a mesma. Por isso talvez seja possível ter acesso a esta "leitura rebelde" da cidade e das mulheres leitoras.

No entanto, o ponto específico que nos interessa sobre o romance é a leitura da protagonista e suas sensações. Como nos aponta Michel de Certeau:

"Antes de serem escritores, fundadores de um espaço próprio, herdeiros dos lavradores de outrora, porém, no solo da linguagem, escavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam pelas terras alheias, nômades caçando furtivamente pelos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para deles gozar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se previne contra o desgaste do tempo (esquecemo-nos dele e de nós próprios), ela não conserva ou conserva mal o que adquiriu e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido"²⁶

Por isso a leitura fosse considerada perigosa. Espaço de devaneio, linhas paralelas que se cruzam em algum ponto no infinito, momento de fuga de uma sociedade eminentemente opressora. Na leitura muitas mulheres poderiam sonhar.

O ponto que podemos entrever é a descrição e todo o cuidado para a leitura do livro "O Primo Basílio" de Eça de Queiroz, considerado obsceno e impróprio para as moças de família. O comportamento da personagem principal Luiza, mulher casada que se envolve com seu primo, é considerado desonesto e que não deveria ser seguido.

A mentalidade da época apontava a mulher como suscetível a muitas influências externas consideradas perniciosas. Era ela que se encantava com "os brilhos e transparências exagerados" da moda; deixava-se levar por uma degradação moral que a modernidade trazia, diziam outros. Também a mulher "ingênuas" deixava-se "amassar" pelos bilontras nos bailes modernos; e o pior de tudo, era ela

²⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

que se deixava envolver pelas "falsas doutrinas", pelos "sofismas", pelo "feminismo doentio". Era preciso vigiá-la e protegê-la. Retirar de seu alcance essas influências pecaminosas, que só serviriam para "transtornar o espírito das incautas". Por isso Maria do Carmo precisava ler "O Primo Basílio" escondida, na solidão de seu quarto.

Adolfo Caminha retrata bem os mares de sensações que envolvem Maria ao ler "página por página(...) devagar, demoradamente" o romance, uma "mocinha e seus devaneios" transgredindo tudo o que era aconselhável.

Outro aspecto que nos chama a atenção é apesar da solidão feminina, no ato de ler, é a socialização da leitura de Maria. De fato, ela leu sozinha, mas era com a amiga Lídia Campelo, a Campelinho, que tirava dúvidas e compartilhava suas apreensões de leitora. É Campelinho quem lhe explica a ato de passar champanhe de uma boca a outra. É também ela quem lhe apresenta o livro, tomado da estante da mãe, e ao que nos parece, sem que ela soubesse. Como personagens tão díspares quanto Maria do Carmo - menina vinda do interior, filha de retirantes, recém saída de um colégio de freiras e sem nunca ter namorado - e Lídia Campelo - considerada moça namoradeira e filha de uma viúva, que diziam não se dava ao respeito - conseguem se solidarizar, serem amigas e encontrar meios de burlar a censura aos livros proibidos e socializar suas experiências de leitura? Quantas Marias e Campelinhos não o fizeram?

Difícilmente poderemos saber se era essa a intenção de Adolfo Caminha ao escrever a passagem, contudo tornou-se a nossa preocupação inferida a partir da leitura de "A Normalista": leituras perigosas, leituras proibidas.

Se existiam leituras perigosas e proibidas também havia aquelas aconselháveis às meninas de família. Pelo menos é o que diz o personagem professor Berredo para as suas alunas normalistas:

"E continuou a falar com a loquacidade de um sacerdote a pregar moral, explicando a vida e costumes dos selvagens da Nova Zelândia, citando Júlio Verne, cujas obras recomendava às normalistas como 'um precioso tesouro de conhecimentos úteis e agradáveis'. - Lessem Júlio Verne nas horas d' ócio; era sempre melhor do que perder tempo com leituras sem proveito, muitas vezes impróprias de uma moça de família...

- Vá esperando...Murmurou a Lídia.

- 'Eu estou certo, - dizia Berredo, convicto, - de que as senhoras não lêem livros obscenos, mas refiro-me a esses romances sentimentais que as moças geralmente gostam de ler, umas historiazinhas fúteis de amores galantes, que não absolutamente coisa alguma e só servem de transtornar o espírito às incautas...Aposto em como quase todas as senhoras conhecem a Dama das Camélias, a Luciola...'

Quase todas conheciam.

- ..'Entretanto, rigorosamente, são péssimos exemplos...'

Tomou um gole d' água, e continuando:

- 'Nada! As moças devem ler somente o grande Júlio Verne, o propagandista das ciências. Comprem a Viagem ao centro da Terra. Os filhos do capitão Grant e tantos outros romances úteis, e encontrarão neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos."²⁷

"Lessem Júlio Verne". Qual a intensidade dessas palavras? É preciso que falemos um pouco da literatura de Júlio Verne e do personagem Berredo para contextualizar a sua fala.

Berredo era o professor de Geografia da Escola Normal em que Maria e Lídia estudavam. Considerado um excelente mestre por todas as alunas e admirado por Maria, Berredo, como muitos professores da época, era um homem de ideais positivistas, inserido no conceito de comprovação e utilidade da ciência. Admirador incontestável de Júlio Verne, escritor famoso por suas histórias de expedições científicas, de descrições de viagens a lugares longínquos e "pitorescos"

²⁷ CAMINHA Adolfo. Op.cit p 60

para a civilização ocidental, para quem tudo²⁸ que não tivesse ares de França ou Inglaterra era tido como "exótico". Júlio Verne escrevia uma literatura científica e para o pensamento positivista da época, uma literatura útil. Bastante superior, nesse aspecto, a literatura romântica, como "A Dama das Camélias" de Alexandre Dumas Filho e "Lucíola" de José de Alencar. Isto sem falar da literatura realista de Eça de Queiroz em seu "O Primo Basílio".

No entanto, não é apenas uma questão de escola literária ou de utilidade científica que desaconselha para Berredo a leitura das obras citadas. "A Dama das Camélias" e "Lucíola" narram histórias de prostitutas famosas e ricas que se apaixonaram por rapazes da alta sociedade. Mesmo que os dois romances tenham um final trágico, como de praxe na literatura romântica, o que os colocam como literatura perniciosa é o fato das heroínas serem meretrizes, a pior degradação moral de uma mulher, e ainda se apaixonarem, quebrando a imagem da prostituta apenas como uma mercadoria, incapaz de sentir amor e fadadas à infelicidade. Mesmo que ambas morram no final e não tenham seu sonho de amor realizado, elas vivenciaram fortemente suas paixões. Enfim tudo o que não deveria ser seguido por uma "moça de família".

É enfrentando todos esses obstáculos à leitura e à escrita feminina que as primeiras mulheres aventuram-se no mundo das Letras no Ceará, a partir da década de 1880.

Se às elites intelectuais interessava imprimir na cidade uma marca civilizatória a partir de pressupostos evolucionistas e progressistas, tencionando dessa maneira levar Fortaleza e o Ceará aos caminhos das nações civilizadas, norteado pelo modelo das nações européias- em particular o francês-, às mulheres que adentraram no mundo

das Letras importava demarcar territórios femininos através da imprensa, dos versos, e das crônicas.

Não é por acaso que algumas delas estão presentes em associações, jornais e agremiações literárias. Por isso antes de analisarmos os romances de Emília de Freitas e Francisca Clotilde, faz-se necessário falar um pouco dessas mulheres que atuam na escrita pública na virada do século XIX e início do XX. Claro que como toda e qualquer seleção esta pequena viagem ao mundo da escrita feminina e de suas escritoras é limitada, nos atendo apenas àquelas que de uma forma ou de outra se destacaram e, principalmente, seus escritos chegaram até nós: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez, Ana Faço, Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Todas escritoras cearenses, com a exceção da potiguar Nísia Floresta, que aqui nos referimos pelo fato de ser pioneira na escrita pública feminina brasileira e também considerada a percussora do feminismo no Brasil. Senhoras e senhores, eis aqui as trajetórias, textos e participação política de nossas seis protagonistas.

1.3 MULHERES QUE ESCREVEM

A escrita para a nossa sociedade tem um lugar privilegiado. Escrever significa se colocar diante do mundo e comunicar-se com ele. Escrever significa ainda a possibilidade de deixar-se à posteridade. Expor-se. Deixar de estar só no mundo.

Em uma sociedade que negava às mulheres o direito da fala em público, escrever significava já de alguma forma se contrapor à ordem estabelecida; escrever poderia ser em si uma transgressão.

Nega-se à mulher primeiramente a alfabetização, pois ler e principalmente escrever podem propiciar elos de

comunicação não desejáveis para uma moça honesta. A mulher que escreve é vista com suspeita, tomada como perigosa, traiçoeira e fofoqueira. As correspondências femininas podiam arruinar honras, desorientar o mundo.

Por isso sabemos que essas senhoras enfrentaram uma série de obstáculos que vão além da necessidade da educação para se tornarem ao menos leitoras, mas romper também as portas do mundo da escrita, e mais precisamente da escrita pública. Segundo Marie- Claire Hooock- Demarle:

*"Saber ler e escrever é um primeiro passo, transposto relativamente depressa, mas as dificuldades começam com a livre escolha da leitura e a reflexão sobre os seus conteúdos. Quanto a investirem pessoalmente na escrita, essa é uma via que poucas ousarão tentar. Mas ler e escrever são também instrumentos da integração das mulheres no mundo moderno; ler implica uma organização social privilegiada com o público, mas ambos engendram formas de sociabilidade no seio das quais se opera uma reflexão das mulheres sobre si mesmas, sobre os meios que lhes são dados para se manifestarem, sobre seus modos de expressão específicos e sobre a sua percepção própria do tempo e do espaço"*²⁹

A partir da descoberta de si mesmas e dos outros, pôde surgir a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade cearense de então. Surge da reflexão a reação e a necessidade de transformar velhos valores, de lutar por espaços de inserção para se fazerem ouvir. Nesse sentido a mulher sábia começa a incomodar. Ainda segundo Marie- Claire:

"A mulher sábia inspira medo, é uma 'singularidade', já não é mulher ou então- e isso mais um olhar de homem- é ridícula, um espantinho que provoca em alguns 'arrepios de febre' (...) Enquanto se contenta em embelezar o espírito e colecionar amáveis citações para os seus álbuns de poesia, uma mulher 'cultivada' é o orgulho de seu noivo ou do seu

²⁹ HOOOCK- DEMARLE, Marie- Claire. "Ler e escrever na Alemanha". In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. (org.) *História das Mulheres no Ocidente. O século XIX*, vol.4. São Paulo: EBRADIL, 1991 pp. 171-172.

*marido. Mas se procura enriquecer os seus conhecimentos, se analisa o conteúdo das suas leituras, se as confronta com as realidades que a rodeiam, logo o espectro da mulher erudita regressa.*³⁰

Na medida em que as mulheres se encontram com a leitura e com a escrita vão pouco a pouco se descobrindo, estabelecendo relações umas com as outras, pensando sua própria condição de leitora-escritora, deixando claro que também querem ser ouvidas e que têm muito a dizer.

Perseguir, portanto, o itinerário dessas escritoras do período de Emília e Clotilde pode nos ajudar a entender muitas das falas de nossas duas autoras em estudo. Ajuda-nos a perceber a atuação política-escrita dessas mulheres.

Também nos permite responder a pergunta que Michelle Perrot nos colocou:

*"Ainda mais do que o espaço material, é a palavra e a sua circulação que modelam a esfera pública. Na hora da Revolução, Olympe de Gouges não se engana quando declara: 'A mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela também deve ter o direito de subir à tribuna!'" A idéia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. Restritas ao espaço privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permaneceram durante muito tempo excluídas da palavra pública. A opinião revela-se, no entanto, cada vez mais decisiva na constituição e no funcionamento da democracia. Sem o poder, como as mulheres ganharam influência nas redes durante muito tempo dominadas pelos homens? Primeiro pela correspondência depois pela literatura e, por fim, pela imprensa. Ainda que permaneçam restritas a tarefas subalternas, elas se inseriram em todas as formas do escrito. Conseguiram elas passar do oculto, que lhes é permitido, à visibilidade que lhes é contestada?"*³¹

³⁰ Idem, p. 179.

³¹ PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 57. Grifos nossos.

Na verdade, procurar o espaço das mulheres na literatura do século XIX é um trabalho fundamental para que possamos entender afinal "o que querem as mulheres?" e se elas adquiriram a visibilidade que Michelle Perrot indaga.

Mais do que saber se conseguiram ou não, o que nos interessa é seguir suas trajetórias e lutas por inserção no mundo público. Algo nos diz que de uma forma ou de outra elas estão historicamente ligadas pela profissão, trajetória, e temporalidade, escrevendo em um período em que muitas ficaram caladas. No fundo, seguir suas vidas é também descobrir um pouco do mundo das mulheres do século XIX. É nessa perspectiva que vida e obra entram em cena em nosso estudo; tomando quatro escritoras do período: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Serafina Rosa Pontes, Ana Facó e Alba Valdez.

1.3.1 Nísia Floresta Brasileira Augusta

Nísia Floresta nasceu em Papari (hoje Nísia Floresta) no Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810 e faleceu em Rouen, na França em 24 de abril de 1885.

É considerada a precursora do feminismo no Brasil, fundando já em 1838 um colégio só para meninas no Rio de Janeiro, na época capital do país. O Colégio Augusto funcionou por 17 anos, tendo uma formação considerada avançada no período, como o ensino de Línguas em detrimento da aprendizagem de trabalhos manuais tão frequentes à época.

Nísia também começa a escrever publicamente já em 1830 e provavelmente foi a primeira mulher a fazê-lo no país, levando-se em consideração que a imprensa havia chegado aqui somente em 1816. Publica contos, poesias, novelas e

ensaios em jornais como "O Diário do Rio de Janeiro", "O Liberal" e "O Brasil Ilustrado".

Em 1832 publica "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" que teve três edições. A obra era inspirada, ou melhor dizendo, livremente traduzida do livro de Mary Wollstonecraft, "Vindications of the rights of woman", uma das primeiras feministas inglesas.³² Nessa livre tradução, Nísia é a primeira a questionar o papel relegado a mulher na sociedade brasileira. Vejamos um pequeno trecho de "Direitos das mulheres e injustiça dos homens":

*"Se cada homem em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nascemos para seu uso, que não somos próprias, senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. Tudo isto é admirável e mesmo um muçulmano não poderá avançar mais no meio de um serralho de escravas. Entretanto eu não posso considerar este raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar. Os homens parecem concluir que todas as outras criaturas foram formadas para eles, ao mesmo tempo em que eles não foram criados senão quando tudo isto se achava disposto para seu uso. Eu, não me proporia a fazer ver a futilidade deste raciocínio; mas concedendo que ele tenha alguma ponderação, estou certa que antes provará que os homens foram criados para o nosso uso, do que nós para os deles"*³³

Como vemos, Nísia Floresta é bastante sarcástica em relação ao papel socialmente colocado para as mulheres, e numa leitura rebelde e inédita no país questiona o papel feminino na sociedade. Com a mesma intenção, toma a

³² Ver: DUARTE, Constância Lima. "Nísia Floresta Brasileira Augusta" In: MUZZART, Zahidé Lupinacci. (org.) *Escritoras Brasileiras do século XIX*. 2ª ed. Florianópolis: Editora Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, pp. 175- 193.

³³ AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989. Apud: MUZZART, Zahidé Lupinacci. (org.) Op.cit, p. 187.

maternidade como um elemento positivo para a valorização da mulher:

"Os homens podem absolutamente passar sem príncipes, generais, soldados, jurisconsultos, como antigamente e ainda hoje passam os selvagens; mas podem passar sem amas na sua infância? E se por si são incapazes de exercer este importante emprego, não precisam indispensavelmente das mulheres? Em um Estado tranqüilo e bem regido, a maior parte dos homens são inúteis em seus ofícios e inútil toda sua autoridade, mas as mulheres não deixarão jamais de ser necessárias enquanto existirem homens e estes tiverem filhos. (...)

Sem dúvida é preciso que os homens tenham a imaginação bem corrompida para olharem um exercício tão importante, como baixo e desprezível e para lhe recusar toda estima que na realidade merece. Com que liberalidade não se recompensa aquele que consegue domesticar um tigre, um elefante e outros semelhantes animais? E as mulheres, que passam seus belos anos ocupadas em amansar o homem, este animal ainda feroz, não serão pagas senão com desprezo?"³⁴

Nísia com muita perícia inicia uma luta de valorização da mulher no país, apontando como elementos considerados tipicamente femininos e naturalizados, no caso a maternidade, poderiam ser lidos de uma forma a valorizar o papel da mulher na sociedade. O discurso talvez nos pareça hoje um tanto quanto conservador, mas se entendermos que as funções da mulher como mãe e dona-de-casa eram tomadas como "naturais", a perspectiva da autora de valorizá-las e dar um caráter de virtude significou um avanço para o que estava posto no período.

A partir de uma "leitura rebelde", Nísia Floresta potencializa as funções da mulher. Afinal se as mulheres exercem a função de mães, donas-de-casa e educadoras dos filhos não mereciam portanto uma valorização especial, já que delas depende o futuro do país? Sim, pelo menos, numa lógica, positivista, racionalista e iluminista, ideários aos quais

³⁴ Idem., p. 188.

a maioria dos intelectuais brasileiros do século XIX estavam intimamente ligados e que perpassavam de uma forma ou de outra toda a sociedade. Dessa forma a escrita que poderia ser considerada conservadora, passa a ser revolucionária. Não se nega a função de mãe, mas a partir dela se exige um melhor tratamento para as mulheres. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

"As mulheres lutaram contra esse código hierárquico e, dentro das margens do que seria 'normalmente' aceito, conseguiram incluir assuntos, preocupações e mudanças de discurso, forçando os limites que definiram o assunto feminino e o espaço definido. De fato, escrevendo no plural sob a aparência do singular, as mulheres ocuparam, com suas vozes, espaços marginais e nem tão marginais na esfera cultural. Elas não apenas assinaram sob pseudônimos masculinos, mas também fingiram falar a partir de uma posição 'própria' e aceita, investindo, ao mesmo tempo, na modificação das leis que definiram os limites do apropriado."³⁵

É com essa tática que Nísia também reivindica a educação para mulheres, pois afinal se cabia à mulher educar e criar os filhos, como poderia fazer isso sem ser preparada com uma educação de qualidade. Mais uma vez, a autora não nega o papel consagrado à mulher, mas quer a partir dele ocupar espaços na sociedade. Pelo menos, é o que vemos no seu ensaio "Opúsculo Humanitário" de 1853:

*"Enquanto pelo velho mundo vai ressoando o brado-
emancipação da mulher-, nossa débil voz se levanta
na capital do Império de Santa Cruz, clamando:
educai as mulheres! (...)*

*Mais de um moralista tem estabelecido o princípio
que julgamos ter já demonstrado, isto é, que a
educação da mulher muita influência tem sobre a
moralidade dos povos e que é ela o característico
mais saliente de sua civilização.*

*Isto posto, indaguemos, à vista do estado atual da
educação das nossas brasileiras, quais os meios que
se tem empregado, há mais de três séculos, para
promover o seu desenvolvimento, em ordem a
conseguir os resultados felizes que dela se deve*

³⁵ SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 193.

esperar, quando dirigida por instituições sábias e liberais."³⁶

Como vemos Nísia, através dos conceitos do liberalismo e no rastro do discurso civilizatório, tão em voga no século XIX, insiste pela educação feminina, observando que nas "nações civilizadas" a mulher já tinha acesso à educação fora do lar. Se quiséssemos nos civilizar, teríamos que reconhecer a necessidade da educação feminina, afinal são as mulheres que irão educar os filhos, futuros cidadãos.

Com esse mesmo pensamento liberal, racionalista e positivista, Nísia também lutou pelo reconhecimento dos indígenas. Em "A lágrima de um Caeté", de 1849, toma o tema indígena de forma diferenciada. Segundo Constância Lima Duarte, "*A novidade é que o poema nos traz não a visão do índio- herói que luta, presente na maioria dos textos indianistas conhecidos, mas sim o ponto de vista dos derrotados, do índio vencido consciente e inconformado com a opressão de sua raça pelo branco invasor*". Vejamos um trecho:

*"Ó terra de meus pais, ó Pátria minha!
Que seus restos guardando, viste de outros
Longo tempo a bravura disputar
Ao feroz estrangeiro a Pátria nossa,
A nossa liberdade, os frutos seus!...
Recolhe o pranto meu, quando dispersos
Pelas vastas florestas tristes vagam
Os poucos filhos teus à morte escapos,
Ao julgo desses tiranos opressores,
Que em nome de piedoso céu vieram
Tirar-nos estes bens que o céu nos dera!
As esposas, a filha, a paz roubar-nos!...
Trazendo d' além- mar as leis, os vícios,
Nossas leis e costumes postergaram!
Por nossos costumes singelos e simples
Em troco nos deram a fraude, a mentira.
De bárbaros nos dando o nome, que deles
Na antiga e moderna História se tira."*³⁷

³⁶ AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez, 1989. Apud: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) Op.cit, p. 186.

³⁷ AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *A lágrima de um caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997. Apud: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) Op.cit, p. 184.

Percebemos a autora não apenas preocupada com as questões femininas, mas também se colocando na defesa dos indígenas numa forma diferenciada da literatura indianista e procurando descrever através da ótica do nativo a questão da invasão portuguesa.

Da vida pessoal sabemos que casou contra a vontade com Manuel Alexandre Seabra de Melo, abandonando-o em 1824. Vai em seguida para Olinda onde conhece Manuel Augusto de Farias Rocha, com quem teve três filhos. Em 1833, Manuel Augusto falece e após esse acontecimento Nísia não mais casa. Viaja com os filhos para a Europa vivendo 28 anos de sua vida nesse continente. Continua escrevendo e publicando, deixando para a posteridade uma volumosa e estimável obra.

1.3.2 Serafina Rosa Pontes

Serafina Pontes nasceu no Rio de Janeiro em 07 de outubro de 1850 e faleceu aos 73 anos em Fortaleza, em 11 de outubro de 1923.

Serafina Pontes teve a trajetória de vida marcada pela tristeza e por acontecimentos desagradáveis. Nasce como fruto de uma relação clandestina e, ainda recém nascida, é abandonada pela mãe. Passa a infância em casas estranhas, até ser adotada por Francisco Alves Pontes, médico sobralense, em viagem ao Rio de Janeiro. Chega ao Ceará, por volta de 1870, tendo problemas de visão que a acompanham no restante de sua vida.

Essa vida trágica, acreditamos, acabou por influenciar sua escolha literária. Todas as suas poesias estavam nitidamente marcadas pela tristeza e pela melancolia.³⁸

Serafina publica um único livro, na verdade uma coletânea de poesias intitulada "Livro da Alma" em 1894, prefaciado por Francisca Clotilde sua amiga pessoal, com quem divide não só o romantismo assim como os ideários abolicionistas e cristãos, tão presentes na obra de ambas.

Como perceberemos a análise que Serafina faz da própria vida é muito trágica e sem perspectivas. Talvez a poesia funcionasse como uma válvula de escape para a frustração que sentia. A trajetória de sua vida é descrita em seus versos do "Livro da Alma":

*"Foi no Rio de Janeiro
la o século em meio então
Era em casa de um viúvo.
Creio que tabelião.
Uma donzela estrangeira
Fora ser a companheira
De três crianças gentis;
E o pai destas crianças
Dela fez uma infeliz.*

*Um dia a desventurosa
Sentiu que estava pejada.
Sem saber o que fizesse,
Ficou tão envergonhada
Que deixou a residência
Onde perdera a inocência,
Maldizendo a sua sina.
Andou por casas estranhas
Sofrendo dores tamanhas
Té que teve uma menina*

*Ai! Pobre desgraçadinha,
Melhor lhe fora morrer.
Para que viera ao mundo
Para tantas dores sofrer/
Logo aos três meses de idade
Sua mãe, sem piedade,
Dela separou-se... Ai!*

³⁸ Ver : COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos*, vol. I. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975, pp. 175- 184 e DUARTE, Constância Lima. "Serafina Rosa Pontes" In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.) Op. cit. pp. 455- 468.

*E assim desventurada
Bem distante foi criada
De seus irmãos, mãe e pai.*

*Depois uma enfermidade
Fê-la cega, coitadinha!
Oh! Quantos padecimentos
Para uma inocentinha,
Sem conhecer seus parentes,
Sem vê-los, queridos entes,
Que lhe serviam de pais;
Sem poder aprender nada,
Ah! Que vida malfadada,
É padecer por demais!"³⁹*

Sua poesia, no entanto, não se limitou apenas a análise trágica de sua própria vida. Preocupou-se na construção de uma poesia enquanto forma de reação tratando do tema abolicionista em seus versos:

*"Meu Deus, concedei-me vida
Pr'a ter satisfação
De ver no Brasil extinta
A nódoa da escravidão.
E tu, oh! Escravocrata,
Deixa de trocar por prata
O teu inditoso irmão!*

*Deus quer a fraternidade.
Termina a desigualdade
Na brasileira nação!"⁴⁰*

Serafina teve vida para ver o fim oficial da escravidão no Brasil, em 1888. Ser abolicionista nesse período mais do que uma característica em comum das escritoras aqui em estudo, era quase uma premissa das pessoas ligadas ao movimento intelectual no país, já que o pensamento liberal, iluminista, positivista percebia a escravidão como um atraso nos caminhos para o progresso e a civilização. Por isso, o tema abolicionista era uma constante na época e abandonar a escravidão um passaporte para o progresso e para o

³⁹ PONTES, Serafina Rosa. Livro da Alma, Fortaleza: [s. n], 1983. Apud: MUZART, Zahidé Lupinacci. (org.). Op.cit, p. 455-457.

⁴⁰ Idem., p. 467.

adiantamento intelectual da nação, pelo menos no prisma das literatas aqui estudadas. E Serafina não foge à regra lutando pela abolição da escravidão.

Essa relação com a poesia enquanto fonte de alívio da tristeza e de combate por ideais pode muito bem ser resumida pela própria Serafina em seu poema "Ao som da flauta", deixando claro a importância da poesia em sua vida malfadada:

*"Porque motivo
A poesia
Não concretiza seu ideal?
Qual do poeta
Seu mesto fado
É desditado,
Sorte fatal!*

*(...)
No entretanto
A minha lira
Geme e suspira,
Ai! Sem cessar!
Amo deveras
A poesia,
Ela alivia
O meu penar.
Sincera amiga,
Oh! Poesia,
És minha guia,
Meu doce amor
Eu te prometo
Jamais deixar-te
Sempre adorar-te
Com nimio ardor"⁴¹*

1.3.3 Ana Facó

Nascida em Beberibe, Ceará, em 1855, Ana Facó atuou como educadora, romancista, poetisa e contista em Fortaleza. Filha de uma família de quinze irmãos, Ana inicia

⁴¹ Idem. p. 468.

seus estudos com aulas particulares da professora Carolina Pereira Ibiapina em Cascavel, em 1869. Em 1885 começa a freqüentar a Escola Normal em Fortaleza, diplomando-se já em 1887. Ana inicia sua carreira profissional no Ginásio Cearense, sendo logo após convidada para o cargo de professora auxiliar na Escola Normal.

Como já dissemos a profissão de professora era uma das poucas consideradas compatíveis com as mulheres. Até pela noção de que a função principal da mulher era procriar e educar filhos, exercer o magistério na educação de crianças seria a continuação previsível de uma tarefa já tomada como feminina. Se as mulheres poderiam ser boas mães, não era de se estranhar que pudessem ser excelentes professoras e educadoras. Claro que essa relação se estabeleceu como fruto de uma árdua luta, como bem sugerem os textos de Nísia Floresta. Foi preciso romper muitos preconceitos para que as mulheres pudessem estudar e atuar no magistério. De uma determinada maneira a instalação da Escola Normal em Fortaleza propiciou a entrada de muitas mulheres no magistério e este foi o caso de Ana Facó que como diz Maria Geraldina Amaral "*foi antes de tudo uma educadora*".⁴²

Ana Facó em sua atividade de professora foi convidada para ser diretora do primeiro Grupo Escolar de Fortaleza, em 12 de julho de 1907, cargo que exerceu até aposentar-se em 1913.

Em 1907 publica no "Jornal do Ceará", sob o pseudônimo de Nitio-Abá, segundo a própria autora significava "ninguém"⁴³, o romance "Rapto Jocosos", em

⁴² Ver: DUARTE, Constância Lima. "Ana Facó" In: MUZZART, Zahidé Lupinacci. (org.) Op.cit, pp. 745-757., AMARAL, Maria Geraldina. "Ana Facó" In: GALENO, Henriqueta. (org) **Mulheres do Brasil**. Vol. 01 Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971, pp. 71- 93. e BARROSO, Olga Monte. **Quem são elas**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará- IOCE, 1992., pp. 35- 36.

⁴³ É interessante o uso do pseudônimo pois nos leva a conjecturar o por quê de tal uso: Talvez uma espécie de proteção da escritora, já que poucas mulheres se aventuravam no mundo das Letras, talvez um estilo literário, ou então as duas coisas. Nitio-Abá ou Ninguém exprime um certo tom de impessoalidade e de recusa ao "reconhecimento" público.

formato de folhetim. O romance trata de uma história de amor entre Dunamira, moça sertaneja de uma família pobre e Reinaldo, também proveniente de uma família humilde. No desenvolvimento da narrativa surge outro pretendente a mão de Dunamira, Antônio, bem mais velho do que ela mas com maiores recursos financeiros do que Reinaldo. No entanto, Dunamira prefere a juventude e o amor de Reinaldo, desprezando Antônio. Inconformado, acaba raptando-a com o consentimento dos pais de Dunamira, que viam nesse casamento muitas vantagens financeiras para a família inteira. No final, Dunamira conforma-se e se casa, afirmando que está feliz no casamento. Reinaldo, por sua vez, casa-se com outra moça.

Apesar do caráter nitidamente conservador da narrativa na qual a protagonista rende-se à vontade da família e às conveniências econômicas e sociais, existem momentos no romance em que flagramos a tensão de Dunamira em fugir de um casamento contraído após ter sido raptada por Antônio. Essa prática foi muitas vezes utilizada no Ceará por parte dos enamorados como uma espécie de reação ao casamento não consentido. Uma moça de família uma vez raptada caía imediatamente "na boca do povo" e ninguém mais acreditaria na sua "pureza". E pureza significa virgindade, pré-requisito básico para um bom casamento, continuação da família, direito à herança e garantia para o homem de posse única da mulher. Então a única alternativa viável para a família de uma moça raptada era consentir o casamento, remediando com isso a possibilidade de má fama. De qualquer forma uma mulher nessas condições estava irremediavelmente "perdida" na perspectiva de um melhor casamento, pelo menos do ponto de vista da família.

No caso atípico de Dunamira a família já consentira antecipadamente, pelo fato de concordar com o casamento. Todavia para Antônio era difícil convencer Dunamira. Pelo

diálogo que se segue podemos perceber o embate entre os dois:

"- Quero que me digas por que não devo mais querer-me casar-me. (...) Só tu é que me achas velho assim.

- Só me casarei com o senhor quando as galinhas criarem dentes

- Não digas tal asneira. Lembras-te que, se casares comigo, terás tudo o que precisares; terás mais: tudo quanto quiseres.

- Estou satisfeita com o que tenho.

- Se te casares comigo, não hás de trabalhar como trabalhas agora.

- Ave Maria! Viver sem trabalhar? Não eu. (...)

- Não te sejas ingrata! Se te casares comigo, não terás um marido, mas um escravo que te há de obedecer sempre, que viverá somente para ti, que fará somente o que quiseres.

- Não faço empenho de escravos, e muito menos de um a quem devo obedecer"⁴⁴

Não apenas Dunamira não é convencida pelo poder do dinheiro, como também sabe muito bem das obrigações das mulheres para com seus maridos. Mesmo com a perspectiva de ter um que promettesse ser seu escravo, Dunamira não se deixa render. Como poderia ter um escravo se deveria servi-lo? Estranho paradoxo ao qual Dunamira tinha verdadeira repulsa, ou por achar Antônio mentiroso, o que era provável, ou por simplesmente não amá-lo, o que de fato acontecia.

Nessa passagem Ana Facó deixa explícito seu olhar progressista e civilizatório a cerca da sociedade. Dentro da lógica da necessidade do trabalho, a autora defende a idéia da atuação das mulheres fora do lar como uma maneira de adquirirem uma certa independência. Contudo, na classe social a que Dunamira pertencia, sertaneja pobre, trabalhar era algo comum para as mulheres

De qualquer forma Dunamira acaba sendo vencida pelas circunstâncias e pelas convenções sociais, resignando-se assim a um casamento inicialmente sem amor.

⁴⁴ FACÓ, Ana. *Rapto Jocosos: Romance popular histórico*. Fortaleza: Humberto, 1937.

Ana Facó ainda publica outro romance intitulado "Nuvens", em 1907, que aparece primeiramente como folhetim no "Jornal do Ceará". Os dois romances só foram publicados em formato de livro depois da morte de Ana Facó, já no final da década de 1930, oito anos depois de sua morte, em 1922 com 67 anos.

Ana ainda escreve "Minha palmatória", "Comédias e cançonetas" livro para crianças e um livro de memórias intitulado "Páginas íntimas".

Assim como outras escritoras de seu período e suas conterrâneas, Emília de Freitas e Francisca Clotilde, Ana sentia uma enorme necessidade de desculpar-se pelo que escrevia. Há três hipóteses para justificar essa atitude: a primeira, uma certa falsa modéstia; a segunda, um estilo literário próprio da época; a terceira, e a que nós julgamos mais viável, a clareza de que escrever e se colocar em público é uma tarefa difícil, principalmente para mulheres daquele período. Depois de décadas silenciadas, falar em público exigia coragem e astúcia, e pedir desculpas talvez fosse uma forma de se resguardar das críticas que pudessem por ventura aparecer:

"Meus cantos

*São meus cantos enleados
Como a virgem aos agrados
Do ente que mais amar
São sem arte e poesia
Mas talvez... talvez um dia
Melhor eu possa cantar."⁴⁵*

⁴⁵ FACÓ, Ana. Meus cantos. poemas

1.3.4 Alba Valdez

Dois anos após a publicação de "A Divorciada" de Francisca Clotilde, Maria Rodrigues, conhecida pelo pseudônimo de Alba Valdez fundava no Ceará a primeira agremiação literária feminina do país, a Liga Feminista Cearense em 1904. Pouco sabemos sobre a Liga, a não ser que era constituída pela seguinte diretoria: Alba Valdez como presidenta; a vice-presidência com Maria A. F. Portugal; ocupando a primeira e a segunda secretarias, respectivamente, Aurelinda Simões e Olga Alencar e finalmente Amélia Alencar na tesouraria e Júlia Moura como oradora.

É significativa a criação da Liga como a primeira tentativa organizada de inserção das mulheres no restrito mundo das Letras. Se não havia espaço nas seletas academias literárias ocupadas em sua maior parte por homens, Alba resolve fundar uma academia feminina, numa atitude evidentemente política.

Alba Valdez, nascida em Uruburetama em 12 de dezembro de 1874, veio aos treze anos de idade para Fortaleza onde estudou na Escola Normal, diplomando-se em 1889 aos dezesseis anos.

Participa de agremiações literárias cearenses como "Centro Literário", "Boêmia Literária" e "Iracema Literária". Toma posse em 1936 no Instituto do Ceará sendo ainda a primeira mulher a ter uma cadeira na Academia Cearense de Letras. Assim como Francisca Clotilde e Ana Faço também leciona na Escola Normal.⁴⁶

Alba destacou-se mais pelo trabalho em periódicos, constando a maior parte de sua obra de textos, crônicas,

⁴⁶Ver. BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, Monografia nº 18, 4º tomo, 1962, p.179-184, BARROSO, Olga Monte. "Alba Valdez" In: GALENO, Henriqueta. Op. cit., vol.02, pp. 485- 497 e HOLLANDA, Iloísa Buarque de. Op.cit.

contos e poesias. Embora não tendo concluído nenhum romance, sua luta pela integração e aceitação do elemento feminino no mundo da escrita foi uma constante em seu trabalho. Em 1930, Alba escreve no "Jornal do Comércio" de Fortaleza um importante texto intitulado "De Pé", no qual fala sobre a exclusão do elemento feminino na Academia Cearense de Letras, da qual havia participado em 1922 e excluída na nova fase de 1930. Infelizmente do texto só temos referências bibliográficas e nenhum exemplar do "Jornal do Comércio" de maio de 1930 foi por nós encontrado.

Alba dedicou boa parte do seu trabalho em falar da condição feminina no mundo das Letras. Em seu discurso pela comemoração do cinquentenário do Instituto do Ceará em 1937, não perdeu a oportunidade de falar dos obstáculos enfrentados por muitas mulheres:

"Aprendia sobre o Brasil a superioridade que gozam sobre os outros países do mundo, riqueza na fauna, flora e minérios, extensão magnífica de terra e mais significativa a das praias. Habitava-se a amar o Brasil pelo que ouvia e não pelo que sentia. Foi nesse ambiente, quando a mulher era mais mimada do que realista, quando pouco se comentava a bravura de Bárbara de Alencar nos idos de 1817, proclamando a República no Crato, aderindo ao movimento de Pernambuco, que fracassou. A bravura de Jovita Alves Feitosa, notabilizando-se na guerra contra os Paraguaiois. A bravura de Maria Tomásia Filgueiras Lima, heroicamente batalhando pelo movimento abolicionista.

A mulher cearense do fim do século dezenove vivia naquele círculo fechado e compressor da família. Numa sociedade ruceosa de escândalo diante de tantos preconceitos, tendo ainda o pai da família, na figura patriarcal e temida. O chefe que fechava o seu clã dentro dos limites de uma conveniência exagerada e artificial, tendo, como principal efeito desse rigor, o irrealismo da formação de suas filhas. A leitura da jovem era vigiada com severidade, assim sendo perdia ela grande parte do interesse por um prolongamento.

As prendas domésticas, sabia-as quase todas, tocava piano, cantava e enfeitava-se. As moças liam

*Olavo Bilac, Escrich, George Ohnet e as poesias de Cassémiro de Abreu e Castro Alves*⁴⁷

Alba apresenta os limites enfrentados por muitas mulheres para adquirem a educação e a partir dela prolongarem os estudos e os campos de visão. Ainda em 1937, ano da escrita desse discurso de Alba, as reivindicações de Nísia Floresta sobre a educação feminina eram muito atuais. Mesmo quando tinham acesso à educação, essa era vigiada e limitada no sentido de preparar as meninas para serem apenas boas mães e donas de casa. Nesse sentido as leituras deviam se concentrar no âmbito da poesia romântica e mesmo assim com muito cuidado, porque como afirma Marie- Claire Hooek- Demarle " *ler é sonhar, portanto evadir-se, portanto escapar às contingências, as normas e às convenções; é fazer exatamente o contrário do que é permitido a uma mulher na (boa) sociedade do século XIX*"⁴⁸

Se a leitura já era vista com tanta ressalva, imagine-se a formação de mulheres intelectuais que definitivamente não era uma premissa a ser atingida quando pensava-se em educar as meninas.

Alba Valdez falece em 1962, com 88 anos dedicados à luta pelo reconhecimento das mulheres enquanto seres pensantes e capazes de exercerem atividades intelectuais.

Podemos afirmar que cada uma dessas mulheres ajudou a construir o que chamamos de uma literatura feminina no país e no Ceará do século XIX.

⁴⁷ VALDEZ, Alba. "Discurso de comemoração do cinquentenário do Instituto do Ceará" In: GALENO, Henriqueta.(org.) Op. cit. p. 400.

⁴⁸ HOOEK- DEMARLE, Marie- Claire. "Ler e escrever na Alemanha" In: PERROT, Michelle e DUBY, Georges. *História das Mulheres. O século XIX*, vol.04. Porto: Edições Afrontamentos. São Paulo: EBRADIL, 1991, p. 181.

Todas empenhadas na necessidade de se fazerem ouvir, de falarem da emancipação e das aflições femininas. Falando de si mesmas através de personagens talvez buscassem uma construção de identidade com outras mulheres.

Acreditamos que Emília de Freitas e Francisca Clotilde em seus romances se imbuíram dessa perspectiva, ou seja, falar do mundo feminino, discutir comportamentos e transformar as noções sociais sobre as mulheres.

Compartilhando da crença de que a literatura poderia transformar o mundo, Emília e Francisca procuraram ocupar seu espaço através de discursos, poesias, vidas e romances na tentativa de imprimir a "indelével marca do feminino".

O que queremos dizer é que embebidas do discurso cientificista, positivista e civilizatório, as mulheres de Letras procuraram galgar espaços políticos estratégicos na cidade. E mesmo que a literatura que praticavam estivesse eivada de traços do romantismo, procuraram a partir dela falar de si mesmas, criar heroínas e "compreender a alma da mulher" nas palavras de Emília de Freitas. Se a literatura ao construir discursos, cria possibilidades, mundos possíveis e lutas no papel, acreditamos que as mulheres de Letras do Ceará aproveitaram muito bem esse espaço e deram à sua escrita, um olhar e uma ação feminina.

É nesse sentido que a análise dos romances e das trajetórias de duas escritoras que se destacaram se torna repleto de importância e significado, permitindo-nos observar como Emília e Francisca construíram romances e personagens femininos em uma cidade e em um período tão complicado para as mulheres.

O romance "A Rainha do Ignoto" de Emília de Freitas está permeado de passagens e de situações em que a condição da mulher é sempre posta em questão. Do nosso ponto de vista "A Rainha do Ignoto" se constitui como um

romance chave para entender o comportamento, os dilemas e as lutas de mulheres não só da sociedade cearense, como também de boa parte das mulheres do país no período.

No caso de "A Divorciada" de Francisca Clotilde o que está em questão são os relacionamentos amorosos não permitidos às mulheres e vistos com maus olhos. A personagem central Nazaré se vê às voltas com um casamento imposto pelo seu pai, Coronel Pedrosa; contudo Nazaré mesmo apaixonada por Chiquinho, moço bom mas pobre, acaba cedendo à vontade do pai e entregando-se a um casamento sem amor.

Em "A Divorciada" o que podemos perceber é que a protagonista mesmo curvando-se às ordens do pai, apresenta vários momentos de tensão entre o desejo feminino e a vontade paterna e social. O divórcio de Nazaré como resolução de seu casamento fracassado é uma atitude rara no período, mesmo sendo planejado pelo seu pai. O que queremos dizer é que a literatura constituiu-se também como espaço privilegiado para lutas de mudanças de atitudes e pensamentos em relação às mulheres.

Emília de Freitas e Francisca Clotilde em seus romances se preocuparam em falar das mulheres e em colocá-las como personagens centrais, questionando assim a sociedade que cobrava muito das mulheres e em troca concedia-lhes muito pouco. Procuraram através da literatura um novo sentido e um novo lugar para as mulheres na sociedade cearense.

As relações amorosas baseadas no dinheiro, a busca incessante da mulher ideal e as normas comportamentais para as mulheres; as cobranças diárias de um comportamento exemplar, a "eterna" comparação ente a honesta e a prostituta, a estigmatização da mulher divorciada e os preconceitos em relação ao saber adquirido pelas mulheres,

tudo isso procuramos entender e aprofundar na "leitura rebelde" dos dois romances.

Iniciaremos essa discussão a partir do romance "A Divorciada"

Cap. II. Francisca Clotilde: entre a permanência e a ruptura

Francisca Clotilde nasceu em 1862 na cidade São João dos Inhamus, hoje Tauá, e aos quarenta anos, lançou em Fortaleza "A Divorciada", seu único romance. O livro narra a história de Nazaré e Chiquinho que por diferenças sócio-culturais não puderam vivenciar seu amor, sem antes enfrentarem um longo sofrimento.

Levada pelo pai, Coronel Pedrosa, Nazaré casa-se com seu primo Artur, bacharel em Direito, que ela não amava, mas que as condições sociais lhe impunham. Acontece que no desenlace do romance, Artur se mostra um homem de péssimo caráter, viciado no jogo e no álcool e completamente omissos de suas funções de marido, pai e provedor. Envolvido em dívidas de jogo, torna-se ladrão e provoca bastante sofrimento à Nazaré. Enquanto isso, Chiquinho que viajara para o Norte, tentando enriquecer e esquecer as humilhações que passara ao se envolver com uma moça de outro nível sócio-cultural, mostrava-se cada vez mais digno e honrado, demonstrando que dignidade e caráter não são determinados por classes sociais. Nazaré não podendo mais suportar a vida de martírio e seu pai, Pedrosa, movido por remorso e piedade, toma a decisão de divorciá-la do marido. Pouco após a separação, Artur vem a falecer vitimado pela tuberculose e Nazaré ainda guarda dois anos de luto, após a morte do ex-marido, para só depois casar-se com Chiquinho, seu grande amor.

Esse é o enredo de "A Divorciada" que sofreu em sua publicação um "cinturão de gelo" nas palavras de Otacílio Colares:

*"Datado de 1902. A Divorciada é um romance de assaz difícil caracterização". Surgido quando, no Ceará, a escola realista-naturalista se encontrava no auge da preferência dos nossos ficcionistas mais válidos e atuantes, talvez com ele, ou melhor, por certo com ele aconteceu o que, antes ocorrera a A Rainha do Ignoto, de Emília de Freitas: o estabelecimento de uma espécie de cinturão de gelo, um clima pior que o de combate- o da indiferença total e mesmo criminosa, porque significou omissão de toda a geração contemporânea da autora, determinando a quase total ignorância, por parte de várias gerações subseqüentes"*⁴⁹

Os poucos que conhecem o romance de Francisca Clotilde consideram que este conquista mais pelo título polêmico do que pelo enredo que era completamente conservador, pois mesmo se efetivando o divórcio, ele só ocorrera com intervenção e consentimento do pai de Nazaré. Em outras palavras, se o título do romance prometia uma heroína rebelde e avançada para a época, o que se vê construído por Clotilde não passa de uma personagem resignada, cristã e completamente dependente da vontade do pai. Pelo menos é essa a opinião de Abelardo Montenegro:

*"Implicitamente, o romance não faz a apologia do divórcio. Ao contrário, tacitamente condena-o. O drama conjugal encontra remédio na resignação cristã. A mulher deve confiar na justiça divina que pode tardar, mas chega finalmente."*⁵⁰

Opinião que se ver respaldada por Caterina de Saboya Oliveira:

"No entanto, o divórcio, pioneiro como tema no romance cearense, somente ocorre, n' A Divorciada, em condições extremas e, ainda assim, decidido

⁴⁹ COLARES, Otacilio. "A Divorciada de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido". Prefácio da 2ª ed. de "A Divorciada" de Francisca Clotilde. Fortaleza: Editora Terra Bárbara, 1996. Grifos nossos.

⁵⁰ MONTENEGRO, Abelardo F. O romance cearense. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (tip. Royal), 1953, p. 111.

pelo pai da protagonista. Ou seja, apesar do título polêmico à época e dos dados biográficos de sua autora, trata-se de um romance conservador, que não rompe com o poder patriarcal. Um romance, enfim, profundamente marcado pelos cânones católicos, traduzidos também nas recompensas e castigos finais distribuídos, respectivamente aos personagens 'bons' e 'maus'.⁵¹

Se o enredo do romance é conservador, mesmo acreditando que as coisas não estão tão dadas assim, percebemos momentos de tensão entre as personagens. Nas falas e pensamentos de Nazaré, mesmo quando resignada à vontade do pai, existem várias passagens em que ela pesa e avalia sua condição de mulher na busca pela felicidade conjugal.

Por outro lado, mesmo que o romance seja tomado como conservador, a trajetória de vida da escritora já valeria uma leitura atenta de sua obra. Francisca Clotilde casou-se em 1880 aos 18 anos com Francisco de Assis Barbosa Lima. Infelizmente sabemos muito pouco dessa união, mas o seu fracasso nos possibilita uma série de comentários sobre a trajetória pessoal da autora que podemos considerar inversa à leitura conservadora de seu romance. Sabemos que Clotilde termina por viver um relacionamento amoroso com o jornalista Duarte Bezerra com o qual ela tem quatro filhos.

A relação entre Clotilde e Duarte Bezerra rendeu uma série de preconceitos e pequenas lutas diárias travadas em uma sociedade onde as mulheres deviam se resguardar e se resignar na manutenção de um casamento, mesmo sem amor, até o fim dos seus dias. Afinal manter o nome de senhora honesta e respeitável era fundamental numa sociedade que prezava as aparências e as posições sociais.

No entanto, Clotilde não se resignou e muito menos se conformou, enfrentando, diferentemente de sua personagem

⁵¹ OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000, p. 113.

Nazaré do romance "A Divorciada", entraves morais e vários preconceitos anotados em seu diário em 11 de maio de 1894:

"Juntos como vivíamos, se dispuséssemos de elementos favoráveis, teríamos revolucionado o mundo! Não triunfamos da guerra crua que o mundo nos moveu? Por mais que a maledicência se cevasse na nossa reputação, não nos deixamos abater. O nosso amor, como escudo poderoso, nos protegia contra os nossos inimigos."⁵²

Deve ter sido de fato muito difícil para Clotilde assumir a relação com Duarte Bezerra, pois seu marido havia desaparecido de um asilo de alienados do Rio de Janeiro e dele nunca mais teve notícias. Encontrou-se portanto numa situação de entrave: esperar pela volta do marido, o que era considerado seu dever, ou começar uma nova vida. Clotilde optou pela busca da felicidade:

"homem sem personalidade, conhecido na intimidade pela alcunha de Zeguedegue. O marido da professora-romancista, certa vez, disse ao pai: - Meu pai, se a Chiquinha morrer eu boto uma bodega. Dado ao hábito da embriagues findou por enlouquecer, sendo internado no Asilo de Alienados do Rio, de onde fugiu para lugar ignorado. Clotilde desejava ardentemente construir um novo lar. Não podia, pois não sabia se o marido vivia ou não. A sua inteligência foi cada vez mais se deixando envolver pelos tentáculos do misticismo."⁵³

Essa mulher obstinada construiu uma trajetória de luta pelos direitos femininos, trabalhando arduamente enquanto professora e escritora. Foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal participando também, assim como Emília de Freitas, do movimento abolicionista além de ajudar na criação da Liga Feminina em apoio à candidatura oposicionista de

⁵² LEAL, Ângela Barros. "Em busca de Francisca Clotilde. Artigo introdutório da 2ª edição de "A Divorciada"

⁵³ MONTENEGRO, Abertado F. Op. cit., p.112.

Franco Rabelo a Accioly, escrevendo um texto onde fala da relação entre mulher e política:

*"Hoje, que o movimento progressista da humanidade se tem desenvolvido de modo extraordinário e animador, não é de estranhar que a mulher, deixando-se arrastar na onda do entusiasmo, fique ao lado do homem na luta pelas boas causas. Desde os tempos mais remotos, vêmo-las desempenhar um importante papel, apesar de ser considerada frágil e inconstante pelos espíritos pessimistas. A história bíblica fala-nos de Débora doutrinando o povo à sombra das palmeiras e dando-lhe planos de batalha para repelir o inimigo; mostra-nos a linda viúva de Betúlia que, inspirada por Deus, penetrou no campo dos Assírios e conseguiu degolar o general Holofernes, trazendo-lhe a cabeça como um troféu aos seus concidadãos que proclamaram a glória de Jerusalém, a alegria de Israel. (...) Em que pese aos obscurantistas, o tempo do fuso e da roca já desapareceu na voragem do passado e hoje a mulher, se não tem o direito de se apresentar nos comícios eleitorais, porque a lei não lh'o quis ainda conferir, tem o dever sagrado de acompanhar o homem, máxime quando ele se bate pela pátria em seus dias nefastos e trabalha pela liberdade e pelo progresso."*⁵⁴

Meçclando imagens e estereótipos já consagrados pela sociedade do período, como a imagem da mulher santa, caridosa, bondosa e com deveres sagrados, Francisca Clotilde vai pouco a pouco tentando inserir a mulher no mundo público e na participação política. Esse recurso foi utilizado por várias feministas e escritoras da época. Um rompimento que se dava não a partir da negação total de toda uma conceituação sobre o papel da mulher na sociedade, mas muitas vezes a partir da potencialização da imagem da mulher sofredora, lutadora e com missões sagradas. A partir dessas imagens tentava-se ampliar e justificar os campos de atuação das mulheres: se elas são responsáveis pela criação e educação da prole, deveriam ser também preparadas para assumir tão digna missão. E não vai ser ficando entre o fuso

⁵⁴ Ver COLARES, Otacilio, Op. Cit., pp. 12-13.

e a roca que a mulher vai se preparar para educar os filhos, zelar pela pátria e assim contribuir para o engrandecimento da nação. Ou seja, mesmo trabalhando com conceitos conservadores e tradicionais, Clotilde tenta angariar espaços de atuação para as mulheres no mundo da política institucional. Como aponta Roger Chartier:

*"As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas a forma de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão"*⁵⁵

Clotilde conseguiu abrir muitas portas para sua época. Escreveu em vários jornais, entre eles no mesmo periódico que Emília de Freitas escrevia, "O Libertador". Publicou em 1881 "Noções de Aritmética" para uso escolar, também lançou uma coleção de contos e um drama em três atos, "Fabiola", além de participar do Clube Literário que lançava um periódico intitulado "A Quinzena".

Fundou uma escola mista, fato novo para a época, em Fortaleza e depois a transferiu para Baturité. Um espaço em que meninas e meninos estudando juntos podiam provavelmente trocar idéias. É também em Baturité que Clotilde lança a revista "A Estrela" na qual muitos escritores e escritoras publicaram textos.

Clotilde também se destaca na escrita de sonetos sobre amor, pátria e paisagens campestres. Muito provavelmente sua relação com a poesia a aproximou de Serafina Pontes, poetisa considerada por Otacílio Colares a primeira ultraromântica do Ceará. Não é à toa que Clotilde lhe dedica assim como a Alba Valdez o livro "A Divorciada". Sua aproximação com Serafina Pontes rendeu até um prefácio na

⁵⁵ CHARTIER, Roger. "A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas" In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.7, nº 13, 1994, p. 109.

coletânea poética "Livro d'Alma" lançado pela poetisa em 1894.

"Minha querida Serafina

Escolheste-me para apresentar a pia batismal da imprensa o teu Livro d'Alma.

Se eu ainda encarasse a poesia pelo prisma fascinante com que ela outrora me sorria, com certeza faria uma análise, embora sucinta e imperfeita de teus versos; mas já se foram todas as minhas ilusões e caí no árido terreno do prosaísmo com o coração calcinado de desenganos e o cérebro esterilizado para as luminosas e boas inspirações, me é quase impossível corresponder condignamente à honra que me fazes.

No teu livro revelas os anseios de uma alma que busca através dos desertos da vida a palmeira verdejante, que nos areias da África seduz o viajante requeimado pelo Sol e pelas ardências da terra, e que buscamos nos desertos ideais na doçura de alguma afeição correspondida.

Exaltas a sublimidade da virtude, rendes um preito eloquente à liberdade, cantas a glória, o amor, a amizade, sabes enfim apresentar sob as mais singelas e encantadoras imagens as concepções de teu talento que voa bem alto, atraído pela luz da inspiração, fanatizado pelo encanto do bem.

Eu que compreendo teu coração, que o tenho visto expandir-se a extravasar ternuras, quando mais rude o sacode o embate da dor, faço votos para que o teu Livro d'Alma seja acolhido entre aplausos e bênçãos, apreciado e festejado pelo público mais exigente."⁵⁶

Notamos uma atitude de amargura por parte de Clotilde em relação ao romantismo e à poesia romântica. A escritora contava trinta e dois anos e acabara de perder seu grande amor Duarte Bezerra, falecido em janeiro de 1893. Quase uma década depois nossa protagonista publica "A Divorciada", romance em que pese todas as críticas as quais já nos referimos, nos abre as possibilidades de uma leitura sobre a emancipação feminina, a crítica social e a imagem de homens construídas na pena feminina de Clotilde. Como a

⁵⁶ Francisca Clotilde in: COLARES, Otacílio. *Lembrados e Esquecidos*. Vol.VI, Fortaleza: Senado Federal, 1993, pp. 30-31.

própria autora coloca em "A Divorciada":

*"É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada"*⁵⁷

Mais do que estabelecer uma relação hierárquica valorativa na literatura- de obra maior ou obra menor - como é de praxe na análise da literatura feminina, procura-se entender a sociedade, o olhar das mulheres e o comportamento feminino nesse romance.

2.1 A DIVORCIADA

Francisca Clotilde inicia seu romance "A Divorciada" de forma bastante intrigante: *"Não pense o leitor benévolo que vai ter diante dos olhos um romance de cenas aparatosas, cheios de peripécias emocionantes e de lances extraordinários. É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada"*⁵⁸

Francisca adverte ao leitor "benévolo" de que nada de muito emocionante será encontrado em seu romance. Ao contrário de Emília de Freitas que carrega sua narrativa "A Rainha do Ignoto" de cenas extraordinárias e de aventuras, o romance de Francisca Clotilde promete singeleza. Nada de grandes aventuras, apenas uma história de amor puro contrariado pelos impasses sociais, mas que depois de vários percalços consegue se realizar.

Se a intenção de Francisca fora arrefecer os leitores sedentos por aventuras, talvez tenha conseguido. Por outro

⁵⁷ CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p. 81

⁵⁸ CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996. "Cartão de visita", Apresentação da obra, p.81.

lado, é possível também que possa ter despertado o desejo da leitura de sua "narrativa singela", na medida mesmo em que tenta não instigar seu público, acabando num efeito contrário por provocar sua curiosidade. Proibindo, convida. Limitando, abrange. Entramos curiosos na leitura de "A Divorciada", mesmo com as precauções já expostas de que nada de muito novo encontraríamos no romance. Mesmo advertidos, ou justamente por isso, penetramos teimosamente no romance e percebemos que para a intenção do nosso trabalho estudar o mundo das mulheres cearenses na virada do século XIX e início do XX a partir da obra "A Divorciada", representa uma tentativa de recuperação dos momentos de tensão das personagens femininas e do momento da escrita de Francisca, onde letra e vida se articulam. São tais as tarefas que consideramos importantes e necessárias no ofício dos historiadores, em especial das historiadoras feministas.

Resolvemos então adotar como forma de estudo e análise seguir a narrativa por personagens, familiarizando, dessa forma, os leitores com as obras. Seguiremos "A Divorciada" buscando nela hábitos, costumes, normas comportamentais e momentos de tensão que a pena feminina de Francisca procura registrar. Na tentativa de colocar o divórcio, um assunto inédito para a literatura de sua época, a autora já propõe um novo aspecto a ser colocado em discussão na sociedade. Levando em conta esse fato analisaremos o papel questionador da literatura, e em nosso caso, da literatura feminina.

2.2 Nazaré, mulher resignada?

Nazaré, personagem central do romance tomado como fonte, chegou em Redenção quando "o sol avinhava-se do

acaso". Viera para se recuperar de uma tuberculose, doença muito perigosa no século XIX. Respirar o ar puro do campo era a receita considerada fundamental pelos médicos do período. Acreditava-se que o ar campestre pudesse trazer benefícios aos tuberculosos, diferentemente do ar da cidade considerado impuro, prejudicando o organismo, principalmente os dos mais debilitados. E por essa receita médica Nazaré veio à Redenção, interior do Ceará, junto com o pai Coronel Pedrosa e suas duas irmãs.

A primeira impressão que a narradora nos dá sobre Nazaré é esta:

*"Era uma criatura privilegiada, tinha uma alma de eleição sempre disposta à bondade, procurando ensejo para derramar consolações no sofrimento alheio. Chorava pelos outros, sentia pelas crianças infelizes uma ternura especial. As outras chamavam-na irmã de caridade e ela era realmente digna desse título quando sentava ao colo um pequerrucho que a desgraça orfanara bem cedo e cobria de beijos suas facezinhas esmaecidas onde timidamente apareciam sorrisos que se acentuavam à tepidez daquelas carícias nascidas ao influxo da caridade."*⁵⁹

Temos aqui a construção da boa samaritana; segundo Abelardo Montenegro, "a primeira samaritana da literatura cearense"⁶⁰. Uma personagem que se destaca pelo auxílio aos carentes, aos necessitados e principalmente às crianças. Tudo isso reforçado pelo fato de ser essa samaritana uma tuberculosa que, ao invés de estar preocupada com a própria saúde, preocupava-se com o sofrimento alheio.

Adorada pelo pai viúvo, Coronel Pedrosa, que após a

⁵⁹ CLOTILDE, Francisca. Op. cit., p. 91.

⁶⁰ MONTENEGRO, Abelardo. Op. cit.

morte da esposa passou a devotar à filha um amor muito maior do que já tinha:

*"Quando a moléstia atingiu-a e pesou sobre a casa uma tristeza de morte, um pressentimento negro de fatalidade, e o pai que a idolatrava, ainda mais depois da morte da esposa, curtiu longas torturas em noites de insônia, julgando perder a mais bela esperança de sua vida"*⁶¹

Nazaré era a filha perfeita, caridosa, obediente e que não havia causado desgosto algum ao pai. Sempre atenciosa e muito mais resguardada, agora, por causa da doença. Nazaré cumpria perfeitamente o papel cobrado da boa filha, mesmo quando se dedicava àquilo que era considerado devaneio para as moças do período, ou seja, "a leitura de romances galantes", Nazaré fazia uma leitura considerada "apropriada" às moças:

*"Admirava-se quando lia romances, do meio entontecedor das grandes capitais. Revoltava-se com aquelas noites de loucura passadas na ópera de Paris, nos restaurantes, em que a saúde dos moços se arruína e a falta de repouso acarreta conseqüências funestas para o vigor físico e o bom humor. Era tão feliz o casal rústico morando em uma casinha perdida na folhagem, perto de um regato murmurante que lhes trazia agradável frescura e onde os pássaros em doce revoada, vinham dessedentar-se nas horas de calor"*⁶²

Percebemos nessa passagem a análise da personagem sobre as relações entre o campo e a cidade. Nazaré acredita que a vida no campo é muito mais saudável que a vida na cidade e que até o amor poderia ser mais bem realizado no campo.

Em "O campo e a cidade na história e na literatura" Raymond Williams analisa, na literatura inglesa, a dicotomia entre esses dois espaços:

⁶¹ CLOTILDE, Francisca. Op. cit. p. 91.

*"Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizam-se e generalizam-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida- de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações- de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antigüidade clássica."*⁶³

Em nosso caso, Nazaré opta pela primeira imagem, talvez numa análise romântica e idílica sobre o campo, contudo a personagem acredita piamente nas benesses e bondades desse espaço, visto aqui como lugar de pureza e inocência, onde a felicidade poderia ser mais facilmente alcançada, assim como o retorno de sua saúde.

Essa mesma leitura romântica tem Nazaré ao ler "Paulo e Virgínia" de Bernardui de Saint Pierre (1787). Essa leitura merece ser aqui descrita porque ela nos fornece uma chave preciosa para uma análise mais detalhada de nossa personagem:

"Lera aos 13 anos 'Paulo e Virgínia' e guardara no íntimo do coração a fragrância virginal daquele poema que imortalizou o amor ingênuo de duas crianças feridas rudemente pelos golpes do mais cego e implacável destino.

*Nas suas longas horas de insônia, ou nos acessos de fraqueza que a prostravam e num atordoamento de modorra recordava os menores detalhes das cenas passadas entre as duas crianças que se tinham identificado a ponto de uma não poder passar sem a outra, e imaginava que no lugar de Virgínia não teria embarcado, ausentando-se do seu companheiro de infância. Chorava tanto ao desenlace daquele idílio infantil e apostrofara a tia inoportuna que cortara a ventura da doce amiguinha de Paulo."*⁶⁴

⁶² Idem, p. 93.

⁶³ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 11.

⁶⁴ CLOTILDE, Francisca. *Op. cit.*, p. 94.

A cena nos ajuda a entender os momentos de contradição e de tensão de Nazaré. A partir dessa leitura e da possibilidade de se colocar no lugar da personagem principal do romance que lê, Nazaré não se apartaria de seu amor. Sendo assim imagina um outro desfecho para a história de Paulo e Virgínia, recriando um final feliz. Segundo Michel de Certeau:

*"Análises recentes mostram que 'toda leitura modifica o seu objeto', que (já dizia Borges) 'uma literatura difere de outra menos pelo texto do que pela maneira como é lida', e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se portanto 'o livro é um efeito (uma construção) do leitor', deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de lectio, produção própria do 'leitor'. Este não toma o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a 'intenção' deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir pluralidade indefinida de significações."*⁶⁵

Portanto, Nazaré não constrói uma leitura passiva de "Paulo e Virgínia". Nesse momento a Nazaré resignada dá os primeiros sinais de uma futura rebeldia, opondo-se a uma vontade "materna" da tia fictícia em "Paulo e Virgínia". Será que no decorrer da narrativa ao se ver impelida pelo pai a um casamento sem amor em detrimento de uma paixão verdadeira e singela, Nazaré agiria realmente como propunha à personagem fictícia Virgínia?

O "destino" parece demonstrar que não, mas antes de chegarmos à resposta, é necessário seguirmos com Nazaré a trajetória de sua paixão por Chiquinho.

Chiquinho era um jovem rapaz e sacristão da cidade de Redenção, sendo assim apresentado na narrativa:

"Todos os semblantes apresentavam sinais de satisfação e ao chegarem ao adro da igreja era uma verdadeira festa. Quando se aproximara o moço encarregado de exercer as funções de celebrante e que era um dos mais guapos mancebos do povoado, de rosto simpático, olhar expressivo, sorriso insinuante, a alegria aumentava, e mais de um rosto de devota se denunciava coberto de um rubor misterioso ao corresponderem a saudação feita com aquele bom modo que mostra o homem superior, mesmo sob a aparência rústica do filho do campo.

Era muito estimado o Chiquinho, já pelas excelentes qualidades que o colocavam em esfera superior a dos outros seus conterrâneos, já pela influência política de seu pai, homem de rija têmpera e que, embora de gênio violento e sujeito a explosões bem intempestivas, era de uma retidão de caráter a toda a prova. Além disso Chiquinho tinha alguns conhecimentos bebidos na leitura constante de livros que lhes emprestava o vigário, que o nomeara procurador da capela e que nele depositava a maior confiança."⁶⁵

Chiquinho destacava-se do meio rural em que vivia. Tinha conhecimentos de leitura e era estimado na pequena Redenção, ocupando um lugar de prestígio na capela como sacristão, sendo ainda filho de um respeitado e influente cidadão do lugar. Enfim, Chiquinho era considerado o modelo de bom rapaz. E com as mulheres... Com as mulheres Chiquinho transtornava espíritos, causava "frisson", provocava sussurros e passava indiferente, deixando atrás de si a sua legião de enamoradas:

"Para as moças era um- Santo Antoninho onde te porei, - e noite de S. João choviam as priminhas de voz melíflua e olhares ternos a convidá-lo para passar a fogueira.

Ele, que não era perfeito, porque neste vale de lágrimas todos temos as nossas fraquezas, tinha o fraco de borboletear e conjugava o verbo amar por mera brincadeira.

Contavam que uma moça filha de um amazonista tivera por ele uma forte paixão e assaltara—lhe o coração por todos os modos, sem colher o mínimo resultado e contentando-se a ser,

⁶⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000., pp. 264-265.

⁶⁶ Idem, p. 84.

depois de muitos suspiros, e quiçá de muitas lágrimas, uma simples priminha de fogueira como as outras.

A irmã do vigário manifestara-se também como assaltante de seu coração e era bem bonita ela, com uma cor tentadora de jambo e uns cabelos negros a emoldura-lhe o rosto gentil.

Bateu igualmente em retirada, e depois dela muitas outras fizeram as mesmas tentativas e sempre com um resultado negativo.

Não perdiam entretanto as esperanças, e quando o Chiquinho com o livro do mês mariano debaixo do braço entrou naquela bonita tarde de maio na capela para rezar os exercícios do 10º dia, mais de um suspiro se levantou e muitos olhares fizeram dele o alvo de suas setas."⁶⁷

Nenhuma moça parecia capaz de atingir o coração de Chiquinho, e olha que algumas delas como a filha do "amazonista" havia tentando de várias formas. Choviam convites para as festas de fogueira de São João. Todas utilizavam nas festas juninas das artimanhas de contatopassar fogueiras para tornarem-se primos, segundo a tradição- para se aproximarem de Chiquinho.

No Nordeste a comemoração das festas juninas tinha, e tem, um caráter de confraternização e fartura. São estabelecidos laços de parentesco, fazem-se padrinhos e madrinhas, assim como primos através do ritual de passar a fogueira. Existe uma quadrinha popular, bastante antiga, que as pessoas costumavam dizer para selar o novo acordo de parentesco: "*São João disse, São Pedro confirmou, pra você ser meu padrinho que Jesus Cristo mandou*". Essa quadrinha era repetida por afilhados (as), padrinhos, madrinhas e primos de fogueira, criando-se assim um vínculo de parentesco tão necessário para a manutenção do *status quo* das elites nordestinas. Era na e pelas relações sociais de parentesco que muitas famílias mantinham a dominação política através de práticas paternalistas que visavam o reconhecimento do seu poder. Muitas vezes pessoas não

⁶⁷ CLOTILDE, Francisca. Op.cit, pp. 85-86.

ligadas às famílias dominantes por laços consangüíneos, acabavam entrando para a "família" através das fogueiras juninas.

Por outro lado, era também nesses momentos de festas que muitas moças atreviam-se a convidar os rapazes para serem primos de fogueira, tentando aproximar-se do alvo de suas atenções. Chiquinho, segundo nos aponta a narradora passou por tal processo. Desejado pelas moças de Redenção, era sempre cotado para ser primo de fogueira, "borboleteando" entre um ou outro romance.

Em uma sociedade tão hierarquizada, onde a maioria das mulheres tinha tão pouco espaço de atuação, as festas juninas configuravam-se num daqueles poucos momentos em que as meninas poderiam se atrever um pouco mais e convidar os rapazes para "passar a fogueira". Uma outra ocasião propícia para a aproximação entre moças e rapazes se dava na missa de domingo. A igreja constituía-se como um dos espaços possíveis em que a sociabilidade se fazia. As famílias se encontravam e punham a conversa em dia. No caso do romance, muitas moças só tinham a oportunidade de ver e ouvir Chiquinho durante a leitura domingueira na celebração, podendo quem sabe, com alguma sorte, até iniciar uma pequena conversa ou uma troca de cumprimentos. Não é de se estranhar portanto que a entrada de Chiquinho na igreja provocasse sussurros e suspiros entre as moças.

No entanto o jovem não era apenas "o santo Antoninho onde te porei?" das meninas de Redenção. Ele também praticava a caridade e ajudava os mais necessitados:

"Se havia um terço de promessa levam-no quase profissionalmente para tirá-lo, se um pobre agonizava num grabato miserável em mansarda escura, lá ia o rapaz, e era consolador vê-lo, tão cheio de vida, os belos traços traduzindo a dor de ver sofrer um semelhante, a recitar as orações da hora suprema. Os pobres adoravam-no, e raro era o

casal desprotegido da fortuna que não o escolhia para padrinho dos filhos."⁶⁸

Foi justamente a caridade e a benevolência para com os menos favorecidos que propiciou o encontro entre Chiquinho e Nazaré. A heroína de Clotilde ao visitar uma mulher doente viu pela primeira vez aquele que ganharia seu coração para sempre:

"Então, acha que ela tem febre? Conheceu a pessoa que lhe dirigia a pergunta e o som daquela voz que tinha um encanto inexprimível ressoou-lhe agradavelmente aos ouvidos.

'Sim, ela tem febre, respondeu'. E seus olhos que se tinham levantado para observar o moço baixaram-se meio envergonhados, porque o olhar dele lhe fora direitinho ao coração.

Como explicar a emoção súbita que lhe causara aquele olhar?

E no entanto era bem simples o gesto do moço e fora com o mais visível acanhamento que ele formulara a pergunta acerca do estado febril da doente

Nazaré sentiu acerejarem-lhe as faces empalidecidas, recordando o dia em que chegara ao povoado e fora assistir aos exercícios na capelinha branca, cujas janelas verdes já desbotadas pela ação do tempo pareciam receber com alegria o ar vivificante dos matagais em flor. Vieram-lhe rapidamente ao espírito as versões que corriam acerca do rapaz; sua caridade, seus bons costumes, o ascendente que exercia sobre os habitantes do povoado, envolveram-no ao seu olhar como uma espécie de auréola e achou-se muito superior aos janotas da cidade, ridiculamente enfatuados nos seus uniformes custosos, com pretensões a agradar pela forma de dar o laço na gravata e colocar ao peito uma orquídea meio desabrochada. Este possuía a tez crestada pelo sol do campo, as mãos eram calejadas pelo trabalho grosseiro; mas que expressão eram calejadas pelo trabalho grosseiro; mas que expressão de bondade não se lia nos seus olhos! Quanto benefícios espalhava a mãos cheias pelos pobres e desvalidos! O pensamento da moça estabelecia comparação e trouxe-lhe a conclusão de que neste mundo, o tesouro mais sólido, a recomendação mais preciosa é um caráter honesto e

⁶⁸ Idem, p. 85.

*uma consciência sem mancha.*⁶⁹

E assim se iniciou o amor de Nazaré e Chiquinho; o instante de um olhar em um movimento que definiria para sempre a trajetória dos protagonistas. Nazaré gosta do que vê.

A partir do olhar surge a comparação inevitável com os "janotas da cidade", comparação seguirá a partir daqui os pensamentos de Nazaré. A leitura idílica do campo, como lugar de paz, bondade e inocência, ajudará Nazaré a formar uma opinião inicial sobre Chiquinho. Ele vive no campo, tem a "tez crestada pelo sol", as "mãos calejadas pelo trabalho grosseiro", no entanto em seu olhar, em suas atitudes de caridade, Nazaré percebia uma bondade inerente, constituinte da personalidade do rapaz, muito diferente dos "janotas", que apesar de viverem em meio civilizado, não tinham aquilo que Nazaré considerava o tesouro mais sólido, a recomendação mais preciosa: "um caráter honesto e uma consciência sem mancha". E tudo isso Nazaré percebeu num relance de olhar e pelo que tinha ouvido falar. E também influenciada pelas leituras românticas sobre o campo.

Desse ponto de vista, o campo parece isento de qualquer dificuldade econômica, política ou social, enfim, é essencialmente bom e aqueles que vivem nele também. Segundo Raymond Williams, essa leitura e escritura sobre o campo escamoteou várias relações desiguais, impedindo, de uma determinada forma, de se enxergar as concretudes da vida tanto do campo como na cidade:

"Se o que se via na cidade não podia ser aprovado, por tornar evidente a sordidez das relações decisivas que regiam as vidas das pessoas, o remédio não era jamais a moralidade da vida simples e pensamentos novos trazida por um visitante, nem uma conversa

⁶⁹ Idem, pp. 95-97.

vazia sobre campos verdejantes. Era uma mudança das relações sociais e da moralidade essencial. E era precisamente neste ponto que a ficção de 'cidade e campo' era útil: para promover comparações superficiais e impedir comparações reais."⁷⁰

Sabemos que as relações no campo não eram, e nem são, tão idílicas como se afigurou em alguns registros literários. No caso de "A Divorciada" essa imagem bucólica do campo fica clara nos pensamentos de Nazaré através da comparação que ela estabelece entre Chiquinho e os "janotas da cidade". De uma determinada maneira, como aponta Raymond Williams, essa imagem idílica do campo ajuda a criar a aparência de um espaço sem problemas sociais.

No desenrolar da narrativa iremos perceber que a imagem do campo absorvida e recriada por Nazaré será pouco a pouco questionada por si mesma ao se perceber apaixonada por Chiquinho. Ela traçará as possibilidades de se ver enlaçada com alguém que não participa do círculo da cidade, no caso, Fortaleza.

Chiquinho passara a freqüentar junto com sua irmã Loló a casa de sua enamorada a convite da mesma. Esse detalhe é interessante para demarcar quais eram as relações entre Chiquinho e Nazaré, já que não existia nenhum vínculo oficial e nenhuma intenção aberta de namoro.

Ela, ao descobrir que Chiquinho tinha uma irmã mais nova convida-os para freqüentarem sua casa, visto que sozinho e sem a companhia de uma irmã que justificasse sua presença na casa de uma moça de família, estaria claramente demarcado que havia intenção de namoro. Não poderia e nem teria como justificar a presença apenas de Chiquinho em sua casa. Indo com a irmã eles estariam livres da maledicência alheia, não havendo necessidade de Chiquinho abrir claramente suas intenções, nem Nazaré as suas. Pois mesmo

⁷⁰ WILLIAMS, Raymond. Op.cit. p. 79.

se vendo apaixonada, ela mantém uma postura titubeante diante da possibilidade de unirem-se.

"Lia distraidamente um romance francês, do qual desejava traduzir certas passagens que diziam bem as condições em que se achava. Supunha-se a heroína do livro uma moça corajosa que arrostava com a vontade do pai para casar com um pintor que lhe conquistara inteiramente a alma. No lugar da protagonista teria feito o mesmo. Os pais não tinham o direito de opor-se as inclinações dos filhos, desde que visassem um fim legítimo. Era muito obediente, idolatrava o pai, mas se a sua felicidade dependesse de alguém que ele não visse com bons olhos, saberia reagir. Não era possível que a contrariassem. Habituada desde a infância a toda sorte de mimos só podia esperar a continuação desse carinho em que a haviam envolvido e que era como um manto agasalhador muito tépido e macio estendido continuamente sobre a sua fraqueza. Voltava-lhe a reflexão. Fazia mal em ler romances que lhe exaltavam a imaginação doentia. Para que havia de estar pensando em casamento? Convinha-lhe cuidar primeiro da saúde. E depois que ideal era o seu?"

Um matuto que não sabia entrar em um salão, que não poderia ser apresentado na melhor roda sem provocar censuras e ironias. Como haviam de escarnecer-lhe o mau gosto! Devia acabar aquele idílio que em má hora começara. Desgostar o seu paizinho tão bom, tão carinhoso para desposar um roceiro que mal conhecia, sacrificar a sua mocidade a uma quimera de momento, matar o futuro que lhe acenava em horizontes róseos, trocar a vida alegre das senhoras de bom tom pela rude existência de mulher de um camponês! Envergonhava-se de que seu espírito romanesco a tivesse levado tão longe! O ideal de uma existência a dois longe dos rumores do mundo numa casinha perdida entre a verdura dos prados era belo, mas muito inexequível para uma moça nas suas condições."⁷¹

Mais uma vez encontramos Nazaré a se debruçar na leitura de romances, imaginando-se heroína, contrapondo-se à vontade do pai. Se as leituras românticas "transtornavam os espíritos das incautas", como aponta Adolfo Caminha, Nazaré estava completamente tomada por essa leitura. Enfim,

⁷¹ CLOTILDE, Francisca. Op. cit., pp. 104-106.

devaneava e sonhava, achando possível enfrentar a tudo e todos para viver seu amor com Chiquinho.

No entanto, ao sair da leitura e deparar-se com a realidade, tendo que enfrentar o pai, vacilava. Afinal seu amor era o amor regido por romances, um amor que amava a si mesmo e extasiava-se com a sua própria capacidade de amar. Mas, diante da necessidade de uma ação e de uma reação, acovardava-se. Afinal a vida era diferente dos livros, como aponta Maria Angela D'Incão:

"O período romântico da literatura brasileira, especialmente a literatura urbana, apresenta o amor como um estado da alma, toda a produção de Joaquim Manoel de Macedo e parte da de José de Alencar comprovam isso. No romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. A escolha porém, é feita dentro do quadro de proibições da época, a distância e sem os beliscões. Ama-se, porque todo o período romântico ama. Ama-se o amor e não propriamente as pessoas. Apaixona-se, por exemplo, por uma moça que seria a dona de um pezinho que, por sua vez, é o dono de um sapato encontrado. O amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminados, as pessoas passam a suspirar e a sofrer, a desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então um conjunto de idéias sobre o amor.

As pessoas que amam aparecem nas novelas como possuidoras de uma força capaz de recuperar o caráter moral perdido, como no caso de Seixas no romance Senhora de José de Alencar. O amor é sempre vitorioso. Aurélia, em Senhora vence porque tinha um bom motivo: o amor. O amor dos romances vence sobretudo o interesse econômico no casamento. No mundo dos livros os heróis sempre amam.⁷²

Nazaré identificava-se com essa maneira de amar, ou seja estava mais atraída pelo ideal do amor do que pelo ser amado. Navegando com a leitura, delineando as passagens

⁷² D'INCÃO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa" in: PRIORE, Mary Del. Op. cit., p. 234.

com seu amor e concordando com a protagonista do romance que lia, opunha-se, em nome dessa idealização, à vontade paterna. No entanto ao deparar-se com a realidade não podia reger a sua vida de acordo com a literatura que lia.

Nesse momento percebemos que "A Divorciada", mesmo com tons e voltagens românticas, se diferencia de uma narrativa romântica em si, pois já nos encontramos no final do século XIX e muito do Naturalismo-Realismo já influenciara na literatura brasileira, e particularmente na cearense. Por isso vemos que a personagem na medida em que sonha também se depara com outra realidade: o fato de Chiquinho ser "um matuto". Diante disso, os sonhos do heroísmo romântico esvaíam-se. Por que se colocaria contra seu pai que a idolatrava para juntar-se a um "matuto" que não sabia entrar em um salão e que não poderia apresentar-se na melhor roda sem provocar censuras e ironias?

Nesse momento a imagem idílica do campo cai por terra. O campo é belo, o camponês inocente e honesto, mas "muito inexecutável" para uma moça nas condições de Nazaré, pelo menos do ponto de vista dela.

Nazaré percebia que perante a sociedade citadina casar-se com um "roceiro" seria uma espécie de rebaixamento social. Que a literatura romântica estivesse recheada de imagens belas do campo isso ficava para o mundo dos livros. Na "realidade", a sua "sociedade" diria que ela comprometera o seu futuro juntando-se a um matuto. O olhar da sociedade parecia assustar Nazaré mais do que o olhar do pai. Contra ele poderia reagir. Mas em relação à sociedade, reagiria? Ou melhor, desejaria fazê-lo?

Chiquinho também percebia a enorme distância que existia entre ele e a "praciana", como diziam os moradores da pequena Redenção. Diante de sua comunidade ele era visto com bons olhos, amado e disputado pela moças. Mas diante de Nazaré, a moça estudada e vinda da cidade, quem era

ele? O que representava? Acompanhemos a sua angústia:

*"Que mudança se operara nele! Andava alegre como se uma esperança de lisonjeiro futuro lhe alumiasse a alma. Até ali borboleteara ligando pouca importância às torturas que fazia sofrer, e se lhe diziam que alguma moça sofria por ele, achava isso bem absurdo e não lhe remordia a consciência, porque afinal que culpa tinha de o quererem, se ele não se declarava? O caso, porém, mudava. Uma atração invencível, o quer que era que ele não podia explicar, impelia-o a gostar de Nazaré! Ah! O coração tem exigências terríveis, e aos 20 anos faz explosões de Vesúvio! Compreendia que não lhe era indiferente; mas quem poderia afirmar que, prestando-lhe alguma atenção, ela obedecia somente a um capricho de coqueterice, querendo passar menos insípida aquela temporada no campo? Achava uma loucura julgar-se amado. Se bem que o amor pudesse nascer de um olhar, o tempo de suas relações era tão curto! E depois sentia-se amesquinhado diante dela! Com todo o seu aparato de boa educação o esmagava"*⁷³

Se Nazaré, ao se vislumbrar ao lado de Chiquinho, via um futuro morto pela escolha de alguém que não seria aceito na sociedade citadina, Chiquinho por sua vez percebia um futuro lisonjeiro e vencido pela primeira vez pela força do amor.

No entanto, ele tinha dúvidas. Poderia ser que a atenção dispensada fosse fruto apenas de capricho e um passatempo. Talvez ela estivesse se divertindo com seus sentimentos e alimentando "falsas" esperanças, tudo para tornar "menos" insípida a sua temporada no campo.

Por outro lado o que parecia ser mais marcante do distanciamento entre os dois na percepção dele, era a educação da moça.

Na narrativa não temos informações do grau de instrução de Nazaré. Sabemos que lia romances em francês e supomos que, como costume da época, tenha estudado com

⁷³ CLOTIDE, Francisca. Op.cit, pp. 101-102.

professoras particulares e talvez cursado a Escola Normal em Fortaleza. Instrução que para as moças do século XIX era um aparato cultural altíssimo.

Ele sabia ler e tinha acesso a alguns livros que o padre da paróquia o emprestava. Contudo, pelo menos sob o ponto de vista de Chiquinho, Nazaré era-lhe muito superior em questão de boa educação, acabando por se sentir amesquinhado e esmagado diante dela. E isto era uma enorme barreira, pois afinal causava certa temeridade uma mulher deter maior conhecimentos do que um homem.

Talvez para Chiquinho fosse uma loucura julgar-se amado por uma mulher que ele considerava superior, vinda da cidade com uma educação mais sofisticada, e que subvertia os padrões de que ao homem caberia ter maiores conhecimentos do que as mulheres e ser delas o protetor e senhor.

Já vimos que a moça coloca outros motivos, que passem talvez pela questão da educação, todavia o olhar discriminatório da sociedade apresenta-se como um empecilho maior para ela ao sentir-se impotente para desafiar as normas sociais sintetizadas na frase "cada classe em seu lugar".

Unir-se a um "simples roceiro" representava a descida de um degrau social. Nem mesmo Chiquinho poderia supor que a recatada e tímida Nazaré pudesse tecer esse tipo de pensamento sobre uma possível união entre os dois. Contudo, sim, ela tecia!

No entanto como "o amor tem razões que a própria razão desconhece", acontece um fato que põe por terra as ressalvas dela em relação a Chiquinho e mostra o quanto já estava pega nas malhas dessa paixão invencível:

"Deram 6 e ½ uma voz ouviu-se no limiar. Dão licença? E o Chiquinho com o mesmo ar prazenteiro

de quem desvanece de uma honra que lhe é concedida, entrou na sala. Sentiu logo a primeira vista que a Nazaré não estava boa, ouviu-lhe a tossezinha fraca, a respiração embaraçada, o olhar incerto. Vexado, entristecido de repente perdeu a graça que lhe era habitual e antes de 8 horas saiu dizendo que uma de suas tias viera de fora com a filha passar uns dias em casa e ele tinha necessidade de ir mais cedo. Uma prima! A Nazaré de repente enciumara-se! Amava-o então?! Caiam por terra todas as objeções que estava a fazer a pouco, desfazia-se a camada de gelo que ela superpusera ao ardor febril de seu coração; já não pensava no grande afeto do pai, no desdém das irmãs, no veredicto da sociedade. Pensava somente naquela prima que viera intempestivamente, como a apresentar-se e a impo-se.

Seria talvez bonita! Há tantas criaturinhas belas nestes povoados pequenos e devia ser forte e sadia, ela que não respirava os ares perniciosos da cidade e tinha o sangue enriquecido de glóbulos vermelhos, enquanto o seu depauperava-se e convertia-se em linfa.(...) Achara o Chiquinho antipático naquela noite.

A auréola de poesia que o circundara já não refulgia em torno de sua fronte.

Era um homem como os outros; tendo além disso o desprestígio da vulgaridade. Acabaria por aborrecê-lo, e no dia seguinte quando ele visse o ar sonso que não deixava transparecer o menor vislumbre de galanteio nem lhe concederia a honra de recebê-lo. Era digno da tal prima. Tinham nascido um para o outro. Seria um rebaixamento para ela cair na asneira de apaixonar-se."⁷⁴

Ao perceber na prima dele uma possível rival, acaba deixando de lado o veredicto da sociedade. Vendo-se diante de um "rompimento" estabelece uma comparação entre ela e a prima.

Na medida em que julga que a prima de Chiquinho era uma menina do campo, forte e sadia, e que não convivia com os ares "perniciosos" da cidade, percebe o contraste físico entre si mesma e sua rival. Contudo, ao pensar na "vulgaridade" de Chiquinho, considera que ele e a prima nasceram um para o outro, pois pertenciam a mesma classe social e viviam no mesmo ambiente cultural e que seria

⁷⁴ Idem, pp. 106-108

rebaixamento de sua parte apaixonar-se por um "roceiro" como ele.

Percebemos que a moça tem uma postura contraditória. Por vezes sonha em unir-se ao enamorado, romper barreiras sociais, culturais e entregar-se à paixão que a consumia. Por outro lado percebia o alto preço que teria que pagar para isso: a desobediência ao pai que muito provavelmente seria contra o namoro, o olhar de desdém das irmãs, moças educadas e cidadinas como ela, e por fim o mais cruel obstáculo, a "sociedade", leia-se a elite social que não veria com bons olhos a união de uma moça da cidade com um "roceiro". Angustiada Nazaré não sabe o que fazer: render-se à paixão e comprometer o seu futuro social ou renunciar aos seus sentimentos e ter uma vida como todas as outras mulheres da sociedade de elite. Não parecia fácil a sua escolha.

A angústia da personagem é tamanha que nesta mesma noite sofre um surto histérico:

"Não consegui dormir, a cama tinha espinhos que a magoavam, pesadelos acometiam-na em sacudidelas bruscas, uma sensação estranha invadi-a do estômago para a garganta, experimentou uma tensão fortíssima nos nervos, e pela madrugada as irmãs despertavam assustadas ouvindo-a gritar e estrebuchar fortemente num ataque de nervos que bem podia ser o prelúdio da moléstia que faz tantas vítimas entre as moças e que se manifesta sob tão extravagantes e variadas formas: o histerismo.

O Coronel Pedrosa mandou vir o médico. Conversaram ambos muito tempo. Ao terminar a conversa o médico dizia à meia voz como se estivesse falando consigo mesmo.

- Essas moças românticas curam-se mais depressa com banhos de igreja do que com todos os preparados terapêuticos que eu possa receitar.

Uns amores viriam muito a propósito para curar a Nazaré daquele abatimento que a definha. Será bom arranjar-lhe um noivo."⁷⁵

⁷⁵ Idem, pp.109-110.

A imagem da mulher histérica emerge com bastante força no século XIX. A mulher que não controla a sua "sempre perigosa" sexualidade acaba por ter surtos histéricos. Indomável ou descontrolada, a imagem da mulher histérica amedronta. Como analisa Alain Corbin:

"Ela domina o imaginário doméstico, rege as relações sexuais, ordena surdamente os contatos cotidianos. A nova onipresença da histérica pesa sobre a vida privada desde que se dissolveu a imagem pública da feiticeira com seus trejeitos. Com efeito durante quase todo o século o mal é visto como especificamente feminino. (...)

Em sua prática cotidiana, os médicos do século XIX mantêm por longo período fidelidade a estas concepções, que valorizam o papel do útero e das manifestações do desejo venéreo. (...)

Em meados do século XIX opera-se um deslocamento que tende a destacar a ação do cérebro. Em 1859, Briquet faz da histeria uma neurose do encéfalo. A reviravolta tem importância. Desta vez, a doença encontra-se vinculada às próprias qualidades que caracterizavam a mulher; esta sucumbe a histeria por ser dotada de uma fina sensibilidade, acessível às emoções e aos sentimentos nobres. A mulher tende para esta enfermidade específica devido ao conjunto do seu ser; paga um pesado tributo a doença pelos mesmos motivos que fazem dela uma boa esposa e mãe. (...)

Entre 1863 e 1893, Charcot permanece fiel ao primado da neurose. (...)

Todas as convicções levam a preconizar a satisfação racional do desejo e da carência de ternura que conformam a sensibilidade feminina. O trato deste mal irresistível compreende uma higiene sexual cheia de moderação que entoa hinos a uma vida conjugal tranqüila. Esta permite à mulher desenvolver, sem riscos, suas qualidades de esposa devotada e mãe enternecida. Cabe ao marido permiti-lhe que exerça sua sensibilidade sem enveredar por uma sensibilidade excessiva, caminho que leva à sempre ameaçadora histeria. (...)

Para quem estuda a vida privada, o essencial é a onipresença desta enfermidade na cena doméstica. A mulher da época, quando não é encurralada até o delírio e o grito para se fazer ouvir, emprega toda sorte de mal-estares e perturbações visando atrair a atenção dos que a cercam para seu sofrimento

*intimo*⁷⁶

A imagem da mulher histérica emerge como um problema médico no século XIX e perpassa a literatura naturalista brasileira. Francisca Clotilde tece para Nazaré um momento histérico em que todas as angústias da personagem entram em ebulição. Mesmo que existam muitos traços ainda característicos de uma escrita romântica em "A Divorciada", não esquecendo que o livro fora publicado já em 1902, e que, portanto, Francisca Clotilde já deveria "beber" leituras naturalistas como "A Normalista" de Adolfo Caminha e "A Carne" de Júlio Ribeiro. Vejamos como Júlio Ribeiro descreve o ataque histérico de Lenita, personagem principal de seu romance:

"Lenita adormeceu. A princípio foi um dormir interrompido, irrequieto, cortado de pequenos gritos. Depois apoderou-se dela um como langor, um êxtase que não era bem vigília, e que não era bem sono. Sonhou ou antes viu que o gladiador avolumava-se na sua peanha, tomava estatura de homem, abaixava os braços, endireitava-se, descia, caminhava para o seu leito, parava à beira, contemplando-a detidamente, amorosamente.

E Lenita rolava: com delícias, no eflúvio magnético do seu olhar, como na água deliciosa de um banho tépido.

Tremores súbitos percorriam os membros da moça; seu pêlos todos hispidavam-se em uma irritação mordente e lasciva, dolorosa e cheia de gozo.

O gladiador estendeu o braço esquerdo, apoiou-se na cama, sentou-se a meio, ergue as cobertas, e sempre a fitá-la, risonho, fascinador, foi-se recostando suave até que se deitou de todo, tocando-lhe o corpo com a nudez provocada por suas formas viris

O contato não era o contato frio e duro de uma estátua de bronze; era o contato quente e macio de um homem vivo.

E a esse contato apoderou-se de Lenita um

⁷⁶ CORBIN, Alain. "Bastidores" In: ARIES, Phillippe e DUBY, Georges. (org.) *História da vida privada: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra Ilustrada*. Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 572-574.

sentimento indefinível; era receio e desejo, temor e volúpia a um tempo. Queria, mas tinha medo.

Colaram-se-lhe nos lábios os lábios do gladiador, seus braços fortes enlaçaram-na, seu amplo peito cobriu-lhe o seio delicado.

Lenita ofegava em estremeções de prazer, mas de prazer incompleto, falho, torturante. Abraçando o fantasma de sua alucinação, ela revoltava-se como uma besta-fera no ardor do cio. A tonicidade nervosa, o eretismo, o orgasmo, manifestava-se em tudo, no palpitar dos lábios, nos bicos dos seios cupidamente retesados.

Em uma convulsão desmaiou"⁷⁷

Existe um misto entre nervosismo, erotismo e orgasmo. A convulsão final caracteriza o ataque histérico. Diferentemente do ataque de Nazaré, o histerismo de Lenita é mais detalhado, intimamente e explicitamente relacionado com a sexualidade.

No caso específico de "A Divorciada" a questão sexual ligada à histeria não aparece muito explicitamente. É de forma velada, "à meia voz", como se estivesse falando consigo mesmo que o médico aponta a necessidade de o Coronel Pedrosa arrumar um noivo para a filha, na tentativa de curá-la. Talvez por pudor, talvez por prudência, ou, ainda, porque na construção de uma heroína romântica, caridosa e católica não coubesse a imagem da histeria explícita.

Mesmo assim acreditamos que o surto histérico funcione como uma válvula de escape para Nazaré. Diante de tantas proibições, como nos aponta Alain Corbin, muitas mulheres empregavam o histerismo como uma forma de chamar a atenção e deixar transparecer uma angústia íntima. No caso de Nazaré isso é evidente. Essa percepção da histeria como uma estratégia feminina também é observada por Jurandir Freire Costa, ao se deparar com os discursos de médicos no século XIX sobre a histeria:

⁷⁷ RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret, 1999, p. 23.

"A mulher nervosa foi, em parte, uma criação do médico. Servindo-se dela, a higiene implantou-se na família. Solicitada em sua versão sexual para combater pais e maridos e em sua versão mundana para dedicar-se aos filhos, a 'mulher nervosa' ensinou a mulher a utilizar o nervosismo para impor seus interesses. Essa 'criatura médica' tornou-se uma arma obrigatória da mulher que queria livrar-se da opressão do cotidiano familiar. Quando insatisfeita com as obrigações sociais e domésticas, a mulher tinha um 'ataque de nervos', quando descontente com as privações sexuais, também fazia apelo ao nervosismo. Tiranizada pelo 'nervosismo médico', a mulher serviu-se desse mesmo nervosismo para defender-se de seus opressores e oprimir seus opositores"⁷⁸

Em todo caso acreditamos que não seja da forma descrita que Nazaré sofre a sua crise de histeria. Enfatizamos que a crise da personagem de Francisca Clotilde funcione como uma válvula de escape para a grande angústia que a afligia, na dúvida de unir-se ou não a Chiquinho, pesando ganhos e perdas de cada uma das duas opções. Fora, é claro, o ciúme que a consumiu ao saber da visita de uma prima de Chiquinho.

As literatas, como mulheres de seu tempo, registraram em suas obras indícios sobre a instalação da ordem médica no século XIX. É assim que no olhar do médico que visita Nazaré tudo poderia ser resolvido com um noivo.

Contudo, passada a crise histórica, Nazaré acaba descobrindo que a prima de Chiquinho "era feia, magricela, picada de bexigas, de um acanhamento estúpido, não sabendo ligar duas idéias". Ela ao se convencer das limitações físicas e culturais da prima voltava a pensar nas barreiras para sua possível união com Chiquinho. Entre tantas impossibilidades, a negativa paterna que muito provavelmente se oporia a tal escolha, afinal Chiquinho era pobre e vivia na roça, leva-nos a pensar sobre como os casamentos representavam alianças políticas e econômicas

⁷⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições

nesse período

O casamento como uma espécie de comércio foi também muito bem retratado no romance "Senhora" de José de Alencar, publicado em 1875. Aurélia, personagem central, representava um caso atípico- pois apesar do tutor e de uma parenta que "não passava de uma mãe de encomenda"- governava a própria vida e escolhera no "mercado matrimonial" seu próprio noivo. Desafiando a sociedade e ironizando do amor "como uma mercadoria qualquer", ela costumava cotar o valor do dote que cada um dos seus pretendentes merecia:

"Convencida de que todos os inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderia obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara da Europa.

- Era um moço distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse."⁷⁹

Ao comprar o marido Seixas, Aurélia faz uma declaração incisiva, honesta, direta e aberta:

"- Vendido sim; não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer."⁸⁰

Graal, 1999, p272.

⁷⁹ ALENCAR, José de. *Senhora*. 30ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 19.

⁸⁰ Idem, p. 75.

De uma forma brilhante, José de Alencar retrata o mercado matrimonial que estava colocado para as mulheres dos oitocentos: leva quem paga mais. No caso de Aurélia ela poderia escolher o noivo que quisesse e, por vingança, compra o ex-noivo que a abandonara por um dote de trinta contos, traíndo-a pelo mesmo "preço" que Judas traiu Cristo. Aurélia ao comprar o noivo, "traste indispensável às mulheres honestas", torna completo seu plano.

No caso de Nazaré em nenhum momento se fala em dote, ou não dote, em relação a Chiquinho. O que podemos supor é que num mercado matrimonial onde o pai da moça poderia pagar um bom dote, como no caso do Coronel Pedrosa, porque então escolheria Chiquinho, um "simples roceiro", que muito provavelmente não poderia dar uma vida de conforto a sua filha Nazaré? Não sendo "senhora" de si mesma e tendo que submeter-se à vontade do pai, às vezes a própria Nazaré questionava o futuro de tal união:

"Não havia argumento a que não resistisse, lógica que não derrotasse. Até ali a existência se lhe deslizara pura e límpida como um arroio por entre margens, cobertos de flores. Não pensara em trocá-la por outra; o afeto do pai e das irmãs ençhia-a de inefável ventura, e de repente quando o seu organismo enfraquecido pela doença pedia repouso, um olhar do Chiquinho havia transtornado tudo. Até ali dominara-se diante das irmãs, ciosa de seu segredo, na timidez de que a ridicularizassem, convencia-se da desigualdade de posições entre ela e Chiquinho, avaliava o desejo que o pai tinha de assegurar-lhe um futuro esplêndido dando-lhe um esposo que lhe franqueasse brilhante entrada na sociedade.

*Casar-se com um matuto! Se há dois meses lhe tivessem prognosticado semelhante cousa ter-se-ia rido, sólida no desprezo pelos homens vulgares. Agora estava a prender-se sem querer, tentando fugir às malhas que a envolviam e que, parecendo frágeis, ofereciam uma resistência inesperada."*⁸¹

⁸¹ CLOTILDE, Francisca. Op.cit, p 113.

Mais uma vez Nazaré medita no que acarretaria a sua união com Chiquinho. Homem "vulgar", "matuto", "sem instrução" e sem poder lhe propiciar "uma brilhante entrada na sociedade" Afinal como aponta Maria Ângela D'Incão:

"O desenvolvimento das cidades e da vida burguesa no século XIX influiu na disposição do espaço no interior da residência tornado-a mais aconchegante; deixou ainda mais claros os limites do convívio e as distâncias sociais entre a nova classe e o povo, permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade.

Essa interiorização da vida doméstica, no entanto, deu-se ao mesmo tempo em que as casas mais ricas se abriam para uma espécie de apreciação pública por parte de um círculo restrito de familiares, parentes e amigos. As salas de visita e os salões-espaço intermediários entre o lar e a rua- eram abertos de tempos em tempos para a realização de saraus noturnos, jantares e festas.

Nesses lugares, a idéia de intimidade se ampliava e a família em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos outros. A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - 'a conveniência social dá maior liberdade às emoções'- não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada."⁸²

Nazaré como típica moça da elite cidadina de Fortaleza, percebia o quanto sua união com Chiquinho era problemática. Afinal quem abriria as portas de seus bailes, de seus saraus e das mais finas festas, para uma mulher cujo marido era um 'matuto'? Talvez ao unir-se com Chiquinho, Nazaré experimentasse o ostracismo social.

Pretendia fugir o quanto antes, pedir ao pai que a afastasse de Redenção. Às vezes pensava em ir para Quixadá, outras voltar para Fortaleza. Completamente angustiada e dividida entre uma união com amor ou uma vida

⁸² D'INCÃO, Maria Ângela. Op. Cit. p. 228, gritos nossos

social ativa:

"Vinha-lhe a nostalgia da cidade que lhe aparecia com as suas ruas alinhadas, bem claras, onde passavam grupos desenfatiando-se dos pesares da vida. Desejava ver de novo as avenidas e o vaivém dos habitues do passeio fazia-lhe saudades. Causar-lhe-ia bem o aturdimento, esqueceria no meio do bulício a imagem que persistia em acompanhá-la. Quanta incoerência! Amava os lugares ermos, silenciosos, calmos como até há bem pouco tempo fora sua existência, e agora lamentava não estar em uma praça bem populosa, onde não faltasse movimento e de manhã à noite houvesse a mais delirante animação, o mais ardente frêmito de vida.

Fora bastante razoável até ali era tida como muito ajuizada e em situações difíceis quando se tratava de alguma questão de família pediam logo sua opinião que era acatada.

Como mudara assim?"⁸³

Nazaré tinha idéias de mudança, desejava está de volta à cidade e freqüentar de novo o Passeio Público, lugar de encontro da elite fortalezense no final do século XIX. Descrito com minúcias por Adolfo Caminha, que o coloca como uma espécie de vitrine da sociedade fortalezense:

"E continuava a chegar gente e a encher o Passeio por todas as avenidas do primeiro plano, cruzando-se em todos os sentidos, acotovelando-se, confundindo-se. Na Mororó, mais larga que as outras, havia uma promiscuidade franca de raparigas de todas as classes: criadinhas morenas e rechonchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus, de avental, conduzindo crianças, filhas de famílias pobres em trajes domingueiros, muito alegres na sua encantadora obscuridade; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados, com ademanes característicos, perseguidas por uma troça de sujeitos pulhas que se punham a lhes dizer gracinhas insulsas. Toda uma geração nascente ávida de emoções, cansada de uma vida sedentária e monótona, ia espairecer no Passeio Público aos domingos e quintas feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no teatro e no circo.

Ali não havia distinção de classes, nem camarotes, nem cadeiras de primeira ordem: todos

⁸³ CLOTILDE, Francisca. Op. cit. pp. 114-115.

tinham ingresso para saracotear de primeira nas avenidas ao ar puro das noites de luar!

Apenas quem não tivesse dois vintês estava proibido de sentar-se, porque, nesses dias, as cadeiras eram alugadas, havia assinaturas baratas. Lia-se mesmo na Província o seguinte anúncio: 'No estabelecimento Confúcio e no Clube vendem-se cartões de assinatura de cadeiras no Passeio Público, com abatimento de preços.! Mas, ora, toda a gente possuía dois vintês para alugar uma cadeira, e, demais, ia-se ao Passeio para andar, para se mostrar aos outros como uma vitrine, não valia a pena ir para ficar sentado, casmurro, a ver desfilar o quê? O mesmo carnaval de todos os domingos e quintas-feiras, as mesmas caras, as mesmas toilettes. Não valia a pena de certo'⁸⁴

No entanto, mais adjante Adolfo Caminha se "traí" e fala das distinções sociais no Passeio:

"O Zé Povinho denominava avenida dos charutos, a avenida Carapini por ser mais freqüentada por gente de cor, e Lidia achava muita graça naquilo, não podia acertar com o verdadeiro nome da sombria aléia, ponto dileto de cozinheiras e raparigas baratas da rua da Misericórdia"⁸⁵

Essa "democracia" retratada pelo autor de "A Normalista" que apresenta o espaço sem distinções de classes- sem camarotes e cadeiras de primeira ordem-, é confirmada pelo historiador Sebastião Rogério Ponte:

"Naquela década (1880) surgiu o Passeio Público no local, até então, da Praça de Mártires, que foi remodelada com implante de bancos, canteiros, café-bar, réplicas de esculturas clássicas e 3 planos ou avenidas- uma para o desfrute das elites, a segunda para as classes médias e a terceira para os populares. Localizado no perímetro central e com ampla vista para o mar, o Passeio tornou-se de pronto a principal área de lazer e sociabilidade, até que despontassem outras tentadoras opções a partir do século XX, como o teatro de José de Alencar (1910) e os cines Majestic e Moderno (1917 e 1922,

⁸⁴ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: ABC, 1999. pp.88-89.

⁸⁵ *idem*, p. 91.

*respectivamente).*⁸⁶

Fica claro que não havia realmente democracia no Passeio Público e mesmo que não houvesse placas de proibições ou anúncios, poderíamos falar de uma espécie de distinção espacial, com cada classe e gênero ocupando espaços delimitados. Muito provavelmente, Nazaré não freqüentava a avenida dos charutos onde havia "gente de cor, cozinheiras e raparigas baratas". Nazaré devia sentir falta do primeiro plano do Passeio Público, do vai e vem das senhoras de elite, dos "janotas" da cidade, da gente, como costumavam dizer de si mesmo, "de bom tom".

Existe um abismo a separar Chiquinho do mundo de Nazaré. Ela não conseguia imaginar-se desfilando com ele no Passeio Público, pelo menos no plano para o "desfrute das elites".

No brilho e no vai-e-vem do Passeio Público de Fortaleza, na velocidade da capital e na "sociedade", ele não se adequaria. Pelo menos não ao lado dela. Como poderia amá-lo tanto e pensar dessa forma, ou melhor dizendo, como poderia pensar assim e amá-lo? No pensamento de Nazaré não havia meio termo, estava dividida e angustiada, "como mudara assim?"

Nesse quadro é que aparece o primo Artur, bacharel em Direito, formado em Recife, já tendo passagens pelo Rio de Janeiro, ou seja um rapaz da sociedade. Educado, viajado, conhecedor das maiores capitais do país e aos olhos do Coronel Pedrosa, um pretendente sem igual para sua filha :

"O nome do sobrinho bacharel era entremeado de adjetivos encomiásticos. Se ouvisse como ele fala bem, dizia o Coronel, é um prodígio de oratória, e com que facilidade preparava um discurso. Fiquei pasmo um dia de ouvi-lo

⁸⁶ PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: Reformas urbanas e controle social 1860-1930**. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999, p. 31.

*discorrer sobre a emancipação da mulher. É um grande apologista dos direitos de teu sexo e tem idéias muito originais sobre o papel que a mulher há de representar quando compreender bem os seus deveres*⁸⁷

Artur é apresentado como um excelente partido. Além de ser culto e possuir uma ótima oratória, é, ainda, apologista dos direitos da mulher em um século em que poucos se atreviam a falar em emancipação feminina. Contudo, fica visível para nós que esse atributo é fruto de uma criação da pena da autora. Ser apologista do papel da mulher na sociedade poderia significar ter idéias avançadas, está inteirado das discussões de seu tempo e acreditamos que dentro da lógica do argumento do Coronel Pedrosa, enfatizar este aspecto, significava tentar o coração de Nazaré para ganhar que aceitasse o primo Artur como marido.

Interessante é que na narrativa não fica claramente dito que a preferência do Coronel Pedrosa por Artur em detrimento de Chiquinho seja uma questão econômica. O peso da cultura, da mentalidade avançada, do bem aparecer na sociedade, parecia ter mais importância para ele. Claro que todos estes atributos em uma sociedade em que a grande maioria da população era pobre e analfabeta delimitava e demarcava os lugares sociais. E também não podemos esquecer que a nossa autora Francisca Clotilde, como escritora de seu tempo, intimamente relacionada com os pensamentos positivistas, civilizatórios, evolucionistas, cria personagens em que o peso dos atributos moral, intelectual, cultural tem maior relevância do que aspectos puramente econômicos.

A elite brasileira, ou melhor dizendo a nascente sociedade burguesa, desvencilhava-se do pensamento de que

⁸⁷ CLOTILDE, Francisca. Op.cit. pp. 115-116.

bastaria apenas possuir riqueza para diferenciar-se. Sobressai-se no entanto, na cultura, nas leituras e na nova mentalidade que abre espaço a uma economia capitalista.

Artur destacava-se por seus aspectos intelectuais, sócios-culturais, muito mais do que por qualquer outra coisa. E por isso também que não é necessariamente a pobreza de Chiquinho que o afasta de Nazaré, mas sim o fato dele ser "matuto" e sem grandes aparatos intelectuais. Fato que será questionado pelo mesmo.

No entanto, mesmo com todas estas qualidades apresentadas pelo Coronel Pedrosa sobre Artur, Nazaré torna-se irredutível e avisa logo ao pai:

" - Apesar de tudo isso eu não acho o Artur simpático.

- E não gostaria de ser sua mulher?

- Deus me livre de tal."⁸⁸

Nazaré convencida do amor que sentia por Chiquinho não podia aceitar tal enlace. Não se via casada com Artur e nem com o título de bacharel que ele possuía. Mesmo pesando sempre a condição de "matuto" de Chiquinho ela não se via casada por conveniências sociais. "Deus a livre de tal"

Esta nova mentalidade que se formava em relação ao casamento, ou seja, o casamento com amor estava presente na formação da nova sensibilidade burguesa, nos romances que Nazaré lia, na medicina social, que prescrevia o casamento como único lugar do amor sadio.

Mas Artur chega a pequena Redenção e encanta-se com Nazaré, e é recebido com uma dança na casa do Coronel Pedrosa, costume comum da sociedade do período, dança para qual Chiquinho e sua família foram convidados. É neste momento que ele se dá conta de que o bacharel representava um grande obstáculo a uma possível união com Nazaré:

*" O tal bacharel ia abrir um parêntese às deliciosas palestras, ia interpor-se entre ele e a eleita de su'alma e ela era mulher e portanto fácil de variar, sobretudo nas condições vantajosas que lhe traria o enlace com o primo."*⁸⁹

Interessante a noção de Chiquinho sobre Nazaré, mesmo a achando a "eleita de sua alma", considera que como todas as outras mulheres ela era muito fácil de variar, ou seja, Chiquinho, de acordo com a mentalidade da época, percebe a mulher, mesmo a sua amada, como um ser "volúvel", "fácil de variar". A imagem da mulher traiçoeira e interesseira permanece.

No entanto, ao contrário do que pensa Chiquinho, Nazaré está agora firme em sua decisão e o convida a dançar a quadrilha dos namorados, vendo-se repreendida pelo primo Artur, Nazaré é enérgica:

"- Prima, você andou levianamente concedendo aquele rapaz a segunda quadrilha.

Ela mordeu os lábios.

- Andei levianamente por que? Tornou ela surpresa.

- Não sabe que é dos que se amam a segunda quadrilha?

- Eu como não amo ninguém posso dança-la com quem quiser.

- Reflita prima, e deslique-se do compromisso.

*- Eu só tenho uma palavra."*⁹⁰

Basta esse diálogo para que Artur perceba que Chiquinho é o grande obstáculo às suas pretensões de casamento com Nazaré. E no entanto só conseguia conceber

⁸⁸ Idem, p. 117.

⁸⁹ Idem, p. 126.

⁹⁰ Idem, p. 127.

o amor da moça pelo rapaz da seguinte maneira:

*" A Nazaré amava o matutinho! Romântica por natureza procurara aquele idílio para amenizar as horas de insipidez que devia passar longe do bulício da cidade. Eram assim as mulheres. Não faziam questão de escolha. O primeiro que aparecia com palavras de sedução enfeitiçava-as. Ele não havia de consentir que aqueles amores se desenvolvessem. Obstá-lo-ia, e se fosse preciso lutar estaria pronto para tudo. O ciúme dava-lhe forças. Acompanhou com olhar febril as evoluções da quadrilha que a Nazaré concedera ao Chiquinho e no fim dando vasas ao despeito que lhe fermentava n'alma, debicou com as primas o matuto, desenvolveu todo o espírito de troça que o animava e levou-o a um ridículo horroroso."*⁹¹

Tanto Chiquinho e Artur, mesmo com trajetórias de vida e lugares sociais tão distintos, têm a mesma compreensão das atitudes da moça, ou melhor dizendo, das mulheres. Para Chiquinho, as mulheres eram fáceis de variar; para Artur, as "mulheres não faziam questão de escolha". A ótica masculina os unia, independentemente das relações de classe, pelo menos nesse ponto.

No entanto para o bacharel havia uma grande diferença entre ele e o outro. Igualar-se a um "matutinho"? Nunca. Só no pensamento romântico e feminino da jovem donzela, poderia haver uma preferência por Chiquinho em detrimento de um bacharel em direito, formado no Recife, viajado, culto e polido. Só podia ser uma questão de divertimento, de passar as horas naquela Redenção onde, diferentemente de Fortaleza, nada acontecia. O mesmo pensamento ocorre a Chiquinho ao descobrir o interesse da moça por si. Mais uma

vez os dois homens unem-se pelo pensamento de gênero. Para Artur não poderia haver possibilidades da moça amar o matutinho e pior, preferi-lo. Então o que fazer? Demarcar sua posição, ridicularizar o rival, escafnecer. Deixa claro quem é quem e qual o lugar ocupado por cada um.

E se não pode convencer a jovem, moça romântica dada a devaneios, que não fazia questão de escolha, falaria com o Coronel Pedrosa, abrindo-lhe os olhos diante do abismo em que a filha se aproximava. Não demorou muito a delatar o romance. O pai então decide convidar a filha para um passeio onde pudessem conversar. Nazaré pressente o que seria falado e elabora previamente sua defesa:

"Preparou-se para a defesa. Ela herdara a altivez do gênero de sua mãe. Não se mancharia com uma mentira. Confessaria sem a menor hipocrisia o que lhe ia no íntimo. O primo andara muito erradamente apresentando-se com ares de Otelo. Ela havia de pedir-lhe explicações. Não tinha ainda falado de seu amor ao Chiquinho e somente os olhos trocavam as confidências mútuas.

Recatada e modesta como uma verdadeira donzela cristã achava inconveniente um namorado sem o fito do casamento, e desde que se sentira afeiçoada deveras ao Chiquinho descansava naquela estima e deixava que os acontecimentos se sucedessem, porque confiava que a Providência velaria por ela. Não desgastaria o pai casando contra a vontade dele, mas também não se sacrificaria aceitando por marido um homem que não amasse. Estava sempre a ouvir falar dos graves inconvenientes de um casamento sem amor.

Uma sua colega que casara com um paroara rico, fascinada pelas fulgurações do dinheiro que ele

⁹¹ Idem, p.

trouxera do norte, depois de uns meses de horrorosa luta doméstica, voltara para a casa paterna. E, abandonada, vegetava tristemente seqüestrada do mundo e arrostando pesadamente o fardo da vida. Em plena juventude, quando as alegrias e as esperanças podiam inebriá-la, definhava nos seu papel de desprezada e nem podia reclamar o seu direito porque o marido se fora para longe e constava-lhe que iludira outra e com ela se casara civilmente"⁹²

Deveria ser difícil para essa donzela colocar-se contra a vontade paterna, já que a personagem é construída como uma verdadeira donzela cristã, que não se atrever sequer a trocar uma única palavra que remeta ao enlace amoroso com Chiquinho, considerando incorreto um namoro sem o fito do casamento. No entanto, Nazaré não aceitava a hipótese de um casamento sem amor e baseado apenas na riqueza. Afinal outros tantos já haviam fracassado, inclusive até o de uma colega sua.

O que nos chama a atenção é a mudança de perspectiva do que para ela significava um casamento bem sucedido. De nada adiantaria casar-se com alguém que possuísse riqueza, se esta pessoa não fosse amado por ela; mais ainda, se o marido não tivesse uma boa índole e um bom caráter. A sua colega casando-se com um paroara rico não teve sucesso e viu-se abandonada, "vegetando tristemente".

Nazaré sabia que uma mulher do seu tempo após abandonada pelo marido estaria relegada a uma vida estigmatizada. Não era mais uma "donzela cristã", não trazia consigo o atributo da virgindade considerado essencial para a conquista do casamento. Como aponta Maria Ângela D'Incão:

É certo que os relatos dos cronistas, viajantes e

⁹² Idem, pp.133-134.

historiadores do período nos exibem um quadro em que a menina ou a mulher candidata ao casamento é extremamente bem cuidada, é trancafiada nas casas etc. Não há como negar ou interpretar de outra maneira fatos tão conhecidos. Todavia, essa rigidez pode ser vista para a manutenção do sistema de casamento, que envolvia a um só tempo aliança política e econômica. Em outras palavras, nos casamentos das classes altas, a respeito dos quais temos documentos e informações, a virgindade feminina era um requisito fundamental. Independentemente de ter sido ou não praticada como um valor ético propriamente dito, a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela."⁹³

Nazaré sabia que o futuro de uma mulher abandonada era torna-se quase um pária social, estando fadada a uma vida de exclusões e muito provavelmente sem a possibilidade de conseguir outro casamento. Além das dificuldades econômicas e políticas que Maria Ângela coloca, há também o aspecto moral e discriminatório em relação a uma mulher abandonada pelo marido. No caso da colega de Nazaré, a situação é ainda mais cruel, pois o marido vai para longe e casa-se novamente.

Dessa maneira Nazaré mostra-se mais uma vez dividida entre o amor e a situação social, entre uma velha e nova mentalidade. A escolha dá riqueza sem ética ou a virtude.

Acompanhemos os argumentos do Coronel Pedrosa para convencer Nazaré da impossibilidade de seu idílio amoroso com Chiquinho:

⁹³ D'INCÃO, Maria Ângela. Op. cit., p. 235.

*"Falou-lhe do Artur, disse-lhe que ele manifestara francamente o desejo de casar com ela e que só dependia de seu consentimento realizar-se o enlace. Como lhe seria grato vê-los unidos! Tinha pelo Artur quase a estima de um pai, apreciava seu talento robusto e compreendia que ele era desses que chegam às mais altas posições sociais, pois contava com elementos poderosos para se salientar. Era um futuro de rosas que a Nazaré preparava para si casando-se com ele. Era melhor decidir-se logo, voltariam para a cidade, ela já estava forte, não havia mais necessidade de estar no isolamento daquela aldeia sem vida. Além disso os matutos eram pretensiosos e maldizentes. Constava-lhe que comentavam a familiaridade dela com o Chiquinho e que este, animado pelo acolhimento delicado que lhe haviam feito levantara as vistas até a esfera em que ela estava colocada."*⁹⁴

A última frase é significativa. O Coronel Pedrosa considera uma ousadia alguém como Chiquinho- "pretensioso" e "maldizente"- levantar as vistas até a esfera em que estava colocada sua família. Era impraticável conceber a idéia de que o "matuto" não reconhecesse o seu lugar e se afastasse de sua filha.

Outro ponto importante é o fato de que Coronel Pedrosa insiste no consentimento de Nazaré para o enlace com Artur. Poderia forçá-la, mas assim não desejava fazer. Esse ponto nos permitir entrever uma mudança de mentalidade no final do século XIX no qual o romance é escrito e situado. O pai de Nazaré esperava seu consentimento, tentando persuadi-la e aconselhando-a, mas em nenhum momento chega "literalmente" a obrigá-la. Mas

⁹⁴ CLOTILDE, Francisca. Op cit, p.135.

evidentemente não aceita Chiquinho como genro, isso não, isso nunca!

A conversa que tem com Nazaré não atinge os propósitos desejados. Muito pelo contrário, Nazaré, percebendo que apenas uma pessoa poderia ter dito ao pai que ela estava enamorada de Chiquinho defende-se de uma forma não muito condizente com a imagem da "donzela cristã" resignada e submissa que a pouco vimos:

"A Nazaré indignou-se e num acento nervoso disse que o Artur não passava de um intrigante relis e que queria impor-se usando de meios muito baixos. Ela amava o Chiquinho? E se assim o fosse haveria nisso um crime? Ele que guardasse o pergaminho e fosse especular para outros lados. Começara por antipatizá-lo e estava certa de que acabaria odiando-o. Lamentou não ser pobre e obscura. A felicidade penetrava às vezes nos lares mais desfavorecidos iluminado-os com um esplendor do paraíso.

O dinheiro, a posição eram estorvos à mocidade que por entre a senda florida das ilusões caminha altiva desafiando os temporais da vida. O pai exigiu a confissão franca e de repente com o ar severo do juiz que não é suscetível de indulgências perguntou: O teu coração está livre, minha filha?

Ela tornou-se rubra, um suspiro agitou-lhe o peito e baixando os olhos disse.

- Não posso aceitar a proposta do primo porque nunca hei de chegar a amá-lo!"⁹⁵

Essa passagem do romance é riquíssima e de uma voltagem de tensão e honestidade impressionantes. Coloca a nu todas as questões sociais que permeiam o drama pessoal da personagem de Francisca Clotilde, desnudando um a um os obstáculos que se colocam entre Nazaré e Chiquinho.

Primeiramente qualifica o que Artur de fato é: um intrigante relis, um especulador, ou seja, um oportunista atuando no comércio matrimonial. Ele conhecia a validade de seu pergaminho numa sociedade em que a riqueza, a posição social e o anel de doutor eram ícones de prestígio e valor. No

⁹⁵ Idem, pp.134-135.

entendimento de Nazaré. Artur especulava, negociando com seu diploma, com seu pergaminho.

Ela era de uma família abastada que poderia oferecer um bom dote a Artur, e ele, como especulador que era, não perderia a "oportunidade"; faria tudo que fosse possível para conseguir casar com ela e obter o dote, atuando até mesmo como um "fofoqueiro de plantão", "um intrigante reles".

Percebendo a sua posição como objeto de uma especulação financeira, Nazaré "apelou", desejou mesmo ser pobre e não ser alvo dessa negociata.

Considerava que se fosse pobre talvez não tivesse Artur especulando e intrigando entre ela e Chiquinho. Talvez a pobreza lhe propiciasse uma maior liberdade na escolha do noivo, afinal não haveria nenhum dote a ser disputado e, por conseguinte, nenhum Artur em seu encalço a observar-lhe os passos e os gestos e a fazer intrigas entre ela e o pai. Como nos aponta Maria Ângela D'Incão sobre as relações amorosas entre as classes pobres:

"O que a literatura do período informa é que a mulher das classes baixas, ou sem tantos recursos, teve maiores possibilidades de poder amar pessoas de sua condição social, uma vez que a amor, ou expressão de sexualidade, caso levasse a uma união, não comprometeria as pressões de interesses políticos e econômicos. As mulheres de mais posses sofreram com a vigilância e passaram por constrangimentos em suas uniões, de forma autoritária ou adoçada, na sua vida pessoal. Para elas o amor talvez tenha sido um alimento do espírito e muito menos uma prática existencial"⁹⁶

Vivenciando o amor de uma forma distante e platônica, sem poder escolher o noivo, Nazaré sente a pressão velada e sutil através da persuasão do pai para casar-se com Artur. Como nos demonstra Michelle Perrot:

⁹⁶ D'INCÃO, Maria Ângela. Op. cit. p. 234.

*"Em numerosos casos, a decisão do pai se funda nos argumentos da ciência e da razão. Contra as mulheres devotas e obscurantistas, demasiado suscetíveis aos sentimentos tentados pela paixão, espreitadas, pela loucura, o pai -o homem deve sustentar os direitos da inteligência. E a esse título que Kant, Comte e Proudhon reivindicam o primado do pai no lar: o doméstico é importante demais para ser deixado a natureza fraca das mulheres."*⁹⁷

Pelos menos é essa a percepção que o Coronel Pedrosa tem de sua filha Nazaré. Levada pelo sentimentalismo, pelo romantismo ingênuo, não conseguia perceber a impossibilidade de sua união com Chiquinho, sendo assim usa a sua autoridade e desafia Nazaré: "Seu coração está livre?"

Ela mais esperta e ágil do que o pai pensa, esquiva-se e não responde sim ou não, dizendo apenas que não pode aceitar a proposta do primo, porque jamais vai amá-lo. Seria isto uma confissão? Ou somente uma forte recusa a um "intrigante reles" e "especulador"?

Nesse ínterim, Chiquinho toma uma resolução. Resolve viajar para o Norte e lá tentar vida nova. Na verdade, Chiquinho, assim como outros seus contemporâneos nordestinos, via na possibilidade dos seringais do Norte, especificamente no Amazonas a possibilidade do enriquecimento e de melhores condições:

"Longe da Pátria, exposto às intempéries de um clima insalubre, sujeito ao trabalho rude do seringueiro, gastaria a melhor quadra de sua existência, contanto que pudesse obter dinheiro, fazer-se impor pelo prestígio irresistível do ouro. Compreendia que a principal causa da repulsão que lhe tinha o pai de Nazaré era a sua pobreza. Hoje, como os israelitas de outrora, os homens adoravam o bezerro de ouro e tudo ficava deslumbrado pelas fascinações da riqueza. O próprio gênio devia tragar humilhações amargas, curtir misérias ocultas, arrostar uma vida de privações porque muito além das vívidas fulgurações da inteligência brilhavam as cintilações de uma libra

⁹⁷ PERROT, Michelle

*esterlina.*⁹⁸

Chiquinho conjecturava que se enriquecesse poderia pleitear o casamento com Nazaré. Acreditava ainda que a simples constatação de ser ele um homem simples do campo não era o principal motivo que causava a repulsa do Coronel Pedrosa, e sim a sua pobreza.

Em uma sociedade em que o dinheiro pode comprar quase tudo, compraria certamente os "atenuantes" necessários para mudar a percepção que o Coronel Pedrosa tinha dele. Se o dinheiro poderia comprar "civildade" e "status", poderia também comprar a possibilidade de um casamento com Nazaré. Para Chiquinho, só havia uma forma de enriquecer: pelo trabalho árduo nos seringais do Norte, na tentativa de melhorar de vida.

O Norte como uma possibilidade de mudança sócio-econômica também se afigura como espaço para ascensão social no romance "A Normalista", de Adolfo Caminha. O pai de Maria do Carmo, Bernardino de Mendonça, juntamente com o filho Casimiro, resolve deixar o Ceará e tentar a vida nos seringais do Norte, entregando a filha aos cuidados do padrinho João da Mata. Acompanhemos a percepção de João da Mata sobre o embarque de seu compadre Bernardino:

"Que fosse imediatamente para o Norte. A vida no Ceará não valia coisíssima alguma. O Pará, sim, aquilo é que é terra de fartura e de dinheiro. Um homem trabalhador e honesto, com uma pouca de experiência podia enricar da noite para o dia. Os seringais? Era uma mina da Califórnia. Tantas fossem quantos voltavam recheado de mão no bolso e cabeça erguida. E o Ceará? Fome e miséria somente! Num mês morriam três mil pessoas, eram mortos a dar com o pé. Morria gente até defronte do palácio do governo, uma lástima!

E acrescentou que o Ceará era boa terra para os políticos e ricos, que o pobre em Fortaleza, ainda que pesasse quilogramas d'honradez, era sempre o pobre, maltratado, espezinhado.

⁹⁸ CLOTILDE, Francisca. Op.cit. p.139.

ridicularizado, perseguido, enquanto que o indivíduo mais ou menos endinheirado podia contar amplamente, largamente (e abria os braços) com a simpatia geral: tinha ingresso em todos os salões, em toda a parte, até no 'santuário da família', fosse ele, embora, um patife, um grandíssimo canalha. Usava chapéu alto e gravata branca? Tinha um título de bacharel? Não fizesse cerimônia, podia entrar onde quisesse - 'Uma terra de famintos, seu compadre! Fome, miséria e patifaria era o que se via.'"⁹⁹

As percepções de Adolfo Caminha e de Francisca Clotilde sobre o aspecto da respeitabilidade social comprada pelo dinheiro ou pelo título de bacharel, no Ceará do final do século XIX, casam perfeitamente.

Chiquinho para rivalizar em pé de igualdade com Artur, bacharel em direito, precisava adquirir dinheiro ou título. Resolveu tentar a primeira opção embarcando para o Norte.

Sua despedida está carregada de lances dramáticos; crise "histórica" de Nazaré, expulsão de Chiquinho da casa do Coronel Pedrosa e juras de amor não pronunciadas.

Enfim Chiquinho parte para uma vida de sofrimentos no Norte desejando que Nazaré o espere.

*"Houve muitas lágrimas na ocasião dos adeuses. Filhos que saíam pela primeira vez do teto paterno em procura dos meios de subsistência negados pelo solo cearense, tão fértil, mas tão sujeito à crise das secas, pais de famílias que cansados de um trabalho estéril deixavam a esposa e os filhos e deslumbrados pela vertigem do ouro iam muitas vezes encontrar a morte nos focos miasmáticos dos pântanos do Norte, pobres rapazes que se vendiam a um patrão consciencioso que os seduzia com promessas falazes de grandes proventos e quebravam todos os laços para se aventurarem a ganhar no fim de tantos trabalhos um mesquinho soldo que mal chegava para salvar a família de morrer de fome."*¹⁰⁰

A promessa de enriquecimento no Norte é descrita já com ressalvas por nossos literatos e literatas. Talvez

⁹⁹ CAMINHA, Adolfo. Op.cit, pp25-26.

¹⁰⁰ CLOTILDE, Francisca, Op.cit, pp144- 143.

muitos dos cearenses que se aventuraram na região Norte não tenham conseguido alcançar o sonho desejado, o enriquecimento "rápido".

Mas Chiquinho acreditava que o enriquecimento era a única forma de conseguir casar-se com Nazaré e chegar à "esfera" onde ela estava colocada:

"Se não fosse o desejo que tinha de conquistar uma posição digna na sociedade, de habilitar-se pela posse do ouro a ter acesso na melhor roda, com certeza teria desanimado e voltaria na primeira oportunidade.

Mas havia de ir para adiante, os obstáculos mais lhe acenderiam a coragem. Quando depois de 4 ou 5 anos voltasse ao Ceará traria as algibeiras recheadas e poderia enfrentar senhorilmente aqueles que hoje o menoscabavam.

Seria uma desforra em regra. Saboreava de antemão o prazer de se ver colocado bem alto, de lhe ser permitido dominar e impor-se a esses que constituíam a parte irá da sociedade e que em muitos casos poder-se-iam comparar aos fariseus hipócritas semelhantes na frase de Cristo, a sepulcros branqueados por fora e no íntimo encerrando podridões."¹⁰¹

Critica ácida à sociedade regida pelo dinheiro, na qual a virtude e a honra pouco representavam se não viessem acompanhadas de algibeiras recheadas ou títulos bacharelescos.

Francisca Clotilde e outros escritores de seu período teciam críticas contundentes à sociedade, embora tenhamos que admitir que no caso de "A Divorciada", o enriquecimento de Chiquinho produza um "final feliz". Sendo assim a crítica social perde muito no desenlace da narrativa, ficando claro que de outra forma Chiquinho não poderia pleitear a mão de Nazaré, a não ser ficando rico: "Tudo como manda o figurino".

Da partida de Chiquinho a narradora dá um salto de seis meses na narrativa e encontramos Nazaré ainda solteira, negando-se a casar com o primo Artur, e praticando caridades

¹⁰¹ Idem, pp. 144-145.

em Redenção, "lenitivo" do mal que a consome. O primo Artur não desiste da sua empreita e continua tentando persuadir Nazaré. Em uma das visitas faz-lhe uma declaração valorosa para o nosso trabalho:

"Pedi-lhe com lágrimas na voz que não o deixasse resvalar nas profundezas do abismo. Achava-se no cair de um despenhadeiro, à falta de uma afeição duradoura, sancionada por Deus e pela Lei, procurava distrações em amores fáceis, nas alternativas do jogo. Passava noites em claro tentando a fortuna sem ter outro fito mais do que atordoar-se, matar o tempo que tinha a lentidão das horas que valem séculos.

Ela podia estender sobre ele suas asas de arminho e salva-lo num belo ímpeto de generosidade e então fazia-se muito termo com inflexões de súplica quase a implorar-lhe de joelhos a felicidade que lhe recusava.

Tão boa para todos, entornava-lhe n'alma o fel dos desenganos, o veneno letal da descrença. Que mal tão grande lhe havia ele feito?"¹⁰²

Artur apela, usa de todos os argumentos para tentar convencer Nazaré. Fala da vida desregrada que leva em jogatinas e dos "amores" fáceis.

Por fim Artur apela para caridade de Nazaré. Se ela era tão boa para os outros, por que se negava a ajudá-lo a sair daquela vida desregrada; enfim por que não o socorria casando-se com ele? Essa súplica rende a certeza da amizade de Nazaré e esta passa a levá-lo nas obras de caridade que pratica. Para Artur isto já é um grande avanço:

Ao contrário do pensamento romântico, Artur acreditava que o amor podia surgir do conhecimento e da conquista, da disposição do enamorado em esperar a reciprocidade de sentimentos. Se ela não o amava ainda, não queria dizer que não o amaria nunca. E talvez isso não importasse muito. O fundamental era conseguir a mão da prima. No entanto, não

¹⁰² Idem, p.153.

conseguiu seu intento logo após a declaração... Foram necessários muitos outros argumentos.

Em sua empreitada Artur contava com um forte aliado, o Coronel Pedrosa. Notando que o simples diálogo não adiantava, parte para a chantagem:

"-Affligis-me tanto com esse teu modo de pensar que já vou me sentindo doente e creio que pouco viverei, pois, como sabes qualquer desgosto íntimo afeta extraordinariamente a minha organização. Quererás ser a causa de minha morte? Tu que eu amo com mais acrisolado afeto e por quem daria até a última gota de meu sangue, hás de ser culpada da amargura que me envenenara os derradeiros dias da existência? Não, eu não posso esperar isso de ti.

-Que quer o papai que eu faça para que fique satisfeito? Tanto se interessa que eu case com o primo?

-Mais eu vejo nisso a tua felicidade!

-Um casamento sem amor pode trazer a felicidade?

-Conforme tenho visto muitas moças que se casam sem ter grande simpatia pelos noivos, depois de casados chegam a estima-los deveras e outros que se casam verdadeiramente apaixonados, passados os primeiros dulçores da lua-de-mel arrependem-se e sofrem os martírios de uma tremenda desilusão.

-E o papai me aconselha a casar, com o primo, embora não o ame?!

-Aconselho-te que te esqueças aquelas loucuras e penses seriamente. Sempre te distinguiste de tuas irmãs pelo bom senso que desde muito nova revelaste. Não queiras por um capricho de nervoso estragar o teu futuro. Enquanto eu viver não consentirei que te rebaixes a contrair indigna de ti. Se eu morrer e persistires em seguir tua errônea inclinação hás de sentir o remorso de teres vilipendiado a memória.

-Papai, não fale assim. Eu não quero casar, não desejo mesmo outra vida se não a que tenho levado até hoje ao teu lado e de minhas irmãs.

*-Então é melhor ir para um convento ou ser irmã de caridade.*¹⁰³

A chantagem emocional é evidente. Ou Nazaré casa-se com Artur ou será responsabilizada pela morte do pai; e mais, caso estivesse esperando pela volta de Chiquinho, como de

¹⁰³ Idem, pp159-160.

fato, estava, o Coronel jamais consentiria no casamento desnivelado socialmente.

Para o Coronel Pedrosa caso Nazaré não se casasse com seu primo Artur, deveria ir para o convento ou ser irmã de caridade. Afinal a possibilidade de vê-la como uma mulher solitária, celibatária, amedrontava o Coronel. A imagem de uma mulher sozinha causava incômodo para o período. Uma mulher sem um marido, um pai, um homem que cuidasse dela era tida como uma espécie de "aleijão social", como nos apresenta Michelle Perrot:

"Escolhida, sofrida ou simplesmente assumida, a solidão das mulheres sempre gera uma situação difícil, pois radicalmente impensada. 'A mulher, morre se não tem lar nem proteção, diz Michelet com piedade e o coro dos epígonos declara: 'Se há uma coisa que a natureza nos ensina com clareza é que a mulher é feita para ser protegida, para viver quando jovem junto à mãe, e esposa sobre a guarda e a autoridade do marido [...]. As mulheres são feitas para esconder sua vida' (Jules Simon, L' Ouviré [A operária] (1865). Fora do lar e do casamento não há salvação.

Desavergonhada que vive de seus encantos ou solteirona sem eles, a mulher sozinha desperta desconfiança, reprovação e zombaria. O solteirão tem manias: é mais risível do que propriamente lastimável. Mirrada, a solteirona cheira a ranço. É vergonhoso esse 'ser improdutivo', (Balzac). Rabugenta, maledicente, intrigante, até histérica, maldosa, ela preocupa, como a prima Bett (1847), operando como uma aranha na cidade cristal de todos os estereótipos. Será preciso esperar o século XX para que, sob a influência de feministas ou escritores (como Leon Frappié) surja uma outra figura da mulher sozinha e que finalmente tenha direito ao celibato"¹⁰⁴

Sendo esse o pensamento da época é possível compreender porque o Coronel Pedrosa temia tanto morrer e deixar Nazaré sozinha no mundo, pois a mãe já se fora há muito e as irmãs, pelo que parece, já estavam encaminhadas. Entre ficar sozinha ou casar-se com um "matuto", o pai não

¹⁰⁴ PERROT, Michelle, pp.298-299.

aceitava nenhuma das duas situações: a alternativa adequada seria torna-se irmã de caridade, uma forma de aceitação social para uma mulher solteira, pois afinal seria "esposa de Cristo".

Nazaré, enfim, aceita casar com seu primo Artur. Principalmente após os conselhos de Maria da Glória, sua prima vinda do Rio de Janeiro e uma personagem, representando a imagem da mulher dissimulada e desonesta, que terá uma função primordial no desfecho do romance. O que importa saber agora é que com a ajuda de Maria da Glória, Artur conseguiu enfim casar-se com Nazaré.

A partir daí realmente começa a parte mais intrigante e exemplar do romance, desencadeado a partir de um casamento sem amor e realizado pela vontade alheia (do pai, das irmãs, da prima) e não pela vontade da própria mulher.

Transcorridos dezoito meses de casamento, Nazaré já é mãe de um filho. Cumprira a vontade do pai, casando-se com Artur, e lhe dera um neto, dando continuidade a família Pedrosa:

"Ele (Oscar) tornou-lhe a vida agradável, prende-a ao marido num elo indissolúvel que talvez não se tivesse estreitado tanto se aquela criancinha gentil não os tivesse aproximado mais um do outro. Nazaré no êxtase de uma adoração verdadeiramente materna contempla o filho adormecido e um sorriso de indefinível ternura entreabre-lhe os lábios que se agitam num murmúrio de prece"¹⁰⁵

A construção da imagem da mãe zelosa e protetora, da mãe que cuida do filho, colocando-se como o verdadeiro alicerce para a segurança do casamento.

Médicos, higienistas, literatos, imprensa, todos ajudaram de determinada forma, na construção da imagem da mãe no século XIX; empenhados no desenvolvimento da

¹⁰⁵ Idem, p. 182.

Nação e na construção de uma família nuclear, através de uma educação formadora de cidadão patrióticos.

Nesse sentido a figura da mãe é valorizada, encorajada e apresentada como a responsável pelo bom funcionamento do lar e a educação dos filhos. Não devemos estranhar então que Francisca Clotilde ao tentar construir a imagem de uma heroína romântica, uma "donzela cristã", tenha tomado a imagem da mãe zelosa para definir a posição de Nazaré dentro do casamento. Acompanhemos a relação proposta na identificação da mulher-mãe com a imagem de Maria, apontada por Margareth Rago:

*"Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário a mulher sensual, pecadora e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem. Assim serão contrapostas no discurso burguês duas figuras femininas, polarizadas, mais complementares: a santa assexuada, mas mãe, que deu origem ao homem salvador da humanidade, que padece no paraíso do lar e esquece abnegadamente dos prazeres da vida mundana e a pecadora diabólica que atrai para as seduções infernais do submundo os jovens e maridos insatisfeitos. A primeira, toda alma e sacrifício- símbolo do bem, a segunda exclusivamente carnal e egoísta- encarnação do mal. Ambas, no entanto, submissas, dependentes, porcelanas do homem, incapazes de um pensamento racional e, conseqüentemente, de dirigirem suas próprias vidas"*¹⁰⁶

Acreditamos que Nazaré se encaixa na imagem da "santa-mãezinha", abnegada, zelosa do filho e do marido. Já era uma filha obediente e ao torna-se mãe, não poderia ser diferente, cumpre seu papel exemplarmente zelando pelo filhinho Oscar enquanto espera a volta do marido Artur para casa.

¹⁰⁶ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 82.

Apenas uma imagem vem quebrar a tranqüilidade harmoniosa do lar de Nazaré, a chegada de Artur completamente embriagado:

*"Acorda assustada, pois sente empurrarem a porta do quarto com violência. O marido entra cambaleando, o olhar desvairado, o hálito encervejado. Acorda a mulher bruscamente, sacode-a com força e depois cai sobre o tapete a expelir o vômito (...) Que horrorosa mudança! O Artur ainda na véspera tão bom, tão terno apresenta-se de novo dominado pelo vício. E que vício! O mais abjeto de todos, aquele que coloca o homem ao nível do animal."*¹⁰⁷

Se Nazaré estava cumprindo sua função de dona-de-casa e mãe zelosa, o mesmo não podemos afirmar de Artur. Pois é visível a decadência moral que se opera no personagem. Em uma época na qual a construção da imagem do chefe-de-família, pai e provedor emergia como uma força importante na construção da nação, da pátria, do trabalhador e cidadão incansável, Artur entregava-se novamente ao jogo e à bebida, vícios, que ele afirmara a Nazaré, que só poderiam ser abandonados com o casamento.

A imagem do jovem boêmio e Don Juan caía bem no bacharel solteiro, sem pretensões, sem noiva e sem compromissos, como era Artur antes de casar-se com Nazaré:

*"Afeito a partidos amorosos, fanfarrão em investidas donjuanescas, habituado a ver na mulher um passatempo agradável"*¹⁰⁸

Tudo isso em um rapaz solteiro de elite poderia ser visto até de forma lisonjeira, como percebe Michelle Perrot:

"A boêmia constrói um modelo simetricamente inverso à vida privada burguesa. Primeiramente por sua relação invertida com o tempo e o espaço: vida noturna, sem horários- o boêmio não usa relógio- de intensa sociabilidade tendo como palco a cidade, os

¹⁰⁷ CLOTILDE, Francisca. Op.cit, pp.184-185.

¹⁰⁸ Idem. p.152.

salões bares e avenidas. Os boêmios 'não conseguem andar dez passos na avenida sem encontrar um amigo. Conversar é seu prazer, sua principal ocupação. Eles vivem, escrevem nos bares, bibliotecas e gabinetes de leitura próximos das classes populares, pelo uso privativo que fazem do espaço público. Eternamente perseguidos pelos credores e oficiais de justiça, não tem domicílio certo, não possuem móveis, dispendo mal de alguns objetos. Um herói de Murger, Schaunarol, leva seus bens no bolsos, 'fundos como porões'. Dividem em grupo alojamentos efêmeros, sendo habilíssimos em transformá-los para uma noite de festa, com alguns bibelôs ou tecidos finos, como quem arma uma barraca ou um cenário. Desprezando a parcimônia, virtude dos 'barrigudos', esses magricelas queimam o dinheiro ganho ou emprestado em uma noite de farra ou jogo, num bolão para as despesas da noitada. Pois eles desdenham a propriedade, partilham tudo, inclusive as mulheres, que passam de um para o outro, conforme seus gostos. (...) O homem também reina na boêmia, mesmo que algumas mulheres, mais avisadas, consigam fazer carreira ou pelo menos ter o prazer de viver sem tédio".¹⁰⁹

Acontece que para um homem casado e pai de família como Artur, viver sem noção de hora, empregando o dinheiro no jogo e na bebida, não era visto de forma lisonjeira.

Ao mesmo tempo que passa a ocupar um espaço privilegiado na sociedade oitocentista, o século XIX também demarca as obrigações masculinas para a construção da imagem do homem como chefe de família, pai, trabalhador e provedor.

É nesse sentido que muitas campanhas antialcoólicas e contrárias ao jogo começaram a ser executadas. Em Fortaleza a imprensa no final do século XIX e início do XX mostra-se engajada através das denúncias das casas de jogo e do combate ao consumo excessivo de álcool.

Não podemos esquecer que a nossa escritora está imersa no discurso civilizatório que planeja a construção de uma nova sociedade. Se por um lado cobrava-se da mulher a

¹⁰⁹ PERROT, Michelle. A margem: solteiros e solitário, pp. 295-296.

postura da mãe zelosa, por outro lado, cobrava-se também do homem as atitudes de um chefe-de família e provedor.

Sendo assim, Artur quando chega de madrugada embriagado e violento, desce ao "nível do animal" e perde toda a respeitabilidade.

A situação de Artur vai se agravando. Endividado no jogo, pede dinheiro emprestado ao sogro e sofre uma grande humilhação.

Chiquinho ao retornar ao Ceará, depois de dois anos, fica hospedado no Hotel do Norte, em Fortaleza, e encontra Artur em grande discussão em um dos salões por uma dívida de jogo de quinhentos réis.

Sabendo que Nazaré havia casado com Artur, Chiquinho em um misto de bondade e vingança, resolve emprestar o dinheiro para que Artur quite a dívida.

Nazaré, contudo, no desenrolar da situação, descobre que Chiquinho emprestou dinheiro ao marido e com um sentimento de vergonha e desejo de rever Chiquinho, vende uma jóia e vai ao Hotel pagar a dívida do marido.

Esse acontecimento leva ao clímax da narrativa, pois Artur descobrindo que a mulher resolvera tomar a atitude de quitar suas dívidas, contrariando o que a ele cabia fazer como homem, e sabendo principalmente que Nazaré por isso se encontraria com Chiquinho, Artur resolve então tomar satisfações e "lavar a honra". Acompanhem os pensamentos de Chiquinho sobre o seu embate com Artur:

"A fatalidade colocava-o em frente do rival, e este, desvairado atrevia-se a insultá-lo gratuitamente como se ele fosse um farroupilha qualquer sem direito a menor atenção!

Se ele o tivesse agredido reservadamente teloi-a desprezado como a um louco; mas a agressão tivera por testemunhas umas dez pessoas, e ele seria um miserável se a sofresse calado. (...)

O Sr. Vai retratar-se do que disse e retirar os insultos que me dirigiu, senão eu esbofeteio. (...)

Ela, a pobre moça (Nazaré) mal podia conter o

borbotão de pranto que lhe corria ao longo do rosto vendo o marido prestes a sofrer a afronta mais cruel que um homem pode sofrer de outro, ser esbofeteado em publico."¹¹⁰

Diante da afronta sofrida e da inversão de papéis, com a mulher resolvendo problemas de dívida do marido sem sequer comunicá-lo e mais, pagando a dívida a um antigo namorado, todo esse comportamento parece excessivo para a imagem da esposa-mãe, dona-de-casa. Artur sentia sua honra ultrajada pela própria mulher, e por Chiquinho. Era necessário então colocar as coisas em seus devidos lugares.

Sendo assim a afronta, o insulto, a ameaça à Chiquinho funcionam como uma espécie de demonstração de força, virilidade e reparo da honra enxovalhada.

Percebemos que Chiquinho responde as ofensas com a ameaça também do uso da violência por estar na presença de outras "dez pessoas". Fica evidenciado que esses valores estão tão intimamente imbricados nas atitudes dos dois principais personagens masculinos, que demonstram através de um confronto a sua virilidade, masculinidade e honradez. Um homem que aceitasse a ofensa calado passaria ou por culpado daquilo que é acusado, "quem cala consente", ou por covarde, submisso, imagens que não se adequavam ao comportamento padrão masculino. Por isso, o uso das expressões simbólicas da violência procuram reafirmar a virilidade e a masculinidade, principalmente em público, em grupo, como nos demonstra Pierre Bourdieu:

"Certas formas de 'coragem', as que são exigidas ou reconhecidas pelas forças armadas, ou pelas polícias (e especialmente, pelas 'corporações de elite') e pelos bandos de delinquentes ou também, mais banalmente, certos coletivos de trabalho- como as que, nos ofícios da construção, em particular, encorajam e pressionam a recusar a mediada de prudência e a negar ou a desafiar o perigo com condutas de exibição de bravura, responsáveis por

¹¹⁰ CLOTLDE, Francisca, Op.cit. pp 225-227.

numerosos acidentes- encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima e ou a consideração do grupo, de 'quebrar a cara' diante dos 'companheiros' e de se ver remetido à categoria tipicamente feminina dos 'fracos', dos 'delicados', dos 'mulherzinhas', dos 'veados'. Por conseguinte, o que chamamos de 'coragem' muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo 'viril' de ser excluído do mundo dos 'homens', sem fraquezas dos que são por vezes chamados de 'duros' porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros- assassinos, torturadores e chefetes de todas as ditaduras e de todas as 'instituições totais', mesmo as mais ordinárias, como as prisões, as casernas ou os internatos-, mas igualmente, os novos padrões de uma luta que a hagiografia neoliberal exalta e que, não raro, quando submetidos, eles próprios, a provas de coragem corporal, manifestam seu domínio atirando ao desemprego seus empregados excedentes. A virilidade como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo."¹¹¹

Está claro que Bourdieu se refere a nossa sociedade atual, mas acreditamos que as noções de afirmação de virilidade, masculinidade e demonstração pública da força masculina estavam já há muito presentes nas relações de gênero do século XIX.

Com a instauração da ordem burguesa a figura do homem dominador, valente, corajoso, trabalhador e provedor da família emerge como uma necessidade crucial para a edificação da vida burguesa e do sistema capitalista.

Sendo o espaço público, privilegiadamente masculino, uma ofensa a um homem pode gerar uma série de situações constrangedoras. Chiquinho sente-se então impulsionado a

¹¹¹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, pp. 66-67. Grifos nossos.

responder as ofensas sofridas. É com esse mesmo sentido que Nazaré chora ao perceber que seu marido poderia ser esbofeteado em público, cena essa observada pelo olhar perscrutador da mesma sociedade que Nazaré tanto temia caso tivesse se unido ao "matuto" Chiquinho. No entanto, hoje ela se encontrava, talvez por ironia do destino, em uma situação muito mais deplorável do que se houvesse casado com "o matuto".

Mesmo cobrando a "lavagem da honra", que acreditava ter sido enxovalhada por Nazaré e Chiquinho, Artur estava completamente descrendeciado perante a sociedade de fazer qualquer exigência.

Artur era um homem casado "que não se dava ao respeito"; jogador viciado, velhaco, alcoólatra, endividado, não cumpria mais a função de provedor da família e um péssimo exemplo para o filho. Em outras palavras, Artur falhara completamente naquilo que se exigia dos "homens de bem" no período: trabalho e ordem. Se a boêmia lhe caíra bem na vida de solteiro, definitivamente não era aceita para um senhor casado.

Parece que a vida dos homens do período também não era nada fácil. Em uma ordem burguesa onde a figura do homem trabalhador e provedor torna-se paradigmática; e aqueles que não se encaixavam eram evidentemente marginalizados e cobrados a uma rápida regeneração.

Portanto ao cobrar uma honra que ele mesmo colocara por terra, Artur agrava sua situação ainda mais ferindo Chiquinho com uma facada pelas costas, caracterizando a atitude de um homem covarde. Foge para o Norte com Maria da Glória, prima de Nazaré, e lá traça definitivamente seu destino voltando a jogar e a se endividar, tornando-se cafetão, e por fim ladrão. Desce todos os degraus da escala da considerada boa conduta, e ao tornar-se ladrão fere o principal dos direitos da nova ordem burguesa, o direito e o

respeito a propriedade privada. Dessa forma Francisca Clotilde constrói na narrativa todos os motivos que dão legitimidade ao pedido de divórcio feito pelo pai.

Em uma sociedade brasileira, cearense- na qual a emancipação feminina era considerada perigosa, o casamento e a família pilares da sociedade- conceber o divórcio tornava-se praticamente impossível.

Portanto percebemos que Francisca Clotilde trata de desautorizar completamente a imagem de Artur como marido. Era preciso criar fortes argumentos para que o divórcio fosse pelo menos discutido no final do século XIX, no qual a família nuclear, a criação da prole e o casamento eram tidos como indispensáveis para o desenvolvimento da civilização. Portanto, conceber o divórcio como um passo da emancipação feminina e não como a dissolução do lar foi um processo lentíssimo, não por acaso, só aprovado no Brasil em 1977, muito tempo depois do romance de Francisca Clotilde.

Mesmo apontando todos os "defeitos" de Artur, a autora não coloca o assunto de forma 'revolucionária' e o divórcio só se dá porque o pai, o Coronel Pedrosa divorcia Nazaré, por não querer mais vê-la casada com tal vil criatura, e que só traria problemas para a família.

Sendo assim o romance, que apesar do título polêmico, traz uma visão conservadora. Mesmo aceitando o fato achamos que não é suficiente esta afirmação, pois mesmo que a separação se dê de forma conservadora, consideramos corajosa e ousada a proposta da escritora Francisca Clotilde ao falar em divórcio feminino em uma sociedade conservadora. O espaço de opção das mulheres se reduzia a aceitar e a sofrer caladas para a manutenção do casamento, da família e dos filhos. Portanto ao abordar o divórcio, mesmo que através da ruptura conservadora de Nazaré com Artur, a autora arranha um pouco a imagem da "santa mãezinha" e da mulher resignada.

Existe uma passagem tensíssima, onde Nazaré pensa a sua nova condição de mulher divorciada e do que isso significaria para sua vida:

"Divorciada! Esta palavra fatídica vinha ao espírito da Nazaré logo pela manhã quando despertava e o sorriso do filho lhe enviava um bom dia dulcificante e cheio de esperanças.

Quebrara todos os laços que a uniam ao marido; mas seu coração igualmente se despedaçara. Que terrível desenlace tivera o seu casamento!

Perguntava a si mesma no silêncio, recolhida e desolada, o que havia feito para merecer tão rude castigo, e a sua consciência de nada a exprobase. Repousava serena na certeza do dever cumprido.

Quantas súplicas levantava todos os dias ao Deus bondoso para que desviasse o marido do caminho do mal!

Ele não escutara a prece fervorosa, queria acrisolar sua alma virtuosa na adversidade. Era cristã, resignava-se. Tinha de viver dali em diante. Totalmente seqüestrada do mundo ocupando a mais triste posição na casa paterna. Quantos comentários se faziam a respeito dela!

Os que a conheciam de perto, faziam-lhe de justiça, apiedavam-se de seu infortúnio; porém os estranhos? Chegavam-lhe aos ouvidos pela tagarelice dos criados os rumores de fora, e doía-lhe ser considerada desfavoralmente.

Atribuía o desfecho triste de seu casamento à rispidez de gênio, ao seu ciúme implacável.

O alqoz fazia o papel de vítima, e a própria reputação da inditosa moça sofria investidas grosseiras.

A cena do Hotel aparecia pintada com pérfidas cores, como um verdadeiro drama de enredo complicado, no qual o matuto era o pomo de discórdia, o Adônis preferido.

Divorciada! Embora se encerrasse entre quatro paredes, vivendo exclusivamente para seu filho havia de atingi-la o bote traiçoeiro da calúnia!

Contudo lutara muito antes de tomar a resolução decisiva de requerer o divórcio; mas a última proeza do Artur arrancara-lhe a venda dos olhos e despedaçara-lhe de todo a energia que a sustinha (...)

Depois a sua posição de mulher separada do marido punha-a cruelmente até os recessos d'alma, como um estilete agudo. (...)

Divorciada! Esta palavra maldita causava-lhe a mesma impressão que o letreiro escrito nas paredes

do salão do festim babilônico ao impio Baltazar."¹¹²

Francisca Clotilde trata da questão do divórcio de uma forma bastante delicada e singular, apontado todos os entraves que poderiam ser colocadas para a mulher divorciada no período: se a solidão feminina por si só já incomodava, o que poderíamos dizer de um casamento fracassado?

Se Artur havia falhado enquanto marido, Nazaré também falhara enquanto esposa, quando não soube suportar a vida desregrada do marido e não conseguindo livrá-lo do vício. Perdera, fracassara enquanto senhora casada.

E o que era agora perante a sociedade? Certamente, não mais uma donzela cristã, nem mãe solteira e tampouco uma mulher sozinha. Era agora uma mulher divorciada em uma sociedade que acreditava que todas as mulheres necessitavam de proteção e amparo e na qual o casamento se constituía como o pilar para seu desenvolvimento e sua reprodução.

Uma mulher divorciada simbolizava o fracasso da família não mais aceita como honrada e digna de respeito, enfim uma mulher fracassada e posta à margem da sociedade.

Mais uma vez percebemos o peso que a sociedade vigilante tem na vida de Nazaré assim como provavelmente deveria ter nas vidas de outras mulheres, que mantiveram casamentos por conveniência para manterem o nome de senhoras e o respeito, suportando todo o tipo de humilhações e privações; mas atreladas aos casamentos também pela dependência financeira, não podendo muitas vezes sustentar a si e aos filhos caso o matrimônio fracassasse. Nem todas teriam a alternativa de um Coronel Pedrosa para onde voltar.

¹¹² Idem, pp. 271-273.

Por isso, mesmo com todas as ressalvas, acreditamos que o divórcio de Nazaré é emblemático e corajoso. Não deveria ser nada fácil sustentar a condição de mulher divorciada no Ceará no final do século XIX. Francisca Clotilde viveu esse drama pessoalmente e exemplificou através de sua narrativa todas as dificuldades que Nazaré enfrentou para conquistar o divórcio. O uso da escrita pública aparece como uma possibilidade de explicar para a sociedade e para si mesma o que havia acontecido na sua própria vida. Numa época na qual poucas mulheres falavam em público, tematizar o divórcio já é em si uma atitude ousada.

Contudo durante boa parte do início do século XX, o divórcio passa a ser um tema constantemente discutido entre feministas, moralistas, anarquistas e conservadores, debatendo a necessidade ou não do divórcio. Consideramos que Margareth Rago tem uma boa análise a esse respeito com a qual concordamos plenamente:

"O divórcio é uma necessidade fundamental numa sociedade que não sabe amar, que não tem tempo para isto, que consome as energias dos indivíduos explorando-os até os limites de suas forças. Preocupadas com sobrevivência material; como podem as pessoas neste sistema social relacionarem-se de outro modo que não competitivas e autoritadamente, ameaçadas o tempo todo de perderem seu ganha-pão, humilhadas pelos dominantes, ou nas classes privilegiadas, lutando para a auto-afirmarem continuamente?"¹¹³

Sendo assim no âmbito das relações de gênero do período, a discussão sobre o divórcio representa uma conquista na luta da emancipação feminina. Ter o direito de livrar-se de um casamento e poder reiniciar a vida ao lado de um novo companheiro ou mesmo continuar a vida sozinha representavam possibilidades de escolhas ainda não conquistadas pelas mulheres.

¹¹³ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. p. 100.

O divórcio de Nazaré no romance cumpre uma função primordial, pois a partir dele, Nazaré poderá casar-se com seu grande amor Chiquinho, que volta do Norte enriquecido na esperança de desposar Nazaré.

A primeira vista quase vislumbramos um final feliz, livre das amarras sociais, pois o amor parecia ter vencido todos os entraves financeiros e culturais que outrora estavam colocados.

No entanto Chiquinho ao voltar havia conseguido equiparar-se à família de Nazaré, não só pelo dinheiro como também pela honra que a imagem de homem trabalhador lhe dava. Ao contrário de Artur, Chiquinho mostrara-se digno do amor de Nazaré e do maior respeito da sociedade que não teria visto com bons olhos a união do "matuto" com a "praciana".

A riqueza do romance para a problemática do nosso trabalho- o comportamento feminino nas narrativas das escritoras cearenses-, dá-se na relação de tensão em que a personagem Nazaré é descrita pela pena de Francisca Clotilde. Mesmo optando sempre pelas alternativas aparentemente mais conservadoras, tanto Nazaré quanto sua criadora titubeiam, questionam-se e se exasperam com a família e a sociedade.

Para os críticos mais apressados talvez não exista rompimento da imagem conservadora feminina no romance. Mas para nós historiadores, e feministas, que entendendo o momento delicado da voz que se coloca aos poucos e se descobre enquanto escritora, capaz de alguma contribuição à compreensão do universo feminino através da palavra escrita, acreditamos dessa forma que Francisca Clotilde soube colocar em seu romance toda a tensão de um casamento sem amor e de um processo de divórcio gerado num espaço e num tempo onde a grande maioria das mulheres encontrava grandes dificuldades para trilhar seu

próprio caminho.

Acreditamos que "A Divorciada" é um romance que trata da transição da mulher submissa para a mulher emancipada, como afirmamos no início do capítulo, entre a ruptura e a permanência!

Nazaré é uma personagem em transição, mas em nenhum momento uma personagem transgressora.

A imagem da mulher transgressora está delineada em uma personagem que se chama Maria da Glória, prima de Nazaré e da qual nos ocuparemos agora

2.3 Maria da Glória: A mulher serpente.

*"Porias o universo inteiro em teu bordel,
Mulher impura! O tédio é que te faz cruel.
Para treinares os dentes nesse jogo singular,
Terás a cada dia um coração a devorar,
Teus olhos a girar assim como farândolas,
De festas de fulgor a imitar as girândolas,
Exibem com insolência uma vã nobreza,
Sem conhecer jamais a lei de sua beleza!"*

*Máquina cega e surda e de um cruel fecundo!
Instrumento a beber todo o sangue do mundo,
Já perdeste o pudor e ao espelho não viste
Tua beleza cada vez mais murcha e triste!
A grandeza de um mal que crês saber tanto
Nunca pôde fazer-te retroceder de espanto
Na hora em que a natureza em desígnios velados,
De ti serve, mulher, ó deusa dos pecados;
A ti, vil animal- para um gênio formar?"*

*Ó grandeza de lama! Ó ignoniscia exemplar!*¹¹⁴

Charles Baudelaire em 1857 leva à publicação o seu livro, que se tornaria clássico, "Flores do Mal" e nos apresenta o belíssimo poema acima. O escolhemos como abertura para análise da personagem Maria da Glória porque acreditamos que a imagem de uma mulher considerada "impura" e que freqüenta orgias, denegrindo-se pouco a pouco, cai como uma luva para a representação que Francisca Clotilde cria para Maria da Glória.

Se Nazaré, a "donzela cristã", merecia um final feliz, a personagem de Maria da Glória, sua prima, aparece na narrativa como seu oposto e a negação da norma, a mulher hipócrita, devassa, mentirosa e interesseira:

"Maria da Glória, a sobrinha do Coronel Pedrosa, morava no Rio de Janeiro desde a época de seu casamento realizado em 1881. O marido era empregado no Hospital de Pedro II e ganhava apenas o suficiente para ir vivendo com muita economia, porém ela gostava de ostentar a beleza e não se conformava com os escassos rendimentos que não lhe permitiam ter bonitos vestidos e os adornos indispensáveis a garridice de sua natureza frívola. Leviana e mal educada deixava-se galantear e muitas vezes passando nas lojas onde as vitrines expunham centenas de objetos próprios à exibição da vaidade feminina suspirava e dizia consigo mesma: Se eu quisesse possuía aqueles ornatos!

E lançava-lhe um olhar de cobiça fitando depois desconsolada o seu modesto vestido de merino já desbotado e as botinas que haviam perdido o lustre primitivo. Ela era realmente bonita e possuía certa distinção que a natureza concede a algumas mulheres fazendo-as sobressair dentre outras que trajam melhor e ocupam posição mais elevada no mundo

Tinha 24 anos e desde os 15 vivera quase sempre fora das vistas maternas. Pouco estimava a mãe e com ela se parecia no modo de encarar as cousas. Casara-se para ficar livre de andar por casas alheias suportando desaforos, agüentado imposições; mas ao cabo de três dias de casada, se algum sedutor lhe

¹¹⁴ "Porias o universo inteiro em teu bordel" In: BAUDELAIRE, Charles. *Flores do Mal*. São Paulo: Editora Martin Claret. p.38

tivesse oferecido uma existência luxuosa teria abandonado o marido sem um arrepio de remorso. O seu ideal era ser lisonjeada, atrair a atenção. Encontrou no meio em que vivia facilidades para sustentar sua vaidade sem dar escândalo, e misteriosamente de aventura em aventura deixou-se prender em amores fáceis. O marido se desconfiava de suas fraquezas fechava os olhos e filosoficamente suportando-a em casa, porque afinal sabia guardar as conveniências.

Um dia, porém, deu-se um encontro fatal e o pobre esposo ludibriado tangeu-a a pontapés mandando-a plantar batatas.

O seu belo rosto valeu-a. Um moço doidivanas, filho de um barão que se achava em São Paulo protegeu-a no transe difícil em que se achava.

Então ela pode brilhar; pisar em tapetes, arrastar sedas e ofuscar as outras estrelas do demi-monde. Teve um cortejo de adoradores e semelhante à mariposa fascinada pela chama que lhe queima as asas, deixou-se ofuscar pelo falso brilho da riqueza comprada à custa da infância, e viveu essa vida fictícia que envenena o organismo e atrofia n'alma o sentimento bom.

Expulsa do meio honesto especulou com a beleza da maneira mais vil e quando sua mãe achava-se em casa do irmão a fazer companhia a sobrinha, ela no Rio de Janeiro, já tendo descido os últimos degraus de abjeção baixaria ao hospital, vítima de uma perniciosa que a deixou às portas da morte. (...) entrou nas ruas da Fortaleza com o aspecto modesto e a aparência calma de mulher inimiga de vaidade e zelosa de sua reputação.

Afivelou ao rosto a máscara da hipocrisia (...) Eis o perfeito protótipo da maldade mais refalsada e da hipocrisia mais fina!"¹¹⁵

Maria da Glória merece uma análise em separado por representar aparentemente um paradoxo na escrita de Francisca Clotilde. Lutando pela emancipação feminina e a participação da mulher na política, a autora acaba estabelecendo os mesmos estereótipos para a mulher de comportamento desviante, ou seja, aquela que não está dentro dos padrões da mulher honesta, da mãe, dona-de-casa.

Não queremos fazer deste texto uma defesa das posturas conservadoras de Francisca Clotilde, mas

¹¹⁵ Idem, pp 168-171.

acreditamos que historicizar suas falas é fundamental até para que possamos entender tais posturas.

Se havia uma defesa da mulher, esta mulher era aquela honesta donzela cristã e obediente aos pais que merecia uma segunda chance com a conquista do divórcio e um novo casamento.

Para adquirir respeitabilidade é preciso mostrar uma postura digna, talvez por isso mesmo muitas feministas na década de 20 do século passado insistissem nas imagens da santa-mãezinha e rainha do lar, que conferiam credibilidade às mulheres. Se eram capazes de cuidar da casa e educar os filhos poderiam muito bem votar e serem eleitas.

Na trama está claro que Maria da Glória é a representação oposta de Nazaré. Caridosa, bondosa, educada, boa esposa e mãe, essas imagens na construção da mulher honesta, digna de respeito se apresentam em oposição à imagem da meretriz.

Talvez criar Maria da Glória com todos os estereótipos de mulher perdida fornecesse a Nazaré a legitimidade para a consecução do divórcio. Era, antes de tudo, uma mulher honesta que, por infortúnio, havia tido um casamento infeliz, e portanto merecedora de uma segunda chance. Como aponta Rachel Soihet as mulheres foram rompendo e conservando na luta pela sua emancipação:

*"Moderado nos métodos, nas aspirações, nunca capaz de ameaçar aos homens o espaço que controlavam; força capaz de impedir mudanças bruscas. Mas, as injustiças são colocadas, reclamando-se sua correção. Em suma, demonstração de crescimento político alcançado por algumas das mulheres, que nem por isso deixaram de incorporar e manter muitas das representações que lhe foram inculcadas."*¹¹⁶

¹¹⁶ SOIHET, Rachel. "Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero" In: Acervo, Rio de Janeiro, vol. 9, nº 1-2, p. 99- 124, jan/dez 1990, p. 112.

Podemos finalizar acreditando que Francisca Clotilde faz um trabalho primoroso no que diz respeito a buscar brechas dentro do discurso conservador para avançar na luta pelos direitos femininos.

No final da história, Nazaré está certa em pedir o divórcio e merece um final feliz com seu grande amor. Moral da história: deixem as mulheres amar em paz. Nós merecemos!!!

Cap.III: Emília de Freitas: A rainha das palavras

Emília de Freitas era uma senhora de quarenta e quatro anos quando seu livro "A Rainha do Ignoto: romance psicológico" foi publicado em Fortaleza em 1899.

"A Rainha do Ignoto" é aparentemente uma história simples, parecida até com "causos" e "lendas" do interior cearense, pertencentes a um imaginário coletivo medieval "importado" da Europa¹¹⁷. A história de uma moça encantada e encantadora, que seduz com sua beleza e mistério o jovem bacharel em Direito Dr. Edmundo. Este levado por intensa curiosidade procura por todos os meios se aproximar e desvendar os segredos dessa "mulher aparição" que navega pelo Rio Jaguaribe, vestida de branco, cantando e tocando harpa, acompanhada de um oragotango chamado King e de um cão chamado Fiel.

A moça que vive na gruta do Areré, próxima ao pequeno povoado "Passagem das Pedras", na cidade de Aracati, é chamada de "A Funesta", pois por onde passa leva o mal e a destruição, segundo a população do povoado, tornando-se uma verdadeira esfinge para o doutor Edmundo e para os leitores: "decifra-me ou te devoro".

A partir daí não existe mais simplicidade na história, e passam por nossos olhos vários acontecimentos fantásticos e misteriosos que deram a Emília de Freitas o título de a primeira escritora da literatura fantástica no Brasil. De crucial importância também no romance é a "maçonaria de mulheres" que a Rainha do Ignoto governa. As paladinas do Nevoeiro, como são chamadas suas seguidoras, navegam em

¹¹⁷ Esta idéia de que existe uma relação entre a obra "A rainha do Ignoto" e um imaginário medieval nos é apontada por: COLARES, Otacílio. "Do Romântico Regional ao Fantástico". In: FREITAS, Emília de. Op.cit, pp.07-17..

navios- fantasma. Tufão, Neblina e Gradolim aportam nas cidades de Belém, Manaus, Recife, Rio de Janeiro e Fortaleza, fazendo caridades e lutando contra injustiças sociais. Dentro desse emaranhado de acontecimentos percebemos pouco a pouco a construção de uma mulher republicana, espírita e abolicionista, denominada por três nome: "A Rainha do Ignoto", "A Funesta" ou "Diana", a caçadora mitológica que amputa o seio para exercer a caça, uma atividade considerada incompatível com o corpo feminino, e em algumas versões do mito, líder de uma comunidade de mulheres caçadoras, aptas a enfrentar todos os perigos e também com uma forte repulsa pelos homens.

A construção da Rainha e da "maçonaria de mulheres" nos leva a pensar que mulher extraordinária não foi Emília de Freitas. Numa época na qual o acesso à leitura, educação e andar livremente pelas ruas, Emília de Freitas constrói um romance em que algumas mulheres estudam, viajam pelo país a praticar caridades e tecem comentários sobre o comportamento dos homens, usando as mais diversas artimanhas para sobreviver numa sociedade que cobrava muito e lhes dava muito pouco.

Emília de Freitas, nascida em Aracati no Ceará, em 11 de janeiro de 1855, filha do Tenente Coronel Antônio José de Freitas e de Maria de Jesus Freitas, veio morar em Fortaleza depois da morte de seu pai em 1869. Então com quatorze anos pôde estudar francês, inglês, geografia e aritmética numa escola particular, passando depois a frequentar a Escola Normal. Formando-se no magistério, tornou-se professora no Instituto Benjamin Constant em Manaus numa escola secundária para meninos em 1892, já com trinta e sete anos. Em Manaus, "às margens do rio Negro", como a autora mesmo aponta, escreveu "A Rainha do Ignoto". Casou-se em 1900 com Antônio Viera, redator do "Jornal de Fortaleza".

Antes de partir para Manaus com um dos irmãos, Emília de Freitas participa ativamente da Sociedade das Cearenses Libertadoras. No dia 06 de janeiro de 1883 aos vinte e oito anos profere discurso de instalação solene da sociedade nos salões do Clube Cearense. O discurso é transcrito no jornal "O Libertador" de 10 de janeiro de 1883:

"Antes de manifestar as minhas idéias, peço desculpas à ilustre SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA para aquela que sem títulos ou conhecimentos que a recomendem, vem felicitá-la pela primeira vitória alcançada na ditosa vila do Acarape.

Depois imploro ainda permissão para, à sombra de sua bandeira, aliar os meus esforços aos destas distintas e humanitárias senhoras, oferecendo-lhes com sinceridade os únicos meios de que disponho: meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é em compensação guiada pelo poder da vontade.(...) Neste momento é com verdadeiro prazer que pronuncio o nome da Exma. Sra. Maria Tomásia Figueira Lima e de suas dignas consócias.

Como na França a admirável Roland ia às grades d'um cárcere animar os desventurados republicanos, elas hoje nos animam a trabalhar na grande obra que edifica a humanidade.

Com razão a ninguém mais que a mulher assiste o direito de enxugar lágrimas.

Socorrer a miséria, mitigar dores, é a sublime missão que nos confiou a Providência" ¹¹⁸

Percebemos as relações de amizade que a autora travava com Tomásia Figueira e suas demais colegas da sociedade. Emília de Freitas acredita que as mulheres têm o dever de cuidar das dores alheias, numa visão obviamente sacralizada sobre a mulher. A percepção da mulher como mártir, capaz de todos os sacrifícios pelo bem da humanidade também é muito presente em seu romance "A Rainha do Ignoto". Afinal a missão da Rainha e de suas paladinas é praticar a caridade pelo país, libertando

¹¹⁸FREITAS, Emília de. Discurso de instalação solene da Sociedade das Cearenses Libertadoras. In: CUNHA, Maryse Weyne. Emília de Freitas. In: **Mulheres do Brasil pensamento e ação**, 3º v. Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto, 1986, pp 296-297.

inclusive os escravos que viviam sob o controle de um senhor opressor.

Essa visão da mulher redentora é compartilhada por quase toda a sociedade do período, por um lado imobilizando as mulheres, pois as colocavam numa espécie de redoma em que poderiam e deveriam sofrer tudo resignadamente, por outro, através da mesma visão, a mulher poderia se defender quando agredida, exercer a atividade da caridade e participar mais ativamente na sociedade. Mesmo que possamos fazer ressalvas do que se constituía e como era feita esta caridade,¹¹⁹ é inegável que o espaço para esse exercício foi árduo e duramente conquistado. Professoras, intelectuais, escritoras e damas da sociedade se não enfrentaram os mesmos problemas que as mulheres das classes consideradas subalternas, defrontaram-se com angústias e dilemas singulares. Por isso muitas vezes utilizavam os estigmas da mulher santa, da virgem e da redentora-sofredora para poderem exercer determinadas atividades como por exemplo proferir discurso em público.

A autora de "A Rainha do Ignoto" publicou também uma coletânea de poesias intitulada "Canções do Lar", em 1891, que trazia uma introdução dirigida "Aos Censores". Há notícias no dicionário Cearense Bibliográfico de Guilherme Studart, da publicação do livro "O Renegado", mas ainda não temos nenhuma referência de que algum exemplar deste livro tenha sido encontrado. Colabora ainda em vários jornais de

¹¹⁹ Um das críticas mais combativas que encontramos a cerca da caridade praticada pelas damas da sociedade é de Maria Lacerda de Moura, em artigo publicado no jornal "O Ceará" já em 1928, intitulado "Feminismo? Caridade?" "E quando chegamos à conclusão de que a caridade humilha, deprecia, desviriliza, desfibra a quem dá e a quem recebe; quando sentimos a solução para os problemas humanos não é caridade que sufoca todas as fibras interiores de que tira, as faces escancaradas da miséria, as sobras, o supérfluo, a caridade que estrangula todas as energias latentes daquele que estende as mãos para receber, servilmente, o que sobra das orgias e da exploração dos que vivem a custa do trabalho alheio(...) ainda a mulher está convencida de que a sua mais alta missão na vida é a caridade e só conhece a questão social através da caridade, mas, dessa caridade de chás e tangos e requiebro nos salões..." Ver: jornal "O Ceará", Terça-feira, 31 de janeiro de 1928. Ano III, nº 791, p.06.

Fortaleza como "O Libertador", "Cearense", "O Lyrio" e "A Brisa" escrevendo textos e poesias. Escritos estes que buscavam comunicar suas idéias sobre abolição, progresso e educação. Emilia de Freitas nos permite ler em seus textos que acreditava no poder revolucionário e iluminador da educação. Não, por acaso, leciona juntamente com Tomásia Figueira numa escola noturna na rua Senador Pompeu. Também como professora acreditava combatia "as trevas da ignorância", como assinala nesta poesia publicada no jornal "Pedro II" em 1881:

*"É dever nesta hora excelsa
Mostrar um sincero pasmo,
Saudar com entusiasmo
O sublime pavilhão,
Onde trabalha ufanosa
Como esta cruzada
Que se arroja denodada
Em busca da perfeição!!!*

(...)

*Oh! Quando nas priscas eras
Atuava a tirania
Todo povo então jazia
Do saber inda na infância:*

*Hoje no século das luzes,
Em toda parte se ensina
A rasgar negra cortina
Da noite da ignorância.*

*E a oferenda preciosa
Dessa seiva imorredoura,
Que ora a nação entesoura
Nos crânios diletos seus;
Com justiça, por direito
Igual ao filho do nobre,
Recebe o aluno pobre
Francamente nos liceus.*

*Educar na mocidade
A esperança coorte,
É assegurar a sorte
Da futura geração!
É acender uma lâmpada
Nas trevas que envolvem a alma!
É tecer vividas palmas*

*Com as flores da instrução...*¹²⁰

Acreditando no poder iluminador da educação através das palavras é que Emília apresenta o seu livro, segundo ela, procurando "estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa".

3.1 A RAINHA DO IGNOTO

O romance "A Rainha do Ignoto" funciona como uma verdadeira esfinge: "Decifra-me ou te devoro". Esta imagem da esfinge persegue-nos no decorrer do livro. Afinal o que quer Emília de Freitas ao escrever essa narrativa tão singular, apontada como completamente fora de sua temporalidade literária, pois em 1899, ano da publicação do livro, a literatura brasileira e cearense era dominada pelo realismo-naturalismo. É justamente nesse fim de século, por exemplo, que surge "A Normalista" de Adolfo Caminha, em 1893. Um romance com todas as características do realismo-naturalismo e que constitui até hoje uma das críticas mais mordazes à população fortalezense *fin-de-siècle*. Definitivamente a narrativa de Emília não tem repercussão nem à época de sua publicação, nem depois na crítica literária cearense. Sendo, muitas vezes, o romance execrado, como nas palavras de Abelardo Montenegro:

"A Rainha do Ignoto é um dramalhão que não convence. Falta-lhe, além da veracidade dos fatos, a naturalidade dos diálogos. O romantismo atinge as raias do delirante.

Emília tenta o romance psicológico, em que a análise não é deduzida da observação, nem do raciocínio; mas da intuição. Assemelha-se assim, mais a uma obra ditada do além, servindo a romancista de médium psicógrafa.

A romancista procura, numa coleção de fatos triviais, estudar a alma da mulher, sempre sensível

¹²⁰ FREITAS, Emília de. "Poesia" in: Jornal " PEDRO II", 27 de novembro de 1881, p.03. In: CUNHA, Maryse Weyne. "Emília de Freitas. Op.cit, pp. 293-294.

*e por vezes fantasiosa.*¹²¹

O que nos chama a atenção é que ao ser considerada uma obra deslocada do seu tempo, pois retorna ao romantismo chegando às "raias do delirante", este retorno romântico é caracterizado de maneira "intuitiva", "sempre sensível", e "por vezes fantasiosa", ou seja, adjetivado com características consideradas femininas.¹²²

Esse olhar pode ser encontrado também em Otacílio Colares- que apesar de não considerar a obra um "dramalhão que não convence", e apontando Emília como a pioneira da literatura fantástica no Brasil- percebe as características femininas como elementos que afastariam Emília da literatura realista-naturalista, considerada crua, combativa e analítica, diferentemente da agonizante literatura romântica da época:

*"Não lhe cabia, por temperamento, mesmo por natural feminilidade, investir para os avanços da linha naturalista de contemporâneos seus da ficção cearense, como Pápi Júnior e Adolfo Caminha. Também não lhe achou conveniente à natural sensibilidade o escalpelo de um Rodolfo Teófilo, mas digno de ser estudado como regionalista que como naturalista de grei literária, ou de Domingos Olímpio, devendo a sua maneira de ser, como a de Francisca Clotilde, comportar-se na preponderância costumista de Aves de Arribação, de Antônio Sales."*¹²³

Mais uma vez a leitura da escrita feminina assim como a sua crítica é demarcada por um olhar perpassado de noções de gênero. Se Emília escreveu um romance deslocado de sua temporalidade, porque romântico e não naturalista, isso só

¹²¹ MONTENEGRO, Abelardo F. Op.cit, p. 77. Grifos nossos.

¹²² Salientamos que a última frase do parágrafo "numa coleção de fatos triviais, estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa" é da própria Emília de Freitas, só que colocada em outro contexto em uma apresentação "Ao leitor" no início do livro "A Rainha do Ignoto". Evidentemente a frase foi reapropriada com outra intenção por Abelardo Montenegro.

¹²³ COLARES, Otacílio "Do Romântico Regional ao Fantástico" In: FREITAS, Emília de. Op.cit, p. 14

poderia dever-se ao fato de sua "natural feminilidade", pelo menos do ponto de vista de nossos críticos literários.

Essa "feminilidade" é justamente o que procuramos na leitura da "Rainha do Ignoto", considerando que esta em nenhum momento é um dado natural e já estabelecido, e que construído cultural e historicamente. Nossa intenção ao ler e estudar a narrativa da Rainha é compreender como essa mulher, escritora, abolicionista e professora consegue trabalhar com os "jogos do feminino" e construir um estudo da alma feminina a partir de sua múltipla personagem "Rainha, Diana e Funesta", como diz na apresentação do livro "Ao Leitor"

*"Meu livro não tem padrinhos, assim como não teve molde. Tem a feição que lhe é própria, sem atavios emprestados do pedantismo charlatão. Não é tampouco, o conjunto de impressões recebidas nos salões, nos jardins, nos teatros e nas ruas das grandes cidades; porque foi escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola de subúrbio; é antes a cogitação íntima de um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou, numa coleção de fatos triviais, estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa."*¹²⁴

Nesse momento entendemos que não existe por parte de Emília de Freitas um desconhecimento do que estava em voga no mundo literário da época, mas, que antes de tudo, a autora fez uma escolha, ou seja, ao invés de procurar "padrinhos", "moldes" ou "pedantismos charlatões", a autora preferiu, através da observação e da concentração (características ironicamente naturalistas!), estudar a alma feminina.

Acreditamos que essa opção não afasta de uma visão crítica da sociedade e das mulheres; ou melhor dizendo, mesmo que o romance tenha, como de fato tem, umas tintas

¹²⁴ FREITAS, Emília de. Op.cit, p.05.

românticas, isso em absoluto não apaga as críticas sociais e o delineamento da posição das mulheres na sociedade.

Emília de Freitas foi uma mulher combativa e sua obra "A Rainha do Ignoto" é merecedora uma leitura atenciosa, crítica e carinhosa por parte dos historiadores, pelo menos é o que nos propomos a fazer.

A voz que se cala em 18 de outubro de 1908 em Manaus, para onde havia retornado após a morte do marido, merece ser ouvida mais uma vez.¹²⁵

3.2 A MOÇA ENCANTADA:

*"Ela estava em pé sobre o monte, tinha um livro aberto na mão; mas não lia, olhava para o céu, como aquela Nossa Senhora da Penha, que está pintada num quadro da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim."*¹²⁶

Esta é a primeira imagem descrita sobre a "Rainha do Ignoto". A imagem de uma mulher que segura "um livro na mão, mas não lê" assemelha-se à Nossa Senhora da Penha, pelo menos no olhar de Valentim, um rapazinho do pequeno povoado de Passagem das Pedras.

A relação entre a construção de uma mulher ideal e a imagem de Nossa Senhora não é estabelecida por Emília de Freitas, mas já sedimentada no período por uma simbologia católica, em que a imagem da mulher abnegada, virtuosa, honesta e caridosa encontra a sua expressão final na

¹²⁵ Ver: DUARTE, Constância Lima. "Emília Freitas" In: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**. 2ª ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, pp. 723-734. BARROSO, Olga Monte. **Quem são elas**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1992. CUNHA, Maryse Weyne. "Emília de Freitas" In: **Mulheres do Brasil (pensamento e ação)**. 3ª v. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno. Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, (?), pp.281-310. COLARES, Otacilio. **Lembrados e Esquecidos: Ensaio sobre Literatura Cearense**. Vol. III. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977 e MONTENEGRO, Abelardo F. **O Romance Cearense**. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele (Tip. Royal), 1953.

¹²⁶ FREITAS, Emília de. op. cit., p. 20

imagem de Nossa Senhora. Enfim, um ideal que todas as mulheres deveriam almejar, chegar o mais próximo possível, sabendo, contudo, que jamais se igualariam à mãe de Jesus, a virgem abençoada.

No entanto a imagem da Rainha não é a única que nos é apresentada, o que facilitaria nosso trabalho, porque a partir daí teríamos a construção "fácil" de uma heroína : abnegada, virtuosa e caridosa, assemelhada à Nossa Senhora. Mas Emília de Freitas construiu uma personagem muito rica para se encaixar apenas em três ou quatro adjetivos e pouco a pouco, diante de nossos olhos, a "Rainha do Ignoto" vai se metamorfoseando.

É digno de nota que o capítulo em que ela é apresentada como uma mulher que se assemelha à Nossa Senhora, intitule-se "A Funesta":

*" – Não gracieje, Sr. Dr... Ela tem pacto com Satanás!
Dizem que, onde aparece, é desgraça certa.
Chamam-na A Funesta- Deus me livre de encontrá-la"¹²⁷*

Santa ou demônio? Estranha dualidade para quem a pouco foi comparada com Nossa Senhora pelo mesmo personagem Valentim que agora, contudo, afirma "Deus me livre encontrá-la". O jogo de dualidades- Bem ou Mal, Anjo ou Demônio- estava bastante presente no período e continuou a ser utilizado por Emília de Freitas no decorrer de sua obra. Vejamos as impressões de Dr. Edmundo em seu primeiro encontro com a "Rainha" ou a "Funesta":

"De repente, soou ao longe uma voz doce e triste entoando uma canção francesa, e era tão saudosa, tão cheia de melancolia que as próprias pedras das margem pareciam comover-se escutando(...) Quando a pequena embarcação passou defronte da janela, Edmundo pôde contemplar à vontade a formosa bateleira. Ela vestia de branco, tinha os cabelos soltos e a cabeça cingida por uma grinalda de rosas.

De pé no meio do bote, encostava a harpa ao peito, e tocava com maestria divina. O luar dava-lhe em cheio nas faces esmaecidas pelo sereno da madrugada, e os olhos extremamente belos estavam

¹²⁷ FREITAS, Emília. Op.cit., p. 21. Mais uma vez esta descrição é feita por Valentim

amortecidos por uma expressão magoada de tristeza indefinível. Algumas gotas de pranto umedeciam-lhe as pálpebras, e tremulavam ainda nas negras pestanas.(...)

Quem seria aquela mulher? pensava ele. Onde vinha? Para onde ia? Seria o anjo da saudade, perdido nas solidões da noite? As melancólicas notas daquele canto traduziriam o poema de um amor infinito sepultado das cinzas do coração?

Por que capricho aquela criatura formosa, romântica e ideal misturava o belo com o horrível? Por que se acompanhava com figuras tão irrisórias? Mistério.(...)

Ainda lhe apareceu à mente o rosto formoso de uma fada, e lhe embalaram os ouvidos as notas saudosas do canto melancólico com que dizem que ela seduz os viajantes nas margens daquele rio. Assim, adormeceu enlevado.¹²⁸

Mistério! É a palavra que inicia a construção da heroína. Emília de Freitas joga o tempo inteiro com imagens e símbolos. Por vezes nos deparamos com uma "Rainha" encantada, por outras estamos diante de uma espécie de mulher endemoniada e por fim, para confundir mais ainda nossa visão, vemos aparecer uma sereia-fada, uma mulher encantada que atrai pelo canto, pela voz e aguça a curiosidade dos viajantes, convidando-os a decifrar seus mistérios, para verem-se por fim imersos e mortos nas águas turvas do mar- rio Jaguaribe.

Instigado pelo mistério e a sedução, Edmundo nos leva pouco a pouco a entender a misteriosa mulher, conduzindo-nos ao seu encontro na gruta do Areré, onde a população dizia que ela habitava. No entanto, ao encontrá-la não se apresentou e nem pronunciou palavra. Apenas ficou mais intrigado com aquela mulher:

"Imediatamente surgiu, no alto da escada de pedra, o vultô majestoso da cantora do bote, da fada do Areré.(...)

Ela continuava de pé com os olhos fitos na extensão dos campos vizinhos. Era uma estátua de mármore:

¹²⁸ Idem pp. 22-24.

Trajava veludo cor de púrpura ou flor de amaranto, e trazia ao peito, preso por uma roseta de brilhantes, um ramo de saudades:

Despregou-o e começou a desfolhar uma a uma as belas flores, fitando tristemente as pétalazinhas perdidas em redemoinho pelos ares."¹²⁹

Mais do que perceber uma estátua de mármore, uma imagem evidentemente romântica que permeia o romance de Emília, interessa-nos ver e ler os momentos em que essa mulher "desce" do pedestal e se corporifica em "carne e osso". Esse interesse é compartilhado também pelo Dr. Edmundo que tenta estabelecer um diálogo com "A Rainha" escrevendo-lhe uma pequena carta- poesia; mais do que falar, quer ouvir, obter respostas, quer conhecer mais a mulher que ele sabe que não é uma estátua:

"- Por que alagas de pranto este caminho?

- Por que fitas as nuvens sobre os montes?

Ó! Triste viajora... Ave sem ninho...

- Que buscas tu na linha do horizonte?

- A fumaça de um barco além perdido?

- As saudades da pátria te consomem?

- Segredas à noite em voz sentida

- Qual eterno pesar? Que amor? Que nome?"¹³⁰

Não tardou para obter resposta:

*"- Eu busco neste espaço dilatado,
O caminho do céu... de outro planeta
Para onde meu ser vá transportado,
Quando quebrar da vida esta grilheta.*

*Se eu pudesse sofrer de nostalgia...
Que pátria? Que nação seria a minha?
Se tudo neste mundo me enfastia...
Que afeto posso ter, que me definha?"¹³¹*

¹²⁹ Idem, p. 33.

¹³⁰ Idem, p. 56.

¹³¹ Idem, p. 58.

A Rainha do Ignoto procura a morte? Essa é a primeira impressão que nos fica de suas palavras e o tema acaba perpassando todo o romance.

Todos os biógrafos de Emília de Freitas insistem na relação do romance, "A Rainha do Ignoto", e sua criação fantástica com a religião espírita adotada pela autora. Fato é que a obra passou a ser considerada um dos clássicos da literatura espírita no Brasil¹³². Para nós essa discussão só interessa no que diz respeito de como, e quando, Emília utiliza alguns conceitos e temas espíritas para a composição das temáticas que nos propomos a estudar a partir de seu romance. Por isso nessa passagem achamos relevante e necessário tocar no assunto, até mesmo para entendermos a noção de morte e vida da Rainha que procura no "espaço dilatado, o caminho do céu de outro planeta"

Da relação com o espiritismo também podemos perceber o caminho trilhado por Emília de Freitas na construção de seu romance. Enquanto a época estava impregnada de discursos positivistas e evolucionistas, Emília procura outro caminho para seguir, o do espiritismo, mas que evidentemente não negava o caráter transformador da ciência. Neste profundo diálogo entre espiritismo e ciência, Emília insere seu romance e sua heroína na perspectiva de dar-lhes credibilidade e tocar assuntos tão caros às mulheres de sua época, como a autonomia expressada pela Rainha. Segundo Robério Américo do Carmo Souza:

"Em Fortaleza era comum a esse período encontrar-se, nos principais jornais da cidade, artigos sobre os progressos da ciência na Europa e nos Estados

¹³² Dentre as discussões colocadas a respeito do espiritismo em Emília a que nos chamou mais a atenção foi a de Maryse Cunha Freire ao apontar as várias mortes que Emília de Freitas presenciou em sua família: a do pai em 1869, deixando a mãe viúva com dez ou quatorze filhos; a morte dos irmãos João Batista de Freitas, Cícero Cicinato de Freitas, Carlos Augusto de Freitas e Antônio de Freitas para os quais a escritora dedica uma poesia intitulada "Um Quadro" no jornal "Cearense" em maio de 1878; e em 1885 sua mãe Maria de Jesus de Freitas também vem a falecer, marcando a vida da autora. O romance "A Rainha do Ignoto" está profundamente marcado pela discussão da temática da morte, tornando sua leitura por vezes melancólica e por vezes um pouco assustadora. É impossível ler o romance sem se envolver com essa discussão. Ver CUNHA, Maryse Weyne. "Emília de Freitas" In: Op.cit.

Unidos, além de uma forte militância em defesa do positivismo(...) Nesse contexto, demonstrar conhecimento acadêmico, ainda que óbvio, era eficiente instrumento para obtenção de prestígio e respeito junto à sociedade, ou pelo menos junto de seus segmentos, uma vez que, para a velha aristocracia, a divulgação dessas novas idéias aparecia como uma ameaça à perpetuação de seu poder”¹³³

Emília ao fazer o caminho do espiritismo, segue uma trilha que não foge à ciência, mas que coloca questões de cunho religioso que passam a ser vistas com um pouco de má vontade. Talvez por isso seu romance não conseguiu uma acolhida satisfatória no período. Voltaremos a este fato mais adiante.

No decorrer da narrativa percebemos a personagem com seus poderes hipnóticos transformar-se em várias pessoas. A primeira é a filha de um caçador de onças, que mais tarde saberemos chamar-se Probo. Diana, a filha do caçador de onças, têm o nome de uma guerreira caçadora da mitologia grega, evidenciado mais um jogo simbólico utilizado pela autora. Diana ou, ainda, “Rainha do Ignoto”, trava amizade com Virgínia, moça solteira que não se casara por não ter um dote a ofertar. Esse desgosto deixa a vida de Virgínia bastante amargurada, definhando pouco a pouco e entregue, por fim, à tuberculose. Porém percebendo que iria morrer resolve fazer uma última visita à Diana-Rainha, embora Virgínia não saiba de sua múltipla identidade.

A visita permite-nos ouvir um pouco mais sobre as atitudes e pensamentos da Rainha. Tomamos conhecimento da ojeriza da personagem em relação a Gustavo, ex-noivo de Virgínia, bacharel em Direito que ao perceber que casando-se com Virgínia não teria dote e com isso também não teria ascensão social, resolve casar-se com Alice, prima de Virgínia, que poderia pagar o dote. Este é um momento de

¹³³ SOUZA, Robério Américo do Carmo. Op.cit. pp. 31-32.

crítica social ácida que Emília estabelece no romance. Se as relações de amor e casamento, mesmo no final do século XIX, eram ainda fortemente dominadas pelas relações comerciais, aliava-se o fator de vergonha e a noção de desamparo que significava para uma mulher não casar, "ficar para titia".

Vejamos o que diz Diana sobre a atitude de Gustavo ao ver uma foto dele na pequena caixa de lembranças que Virgínia vai deixar em sua casa:

*"Quem poderia adivinhar que sob estas feições simpáticas, tão calmas e doces, se pudesse ocultar a mais negra deslealdade, a mais feia ambição?! Ah! Quem dera que naquele tempo eu te conhecesse...quem dera que alguém te houvesse dado um bonito dote. O amor se compra a peso de ouro, como qualquer mercadoria...."*¹³⁴

"O amor como qualquer mercadoria"...esta frase inicia a parte mais intrigante do livro sobre a Rainha, que a partir daqui se mostra mais e mais. Fica claro que Diana -Rainha tem uma crítica muito severa sobre as relações sociais que estão colocadas no seu período, e o amor como uma mercadoria é uma delas. Como aponta Jurandir Freire Costa:

*"O contrato conjugal era, de fato um mero relé no intercâmbio de riquezas. Certas práticas sociais a ele ligada, como o dote, confirmam esta interpretação. Pelo dote, a mulher transferia ao marido parte dos bens de sua família de origem. A natureza eminentemente econômica da transação matrimonial tornou-se esta cláusula um requisito indispensável a sua efetivação. Sem dote a mulher estava voltada ao celibato. A tal ponto chegou a vinculação do dote ao casamento que, em muitos documentos coloniais, os termos eram empregados como sinônimos. A circulação de bens condicionava a circulação de mulheres e prescindia do amor para se efetuar."*¹³⁵

¹³⁴ Idem, p. 66. Grifos nossos.

¹³⁵ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4ª ed. Rio de Janeiro Edições Graal, 1999. p. 216.

O casamento funciona como um comércio que impossibilita o matrimônio às mulheres sem dote a ofertar, pelo menos na elite. Lutar contra este comércio matrimonial é de certa forma lutar pelo direito de escolha feminina, a possibilidade de ser feliz e pelo fim das hierarquias sociais em que cada mulher "vale o dote que poderia oferecer".

Este tipo de relação provoca uma verdadeira descrença de Diana em relação ao amor. No decorrer de toda a narrativa percebemos que a Rainha não acredita nos homens e no seu amor pelas mulheres. Sua missão na terra é praticar a caridade, juntamente com uma maçonaria de mulheres "as paladinas do nevoeiro".

Para termos noção da descrença da Rainha em relação ao amor, vejamos:

" - A felicidade, minha amiga, não existe em parte alguma da terra. Não é absoluta nem relativa. É simplesmente uma ligeira consequência da infância e da adolescência, assim como o delírio é proveniente da febre. Na mocidade ela começa a evaporar-se como essas brilhantes gotas de orvalho que pela manhã tremulam nos cálices das flores e à tarde desaparecem, sugadas pelos raios ardentes do sol. Na idade da razão já ela não vive, fugiu com os sonhos e ilusões dos primeiros anos."¹³⁶

" - Vinte e nove anos já passaram por minha fronte cismadora! e assim como as tempestades marcam com os ossos a passagem do viajante no deserto, eles me deixaram na mente os esqueletos dos meus sonhos. Desfolharam minhas crenças, minhas esperanças, assim como fizeram murchar os encantos que afloravam a minha poética e desditosa mocidade."¹³⁷

¹³⁶ Idem, p. 67

¹³⁷ Idem, p. 68.

E como prova definitiva da sua descrença uma poesia escrita no álbum de Virgínia¹³⁸.

" O AMOR
OFERECIDO A QUEM CHAMOU MEU CORAÇÃO UM
ÁLBUM EM BRANCO

'Falou-me sério um instante.
Cobrindo o rosto, escutei...
Foi tão grave o que me disse,
Que incontinentemente chorei:

- 'A máscara queres que desça?
Disse tristonho e severo:
Pois vou fazer-te a vontade
Vou ser contigo sincero:

'Da terra eu tenho a idade,
Meu todo enche o universo!
Movo o buril da ciência!
Guio o carro do Progresso!

- 'Me exprimo em todas as línguas,
Todos os credos são meus!
Tenho culto em toda parte,
Entre cristãos e judeus!

'Atravesso os continentes
E sulco todos os mares,
Levando a paz ou a guerra
Penetro em todos os lares!

'Ditando as leis absurdas
Entro na choça ou no paço,
Seja mendigo ou fidalgo
Curvo a força do meu braço:

'Os monarcas me obedecem!
Os sábios curvam-me as fronte:
Vou aos salões de casaca,
De gibão percorro montes:
(...)

- 'Sou quem dispara o revólver
Na frente do suicida!
Quem aperta o ferro em brasa
No peito d' alma descrida!

¹³⁸ A prática de ter álbuns onde escrevia-se poesia, assim como pedia-se às amigas para preenchê-lo, era uma prática comum entre as "mulheres de sociedade" no período. Funcionando como uma espécie de diário, o estudo de álbuns poderia dar "panos para manga", no que diz respeito a análise da escrita feminina e da socialização da mesma.

(...)

Ficai pois de sobreaviso,
Que ele é ruim... é vilão
Fechai, com trancas de ferro,
As portas do coração.

Diana"¹³⁹

É estranha a idéia de desilusão amorosa que essas passagens nos permitem perceber. Como uma heroína consegue se sobrepor com uma noção tão negativa de amor?

No entanto o caminho percorrido pela personagem de Emília de Freitas, e que lhe dá credibilidade, é a sua missão caridosa com as paladinas governadas pela Rainha na misteriosa Ilha do Nevoeiro que nenhum viajante conseguia enxergar.

Se o amor romântico entre homem e mulher não é a base de sustentação da heroína, a prática da caridade vem a sê-lo. Mais uma vez percebemos o retorno da imagem da santa, constituindo a imagem da Rainha do Ignoto. Ela não consegue amar ninguém, porque quer amar a todos, não se entrega as delícias do amor carnal, porque acredita que este é tirano e traiçoeiro, "uma mercadoria como outra qualquer", não acredita nos homens, mas acredita na humanidade. É abnegação total...

No entanto, insistimos que a Rainha é mais complexa do que esse ideal de perfeição, senão parariamos por aqui, porque não haveria mais nada a ser dito, pelo menos não sobre a Rainha. Em vários trechos do romance, Emília preocupa-se em demonstrar a opinião da personagem sobre as discussões colocadas pelo seu tempo. Pelo menos temos um resumo através do olhar de Probo, o caçador de onças e protegido da Rainha, que após roubar do patrão e ser descoberto, tenta o suicídio. A Rainha apiedando-se,

¹³⁹ Idem pp. 107-109.

resolve-lhe os problemas e leva-o para a Ilha do Nevoeiro. Porém Probo não parece muito agradecido e trava um diálogo com Dr. Edmundo, que agora também convive com as paladinas, só que disfarçado como Odete. Mais uma que a Rainha socorreu e que por ter visto seu noivo ser roubado pela própria mãe, emudecera, tamanho o desgosto sofrido. Odete falece sem o conhecimento da Rainha. E como só andava mascarada e vestida com a fantasia de "cavaleiro de S. João de Malta, irmão hospitaleiro de Jerusalém e por fim templário", sua roupa servia como disfarce perfeito para que Dr. Edmundo não fosse descoberto em meio à "maçonaria de mulheres", tranquilizando-o para conversar com Probo. Esse diálogo nos permite conhecer algumas das idéias da Rainha:¹⁴⁰

"- Oh! Exclamou o Dr. Edmundo, mas por que tanta inquietação? Julga-se cercada de perigos? Tem muitos inimigos?

- Nada, disse o velho, é que ela é a força centrífuga dessa sociedade de malucas...

- Por que as chama malucas?

- Por que são mesmo. Não vê o senhor uma fortuna como esta tão mal empregada em benefícios que só elas conhecem. Vivem errantes, obscuras, perdidas no seio da humanidade, como as areias no fundo do oceano, no seio das vagas, quando podiam gozar de tudo que é dado na vida na poder do ouro!

- E fazer bem ao próximo, não é uma virtude recomendada por Cristo?

- E pensa o senhor que esta maçonaria de mulheres não tem um desígnio funesto para o país?

- Qual Sr. Probo, elas só tem coração e fantasias.

- Ah! Ah! Eu cá sei, já não denunciei-as à policia por falta de provas...mas, meu amigo, disse o velho com mistério, eu não lhe dei entrada aqui com outro fim, foi para ajudar-me a descobrir a trama e levá-la ao conhecimento do governo.

- Mas, senhor, o que tem o governo que ver com elas? Disse o Dr. Edmundo indignado, sem fitar o rosto daquele velho ingrato e traidor, que já lhe estava causando asco.

- O que tem o governo que ver com elas? Tem muito; ele não autorizou esta sociedade secreta...Este

¹⁴⁰ Todas estas explicações são necessárias para que se possa entender o contexto em que as falas são colocadas

tesouro acumulado na mão deste diabo deve ser considerado um crime! Ela não podia explorar as minas da ilha e explora; não contente com isso, funda, com nomes imaginários: casas comerciais, fábricas, engenhos, centros de lavoura e grande criação de gado, de forma que tem, em todas ou em quase todas as províncias do Brasil, um rendimento fabuloso! E para quê? Para desperdiçar em fantasias loucas! Em benefícios extravagantes! Em fazer mal à propriedade alheia; pois rouba ao senhor para dar ao escravo. Que absurdo! É abolicionista! Já eu a ouvi dizer que não há lei alguma de direito humano possa escravizar um cidadão, que a condição de escravo resultou de um abuso da força contra a fraqueza, e urge reagir...

- Tem idéias alevantadas e sãs, disse o Dr. Edmundo.

- Que sãs?! Exclamou Próbo exaltado. Veja, examine o que ela teve a petulância de declarar em um discurso que fez, na última sessão do Nevoeiro: 'A pena última é o recurso dos governos impotentes para regenerar o criminoso pela instrução e pelo trabalho'.

- Bem pensado! Senhor Probo

- Bem pensado também incutir no ânimo dos que a rodeiam que o rei é o produto da ignorância dos povos antigos, que ainda não estavam em estado de governarem-se e formar uma república.

- Bravo! Uma rainha republicana!

- Como Robespierre! Ou como Danton! Acrescentou Probo.

- E o senhor quer-lhe mal por isso?

- Não é por isso, senhor Edmundo, é por muitas outras idéias subversivas... Para não faltar-lhe mais nada do que sublevar é espírita!

- Espírita! Mais este crime! Disse o Dr. Edmundo zombando

- O senhor zomba porque não conhece os males que ela causa às mais santas instituições, como sejam: ao direito de propriedade dos senhores, à monarquia e à religião.

- E que faz ela para destruir esta trindade?

- O senhor há de ver, como eu tenho visto. Olhe, aqui na ilha não há templo católico nem de religião alguma, há somente sessões espíritas, na biblioteca, onde ela possui todas as obras de Alan Kardec, de Flammarion e outros malucos como ela. Enfim, o senhor verá.¹⁴¹

¹⁴¹ FREITAS, Emília. pp. 164-166. Grifos nossos.

Apesar da opinião de Probo ser cercada de advertências, pois sabemos que no passado já havia praticado furto e que o fato de ter sido salvo pela Rainha e não lhe ser grato dar um tom malicioso às suas palavras, fato é que este capítulo é intitulado "A ingratição, uma víbora entre flores".

No entanto através de sua fala podemos perceber vários traços da personalidade e da atuação da Rainha: abolicionista, espírita, republicana e contra a "pena última" (uma discussão adiantada para a época). Isso nos leva também a conjecturar quanto o personagem tem de Emília de Freitas, quanto fala por ela, estabelecendo uma inter-relação contextual entre autora e personagem.

Partindo dessa premissa podemos acreditar que as lutas republicanas, espíritas e abolicionistas foram tomadas por muitas mulheres da época, como uma forma de inserção na sociedade. Construir uma heroína articulada com essas discussões nos permite perceber como as mulheres escritoras procuravam colocar suas questões e seus problemas, incluindo os assuntos femininos nas discussões civilizatórias, evolucionistas e emancipatórias.

A representação da mulher, como mãe, guardiã da pátria e educadora dos homens que administrarão a nação, emerge no século XIX e início do XX como uma imagem fortíssima e fundamental. Não por acaso a imagem da República é feminina.

Acreditamos que muitas mulheres foram buscar nesses discursos formas de inserção, respaldo e espaço através da luta por direitos públicos e civis. Se a mulher tem que educar os cidadãos, como poderia fazer isso se não fosse educada, se não tivesse acesso à leitura e à boa educação? Como ser boa mãe se não poderia ter uma preparação e educação dignas? Que imagens femininas republicanas representam se não possuem direitos mínimos? Colocar a mulher como

elemento fundamental nas imagens republicanas, evolucionistas é também abrir precedentes para a luta por igualdade social. A exclusão das mulheres do espaço público não condiz com a luta pela liberdade e igualdade que estão também inseridos na idéia de República, como aponta Michelle Perrot:

"Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade entre todos os 'indivíduos'? As mulheres não seriam 'indivíduos'? A questão é embaraçosa; muitos pensadores-como Condorcet, por exemplo-pressentiram-na. Única justificativa: argumentar sobre a diferença dos sexos. É por isso que esse velho discurso retoma no século XIX um novo vigor, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia. É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas 'espécies' com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. As mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos."¹⁴²

Mesmo partindo das noções de sensibilidade, coração e sentimento, as mulheres buscaram através desses argumentos campos de inserção. Não é à toa que a prática da caridade e a execução da justiça façam parte da narrativa de Emília de Freitas.

Abelardo Montenegro refere-se a essa característica como uma forma de Emília de Freitas colocar-se de maneira sutil na sociedade de seu tempo; "enquanto mulher" teria que procurar formas mais "amenas" de expressão, através de um personagem, por exemplo:

"Vivendo numa sociedade em que a mulher se dedica aos afazeres domésticos, sendo-lhes vedada a ilustração ao espírito, Emília de Freitas é uma pioneira, uma precursora do movimento cearense. As suas idéias, entretanto, são dissimuladas. Ela usa de símbolos e imagens para não

¹⁴² PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 177.

*escândalar o meio*¹⁴³

O que Abelardo Montenegro chama de "dissimulação" nós denominamos de estratégia. E mesmo que todas essas características sejam lidas em seu sentido negativo, principalmente através das palavras do ardiloso Probo, Emília de Freitas desautoriza o personagem para, a partir dele, dar crédito às ações da Rainha. Isso sem falar de Dr. Edmundo que não percebia nenhum mal nas observações de Probo, mas somente na sua ingratidão ao querer denunciar a Rainha.

Emília de Freitas compreende que estas características podem vir a desacreditar a Rainha, pois são percebidas muitas vezes como subversivas e contrárias à ordem. Se na virada do século XIX para início do XX era complicado para os homens ter e praticar tais crenças, para as mulheres a situação era muito mais difícil. Então se fazia necessário antes mesmo de construir uma heroína transgressora, estabelecer uma série de questionamentos sobre os temas, com "imagens e símbolos sutis". Vejamos como a passagem abaixo pode nos ajudar a entender esses jogos de imagens contra "antigos preconceitos":

*"Edmundo, formado, bem parecido, e apresentando-se no lugar sem uma recomendação, sem dizer a que vinha, era um acontecimento, um caso estranho! Durante a primeira semana não falaram de outra coisa. Se ele passava por uma calçada onde havia uma roda de homens a conversar, estes diziam de uns para outros, a meia voz:
É o tal doutorzinho!
Que bisca será está? Perguntava um.
E que virá fazer? Perguntava outro.
Tomar ares, respondia o terceiro.
Ares! Ria-se o primeiro; parece vender saúde!
Mais adiante das janelas e das portas, as mulheres olhavam-no curiosas, e uma velha beata fazia-lhe cruces pelas costas, e exclamava indignada:
- Eu te arrenego maçom! Eu te desconjuro protestante! Não há filha minha, que casasse contigo... Está ouvindo vizinha? Ele ainda não foi a*

¹⁴³ MONTENEGRO, Abelardo F. Op cit, p.78

*Igreja! E passa pelo santo Cruzeiro com o chapéu na cabeça como um incréu!...*¹⁴⁴

Eis uma construção narrativa que pode muito bem exemplificar o que falamos anteriormente, ou seja, da possibilidade de Emília de Freitas jogar com uma construção de estereótipos, na medida em que o Dr. Edmundo é apresentado como "um doutorzinho", alguém que se diferencia no povoado Passagem de Pedras, acabando vítima de comentários- vale lembrar que o título deste capítulo é "A curiosidade da aldeia"- e mais, recebendo os olhares e os conceitos pejorativos de uma "velha beata".

Mesmo que todas características sejam lidas como negativas, "maçom, protestante, passar pelo cruzeiro e não se benzer", isto tudo é pronunciado por "uma velha beata". Ou seja, a manifestação de um passado tradicionalista e conservador, porque velho e beato. Portanto as sentenças que visam destruir a reputação de Edmundo perdem toda a validade.

Deste ponto de vista Robério Américo tem razão na medida em que constata que o discurso protestante no século XIX em Fortaleza partia para o descrédito do catolicismo ressaltando seus velhos preconceitos e do conservadorismo que este representava:

*"A mensagem presbiteriana divulgada em Fortaleza tentará convencer seus leitores de que o catolicismo afastou-se do verdadeiro cristianismo, pois ao invés de buscar o bem comum e o crescimento do homem, promove a ignorância e a superstição, causas principais do atraso da cultura brasileira."*¹⁴⁵

Acreditamos que Emília de Freitas tenta da mesma forma em seu romance desacreditar a Igreja Católica, afinal como já apontamos o espiritismo era também uma maneira de aproximação com a ciência e com uma suposta capacidade de

¹⁴⁴ FREITAS, Emília. Op.cit, pp.37-38. Grifo da autora.

evolução humana. Desacreditar o catolicismo é uma forma também de enaltecer a imagem da Rainha espírita.

No entanto nossa escritora é bastante sagaz e percebe imediatamente que é preciso dar um tom mais humano a sua heroína. Ela não pode ser perfeita demais, pois atingindo a perfeição ela perde a credibilidade- porque não mais humana e sim sobrenatural-, o que faria com que todas as suas qualidades perdessem o tom de sacrifício e benevolência. Nada que causasse admiração ou espanto.

Para que isso não ocorra, Emília coloca-nos a par dos pensamentos da Rainha, revelando as dúvidas de seu amor pela humanidade:

"- Os próprios astros têm sua família planetária, pensou ela, olhando o céu, e eu divago na terra, só; tenho o coração desprendido como um balão arremessado ao espaço, onde até a luz desaparece no vácuo! Sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem esposo, sem filhos e até sobrinhos! É verdade que tive uma família Família adorada, que me foi arrebatada, às parcelas, pela morte, pelas distâncias, e até pelos sentimentos...

Ela suspendeu o pensamento, tomada duma dor profunda. Depois, continuou.

- E essas paladinhas, posso chamá-las minha família?

- Não; porque, apesar de haver entre elas verdadeiras heroínas, estão ligadas a mim, umas por interesse próprio, outras por deveres comuns, pelo gênio, pelo caráter, e nenhuma pelo coração. Dizem que a prática do bem traz a felicidade: é mentira! É ilusão! Aqui estou eu que, desde criança, não tive pensamento que não fosse nobre e digno! Não fiz uma ação que não fosse em favor dos meus ou em benefício dos estranhos, e que tive em paga? Injustiças e ingratidões. Ah! Mas o bem já é pra mim um vício! Corro a aliviar a miséria, arrisco a vida para evitar uma desgraça, como o jogador incorrigível atira-se a uma banca de jogo, onde sempre perde.

Ah! Eu não amo esta humanidade injusta, ingrata e egoísta. Faço o bem maquinalmente, por um destino, uma tendência, como a do que se embriaga pelo desespero!" ¹⁴⁶

¹⁴⁵ SOUZA, Robério Américo do Carmo. Op.cit, p. 63.

¹⁴⁶ Idem, pp. 207-208. Grifos nossos.

Uma jogadora viciada, alguém que se embriaga por desespero. Este é um dos poucos momentos que a Rainha questiona sua missão na terra. Ou seja, a prática da caridade como um vício, um ofício praticado maquinalmente, sem paixão, apenas com desespero. Pela ânsia de procurar algo para passar o tempo, para se distrair, para esquecer uma dor que surge não se sabe como e nem porquê.

É uma dor que a faz andar mascarada por entre as paladinas. Uma máscara para que não percebam o quanto seus sentimentos são frágeis. A própria Rainha nos explica isso:

"É uma maneira de aparecer às paladinas; aos estudantes apareço no meu estado natural ou na figura que exigem as circunstâncias.

- Admirável! Exclamou Roberta, mas por que só a elas oculta o rosto?

- Porque tão de perto, podem surpreender algum sinal fisionômico que denuncie a fraqueza de meu coração, os delírios de minha alma. Ouve: eu nunca enganei ninguém com falsas aparências. Meu ideal foi o caráter. A coisa que mais me irrita é a falta de sinceridade; mas tenho a mania de obscurecer o mundo físico do que existe em mim, todo desequilibrado, pois o meu gênio varonil, o meu espírito forte não está de acordo com a ternura de meus sentimentos, com a debilidade do meu coração de criança.

- É por isso que vos disfarçais diante dos que vos rodeiam? Disse Roberta. Já compreendo: o mundo é mau, zomba da grandeza da alma, ri dos sentimentos elevados, principalmente da mulher. É certo, Roberta. Quando a mulher atira um punhado de flores o homem responde com braçadas de espinhos, e isso quando não lhe pode atirar com uma chuva de lama!"¹⁴⁷

O medo da Rainha é que as demais paladinas percebam a fragilidade do seu coração feminino, embora seu gênio seja "varonil", ou seja, dotado de um atributo considerado masculino.

¹⁴⁷ Idem, p. 294. Grifos nossos.

A passagem nos deixa perceber o quanto Emília de Freitas está empenhada em discutir o que significa ser mulher numa sociedade onde é nítida a construção da imagem da mulher enquanto injustiçada e incompreendida. O "frágil coração feminino" é tratado pelos homens com "braçadas de espinhos", ou então com "chuva de lama". Observamos que existe uma certa construção apelativa nessa passagem. Mas se nos atermos a entender que a autora se utiliza do estigma da fragilidade feminina para enaltecer as qualidades da heroína que constrói, veremos mais uma vez uma grande cartada. Uma mulher boa, caridosa, com um gênio varonil, contudo frágil, porque mulher. Injustiçada e completamente incompreendida, mesmo na condição de Rainha das Paladinas do Nevoeiro. Devemos ou não nos sensibilizar com ela? No fim da passagem estamos plenamente de acordo com Emília de Freitas, ela está certa, mesmo apelando, está certa. Mais uma vez concordamos...

Fica clara a relação problemática da Rainha com os homens. Não existe por parte dela, nenhuma benevolência. Se não compreendem a alma da mulher, por que então deveriam ser compreendidos ou amados? Existe apenas um homem para quem a Rainha tece comentários afetuosos, chama-se Jaime Ortiz e ela o conheceu quando tinha apenas quinze anos. Vejamos como esta cena se desenrola:

" - Nunca amastes, Senhora? Perguntou Clara Benício. Perdoai a minha indiscrição.

- Nunca, respondeu ela. O único homem que mereceu ser amado por mim foi aquele... Vem ver...

E chegando a varanda com a Doutora, mostrou-lhe um salteador que passava na rua, conduzido pela tropa e seguido de um bando de curiosos.

- Jaime Ortiz! Meu Deus, que horror! Exclamou Clara Benício entrando.

- Juro pela fé do meu caráter, volveu a Rainha do Ignoto com energia, que nunca amei. Mas repito: foi o único capaz de compreender os sentimentos de minha alma com toda a força, verdade e constância da vida inteira- aquele poeta e bandido de coração

diamantino. Vês por isso que nasci condenada a não amar, porque os outros, nobres perante a lei ou a sociedade, são bandidos no amor, e não há onde escolher.(...)

E este homem, que nunca conseguiu o simples prazer de trocar comigo duas palavras, em uma conversação banal, teve a coragem de amar-me sem esperança quinze longos anos. Pobre Ortiz! O teu louco amor foi um terrível anátema para o meu coração amaldiçoado por ti, réprobo eternamente."¹⁴⁸

Nunca amou, mas foi amada por um poeta e bandido. Um salteador. Alguém de coração puro que foi capaz de amá-la por "quinze longos anos". Jaime Ortiz apesar de socialmente bandido representava uma alma "diamantina", diferentemente dos homens "nobres" que se vendiam pelo maior dote, fazendo do amor uma mercadoria como qualquer outra. Mais uma vez uma crítica ácida à sociedade e às relações entre mulheres e homens. Para uma sociedade onde virtudes morais, a honestidade e o caráter pouco ou quase nada representavam perante o poder do dinheiro na compreensão da Rainha, um salteador tinha mais escrúpulos do que aqueles homens que se vendiam pelos dotes casamenteiros. Todas as relações sociais passavam a ter um valor de mercado. Esta mesma noção é colocada por Adolfo Caminha em "A Normalista" quando João da Mata se refere à política de Fortaleza como uma especulação:

*"- Histórias, homem, histórias! Isso de patriotismo é uma patranha, um rótulo falso! O que se quer é dinheiro, o santo dinheirinho, a-mamata. Qual pátria, qual nada! Patacoadas". Ele, João, trabalhava, lá isso era inegável: dava o seu voto, cabalava, servia de testa de ferro, mas... tivessem paciência- era mão pr'a lá, mão pr'a cá. Porque- argumentava- a política é uma especulação torpe como outra qualquer, como a de comprar e vender couros de bode na praia, a mesmíssima cousa; pois não é? P'ra tudo é preciso jeito, muito jeitinho..."*¹⁴⁹

¹⁴⁸ Idem, p. 306 e 308.

¹⁴⁹ CAMINHA, Adolfo. Op.cit, p. 12.

Mesmo em uma sociedade tão visivelmente marcada pelo dinheiro e pela especulação, a luta pelo espaço do amor, pelas virtudes e honra aparece como uma constante na literatura do período. Na construção de uma nova nação procurava-se denunciar aquilo que era considerado impróprio para o bom funcionamento do país.

Condenada a não amar, amaldiçoada a uma sina tão "funesta", o que poderia a Rainha fazer num mundo em que as mulheres eram consideradas seres que nasceram para amar o pai, os irmãos, a mãe, os sobrinhos, o marido? Se como sabemos, a Rainha não tinha família? Mesmo acreditando que essa mulher tem qualidades excepcionais para o período em que vive, a angústia da solidão vai pouco a pouco sufocando nossa heroína, tornando-a cada vez mais amargurada. Enfim, a mulher solitária é vista com maus olhos e percebida como um entrave ao bom andamento da sociedade, alvo de ridicularização, espanto e pena. Como aponta Noélia Alves de Sousa:

*"A solteirona causava transtorno. Se ela se enquadrasse no papel de tia tudo bem, mas se não, se morasse sozinha, se procurasse autonomia corria o risco de desonrar sua família e sociedade."*¹⁵⁰

A solidão feminina para a Rainha é uma amargura que chega a ser desesperadora. Em trechos do seu diário, que Edmundo encontra despedaçado, vemos nitidamente esta marca quando escreve sobre uma tentativa de suicídio:

*"Exílio, 13 de junho de 18...
'Este revólver... estas balas?
'Que idéia, meu Deus!
'Eu sou o naufrago perdido nas vagas do oceano.
Estou exausta e não avisto ao longe nem uma barca
de pescador. E não tarda a submersão!
'Quem me salva!
'Ninguém! Murmurava a voz soturna da solidão
indefinida.
'Meu coração guerreiro, ferido, despenhou-se sobre
os espinhos de um abismo de dor.
'Que noite! Que escuridão é essa? Será a morte que
me cerra os olhos? Onde está minha mãe? Meu pai,
meus irmãos?"*

¹⁵⁰ SOUSA, Noélia Alves de. *A liberdade é vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1997, p. 144.

'Lutei, quis vencer-me, mas saí vencida pelo ideal do...'

'O que me resta? Marchar.'

'Para onde? De todos os lados da vida uma saraivada de balas, um atoleiro, um monte inacessível. E eu já não tenho forças.(...)

'Vou carregar...'

O resto do diário estava queimado."¹⁵¹

Qual terá sido o ideal que venceu a Rainha? O do amor? Ou melhor, dizendo, da ausência dele? A angústia é uma característica inerente à personagem e que a torna cada vez mais solitária, cética e pessimista, acabando também por envolver o leitor nessa angústia enlouquecedora. Tanto é assim que a Rainha, já próxima ao seu fim dramático, comete mais uma atitude impensada. Acompanhemos:

"A noite já ia quase em meio. No céu não se via uma só estrela. E o luar, muito belo, entrava pela janela do mirante, onde a investigadora da ciência química, a boa Edealeda Cruz, fazia as suas experiências.(...)
Bateram três pancadinhas na porta.

Quem é? Perguntou ela, levantando-se para abrir.

Alguém que precisa de vós, disse a Rainha do Ignoto, entrando.(...)

- Venho pedir-vos o produto de mais esforço nas ciências que cultivais, disse ela.

- Será ele possível? Perguntou a boa velhinha (....)

- Pois seja, disse Edealeda, sei bem que me levará por bom caminho. Não temo transviar-me; sei que não há de querer o mal da humanidade.

- É para fazer o bem à metade dela que venho interromper-vos.

- Diga-me uma coisa: - sabe onde é o inferno?(...)

- Não sei; e quem saberá?

Sei eu.

Onde é?

- No coração da mulher que ama, a despeito de tudo que lhe deveria levar ao ódio.

- E onde está essa mulher que tem o inferno no coração?

- Está por aí além, envolta no manto do seu pundonor, ou arrastando o barço ridículo no pelourinho da opinião pública.

- Que quereis que eu faça?

- Quero um preparado que adormeça a sensibilidade, que produza a indiferença; parcial.

¹⁵¹ Idem, pp. 318-319. Grifos nossos.

- Não posso...
- Por quê?
- Deveis saber por quê? Me dissei para que é isso?
- Não vos importa saber.
- Sois vós, então? **Amais, Senhora?**
- **Não, Edealeda, respondeu ela com exaltação, eu não amo, porque os homens são traidores, são infiéis. E se a Rainha do ignoto tivesse uma rival seria uma assassina. Seria mais: arranjaria uma dinamite que atirasse pelo espaço os fragmentos deste mau planeta.**

A pergunta de Edealeda exasperou-a; tirou do bolso do vestido um pequeno revólver e o pôs sobre a mesa, junto da qual jazia de pé.

- Minha filha, o que é isto? Perguntou Edealeda, com a vista espantada.

- Tem medo? Não vos faço mal.

- Dai-me esse revólver. Di...

- Não pronuncieis esse nome que me deram em criança, porque as suas sílabas terminarão com a detonação de um tiro.

A Rainha do Ignoto tinha o revólver encostado à frente.

Edealeda exclamou, prendendo-lhe o braço:

- Que ides fazer?

- Dai-me o preparado para a indiferença!

- Produz a imbecilidade.

- É melhor ser imbecil.

E dirigiu-se para as prateleiras.

Edealeda quis defender os seus produtos químicos da agressão violenta da Rainha do Ignoto, mas foi tarde. Ouviu-se uma tempestade dentro do laboratório. Os frascos caíram em fracassos no chão do gabinete.

A velhinha disparou em pranto; via, desaparecer uma série de resultados difíceis que eram a felicidade de sua vida.

Sou louca, Edealeda, sou louca! Minha vida é uma loucura! Disse a Rainha do Ignoto, abraçando-a. Perdoai-me! Perdoai-me!

- E solução com a pobre Edealeda, que repetia:

- **Eu vos desculpo, filha; não há mulher forte. O coração vence a cabeça.**¹⁵²

Nesse trecho temos enfim, uma entrega total da Rainha em sua busca desesperada de uma "solução" inexistente para sua angústia. Sua desesperada afirmativa de não amar e de afirmar o tempo todo que não ama, vai pouco a pouco nos fazendo duvidar, pois se não ama, por que isso a

¹⁵² Idem, pp.341-342. Grifos nossos

incomodaria tanto? Se não ama por que tamanha necessidade de afirmar isso o tempo todo? Se não ama por que tem tamanha ojeriza dos homens?

A sua afirmativa de não amar, na verdade nos faz duvidar de suas palavras e a pergunta que formulamos no final é: será que não ama mesmo? Será que é possível alguma mulher viver sem amor? Será que a solidão é mesmo inerente a uma "mulher superior?" Enfim acabamos embarcando nas dúvidas que a Rainha faz a si mesma o tempo inteiro e na sua angústia de tentar solucioná-las. Logo ela, uma mulher tão poderosa, encontrar-se impotente diante da solidão amorosa que lhe consome... Igualada pelo amor, pela fragilidade do coração e acima de tudo por ser mulher às outras mulheres, reles mortais...

No final da narrativa a Rainha morre no jardim da casa paterna, falando bastante de sua solidão. Após sua morte é chamada pelas paladinas em uma sessão espírita na Ilha do Nevoeiro. Sua aparição é a construção final da imagem da heroína santa, tal qual Joana D'arc:

*"Seu corpo vinha coberto por uma longa túnica branca, mas trazia os pés descalços completamente esfolados e sangrentos. As mãos e o rosto estavam da mesma maneira, sem pele, e da boca e dos olhos do fantasma corriam vagarosamente grossos rios de sangue. O coração, aparecendo através do linho da túnica, semelhava uma chaga."*¹⁵³

Essa imagem assemelha-se àquela do sagrado coração de Maria na qual o coração sangrando aparece envolvido por uma coroa de rosas. Assemelha-se também à primeira aparição de Cristo aos discípulos depois da sua ressurreição ao mostrar o corpo ainda marcado pelas chagas do sofrimento

¹⁵³ *Idem*, p.356. É interessante notar que esta comparação com Joana D'arc é feita pela própria Emília de Freitas de forma explícita, ao afirmar o caráter fantástico da narrativa e de sua heroína: "O feito de Joana D'arc é um fato que passou para o domínio da história. Mas não parece ele uma lenda? Hoje, com mais razão podemos nos apoderar do inverossímil, pois estamos na época do Espiritismo e das sugestões hipnóticas, nas quais fundamentei o meu romance" In: "Ao leitor", p.05

terreno. Apesar da construção da mulher heroína-santa, já tão comum na literatura romântica, a Rainha adquiriu uma complexidade humana e feminina extraordinária. Emília de Freitas em nosso entendimento conseguiu dar a sua heroína momentos de muita riqueza humana.

Na "realidade" a Rainha procurava uma explicação para sua vida, buscando a identidade para alguém que vive sozinha: "Sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem esposo, sem filhos e até sem sobrinhos". Essa busca de identidade é apontada como uma constante da escrita feminina, um falar de si mesma, um falar para si. Uma linguagem por vezes narcisista, mas necessária, para aquelas que passaram tanto tempo em silêncio, sendo lidas e escritas na pena do outro, o masculino.

Nesse sentido a moça encantada procura uma resposta para o vácuo e a angústia que a consomem. Talvez a mesma angústia que consumia Emília de Freitas em sua extrema necessidade de falar sobre este "gênio impossibilitado", a "alma feminina".

A moça encantada é antes de tudo uma mulher impossibilitada de amores, prazeres, família, alegria e felicidade. A Rainha do Ignoto é enfim uma mulher extremamente angustiada. Sua construção heróica, no entanto, não desce ao dramalhão, em nosso entendimento, justamente por sua riqueza enquanto mulher e ser humano.

3.3 MULHERES QUE VIVEM

Até agora só falamos da Rainha, mas existem outras mulheres que povoam a narrativa de Emília de Freitas, em papéis menores, é claro, mas nem por isso, menos significantes. Através de alguns personagens podemos ler

condutas de moral, comportamento e formas de atuação das "mulheres comuns". Claro que é difícil tais personagens não se apagarem na narrativa diante da força que a personagem da Rainha contém, mas através delas podemos ler como as mulheres sem atributos extraordinários faziam para sobreviver no pequeno povoado "Passagem das Pedras", em Aracati no século XIX. Como mulheres de realidade comum faziam "para se virar" e viver em uma sociedade que lhes cobrava muito e concedia pouco, procurando outras formas de negociação? Talvez personagens não tão atraentes e misteriosas como a Rainha, mas nem por isso menos eficazes e valorosas.

A primeira dessas personagens femininas chama-se Úrsula, cozinheira de Dr. Edmundo, "*uma mulata de quarenta e tantos anos, bisbilhoteira e alegre*"¹⁵⁴. Esta mulata, apesar de aparecer apenas uma vez na narrativa, mostra-se intempestiva, decidida e bastante sagaz. Vejamos sua fala de repreensão a Adriano, também criado de Edmundo e muito brincalhão:

"Entrou desembaraçada, e começou brigando, a arrumar a cozinha, e a especular ao criado pela vida do Dr. Edmundo.

Adriano respondia-lhe com chascos e burlas que a Úrsula, assim se chamava ela, tolerou ao princípio; mas foram tais as gaiatices que ela perdeu a paciência e, deixando os bifes que estava temperando, empertigou-se toda e, pondo as mãos nas ilhargas, disse:

-Eu te arrenego pé-de-pato; pensas, endemoninhado, que todos aqui são matutos? Eu também já andei lá pelas outras terras, já cozinhei para muitos senhores e senhoras de bem.

Adriano respondia-lhe com outras graças e piruetas.

- Vai-te para lá maroto, dizia a tia Úrsula, meio séria. Afinal, não teve remédio senão rir-se; pois ninguém podia zangar-se com aquele tipo de criado raro."¹⁵⁵

¹⁵⁴ Idem, p. 28.

¹⁵⁵ Idem, p. 28. Grifos nossos.

Úrsula mostra-se bastante decidida em especular sobre a vida do novo patrão. Sabemos que os criados domésticos exerciam e exercem poder com aquilo que conseguem saber de seus patrões. Muitas vezes, alguns dos segredos da casa são guardados pelos criados como armas para futuras barganhas. A literatura do século XIX é exemplar de alguns casos. Talvez o mais famoso deles, seja a da criada Juliana em "O Primo Basílio", de Eça de Queirós, que transforma a vida de sua patroa Luísa em um verdadeiro inferno. Apesar disso não ocorrer na narrativa de Emília de Freitas, salientamos a sagacidade de Úrsula de querer logo se colocar a par da vida do patrão, muito provavelmente no intuito de obter barganhas. Numa sociedade nitidamente marcada pelas hierarquias sociais e pelos antagonismos de classe, as classes subordinadas procuravam formas de atuação e inserções outras que não apenas as lutas diretas. Como aponta Sidney Chalhoub:

*"Havia, porém, territórios sociais mais ambíguos, indeterminados, nos quais práticas políticas outras que não a aparente submissão ou o antagonismo aberto estavam instituídas e eram constantemente açionadas. Eram os territórios do diálogo, das trocas cotidianas diretas entre senhores e escravos, senhores e dependentes. Tratavam-se esses, certamente, de territórios mapeados pelos senhores, pois os significados sociais gerais reconhecidos pelos sujeitos eram os atinentes à política da dominação senhorial. O fato, contudo, é que a alteridade, a diferença, vazava a rotina mesmo do diálogo inevitável entre sujeitos socialmente desiguais."*¹⁵⁶

Porém vendo o seu esforço ser enxovalhado, por outro criado como ela, Úrsula posiciona-se imediatamente. Se Adriano pensa ser melhor do que ela, pelo fato de servir a um senhor vindo da cidade, está redondamente enganado, pois Úrsula também já andara por outras terras, não era uma "matuta" e já cozinhou para "muitos senhores e senhoras de bem", leia-se de "elite". Portanto, veja bem com quem fala "pé-de-pato"!

¹⁵⁶ CHALHOUB, Sidney. "Diálogos políticos em Machado de Assis" IN: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M., (org.), p. 97.

Vendo contudo que não podia vencer o "pé-de-pato", quer dizer, Adriano, resolve rir, pois é melhor ter como amigo esse "criado raro" e tão próximo do patrão.

Úrsula também é utilizada na narrativa para apresentar uma das personagens coadjuvantes mais importantes, Carlotinha, filha da professora de prendas domésticas Dona Raquel e do Sr. Martins. Carlotinha apaixona-se no decorrer da história pelo Dr. Edmundo e funciona como uma personagem que demonstra o quanto o amor para as mulheres pode ser doloroso, como crê a Rainha do Ignoto. Vejamos como Carlotinha é apresentada por Úrsula:

"- Ainda agora há pouco, a Carlotinha me perguntou se o Sr. Dr. é casado ou solteiro, e eu disse: Sei lá.

- É casado sim, afirmou Adriano.

- Deixa-te de prosa, que eu já sei que não é.

- E por que não disse à moça o que sabia?

- Porque ela é um anjo, e não quero que vá se engraçar dos enfunados da cidade, para depois ficar chorando de saudade, enquanto eles se põem ao largo.

- Quem é esta Carlotinha, tia Úrsula? Perguntou Adriano.

Calado: disse a tia Úrsula, pondo o indicador sobre os lábios para fazer silêncio. É a filha de D. Raquel, a professora aqui da casa vizinha, já hoje a vi à janela duas vezes.

- Ah! Já sei, é uma moça loura, bonita...disse Adriano.

*- Sim, senhor! **Bonita e boa!** A primeira cá da terra. O pai é arranjado, tem uma fazenda na mata, e depois a mãe também tem seu ordenado, e traz a menina que é um gosto vê-la. Quando aparece uma moda é a primeira a botá-la. **E, aqui para nós, é a mais jeitosa; as outras são umas empanturradas, que lhes não acho sal.***

E a cozinheira fazia trejeitos, arremedando as moças do lugar."¹⁵⁷

Uma moça que não é uma qualquer, alguém que se destaca - "loura", "bonita", "boa", filha de um pai arranjado e de uma mãe que tem o seu ordenado. Definitivamente,

¹⁵⁷ Idem, p. 29. Gritos nossos.

Carlotinha diferencia-se das "empanturradas sem sal" da vila. Talvez por isso não deva, pelo menos na opinião de Úrsula, se misturar com os "enfundados da cidade" para depois chorar de saudade.

Essa visão da cidade como lugar do vício também foi muito discutida na literatura do período. Adolfo Caminha em sua obra "A Normalista" trata muito bem desse tema, demonstrando o quanto a cidade de Fortaleza no final do século XIX estava corrompida moralmente, sendo lugar de todas as perdições. No caso do romance "A Rainha do Ignoto", a discussão é colocada de forma sutil, até mesmo por não ser o tema central do livro. Emília de Freitas estava interessada em discutir "a alma da mulher", como a própria afirma. No entanto é preciso atenção às falas que demarcam lugares. Portanto Edmundo, vindo da cidade e lugar do vício, não era para Carlotinha, "bonita e boa".

Parece-nos todavia que Carlotinha não estava de acordo com a opinião de Úrsula, pois ao pedir informações sobre Edmundo, já demonstra seu interesse pelo moço da cidade. Interesse que lhe custará muitas lágrimas no decorrer do enredo.

Depois da primeira conversa com Edmundo passou a noite sem dormir, pensando e meditando, a ver nascendo em si os primeiros rebentos da inclinação amorosa:

"Pensava no vulto elegante e na fisionomia simpática de Edmundo, e tremia. A ingênua moça receava ser descoberto o seu sentir como se fosse ele um crime.

A transformação por que passava seu eu, lhe era manifesta; mas o que estava sentindo não podia bem definir; apesar de saber perfeitamente o que era, e como se chamava, não se atrevia a pronunciar, ainda que mentalmente, o nome de do novo sentimento que tomou de assalto a fortaleza de sua alma.

Fora escusada a prevenção dos pais de Carlotinha contra os romances; porque amor não se aprende em livro algum; é instintivo, rubrica todas as páginas do livro da alma.

*Ela ia fazer dezesseis anos, e além dos livros de estudo e de seu manual de missa só havia lido o **Flos Sanctorum**, que lhe emprestara o seu padrinho, vigário da freguesia.*

Com as meninas de sua idade tratava somente sobre modas e trabalhos de agulha ou então sobre os novos cânticos religiosos, que sua mãe estava ensaiando para a próxima festividade.

Mas toda esta inocência preparatória não obsteu que a filha da professora, na tarde em que viu o Dr. Edmundo apelar-se à porta da casa vizinha, sentisse os primeiros rebates do amor. E na ingenuidade de seu pensamento, puro como o de um anjo, satisfazia-se com os enlevos do novo sentimento, e não desejava que ele fosse descoberto, nem mesmo por aquele que o havia inspirado.

Pobre criança! Adiantava-se a noite, e ela não dormia. Ao mole balanço da rede, passava uma a uma pela mente as ninharias daquela tarde."¹⁵⁸

Nesse trecho podemos observar um outro olhar sobre as leituras femininas colocadas à época. Na literatura do período a maioria das personagens femininas que liam eram consideradas, em potencial, mulheres perigosas, porque o acesso a romances de amor poderia influenciar na formação feminina. Esse tipo de discussão é colocada em "A Normalista" de Adolfo Caminha, 1893, no "O Primo Basílio" de Eça de Queirós, 1878, "A Carne" de Júlio Ribeiro, 1882, "A Dama das Camélias" de Alexandre Dumas Filho, 1847 e em "Lucíola" de José de Alencar, de 1862. Todos unânimes em apontar a leitura de romances como responsáveis pela formação "fantasiosa" das mulheres e por incutir-lhes pensamentos perniciosos. Afinal uma mulher que lê é uma mulher que devaneia.

No entanto, Emilia de Freitas mais uma vez nos surpreende ao demonstrar que **"amor não se aprende em livro algum, é instintivo; rubrica todas as páginas do livro da alma"**. Afinal Carlotinha com seus dezesseis anos, além dos livros de estudo, só conhecia o "Flos Sanctorum", livro religioso, que havia sido emprestado por seu padrinho,

¹⁵⁸ Idem, pp. 45-46. Grifo da autora.

vigário da freguesia; e, mais, com as meninas de sua idade só conversava sobre modas e trabalhos de agulha ou sobre novos cânticos religiosos. Enfim, como uma menina de dezesseis anos, provinciana, vivendo em um pequeno povoado da cidade de Aracati que não conhecia nenhum romance galante que lhe "transtornasse o espírito", que não conversava sobre amor com suas amigas, poderia se apaixonar dessa forma? Mas se apaixonou. E pôs por terra a teoria de que é preciso algo externo para "influenciar" as "pobres meninas". Portanto Emília de Freitas não compartilha da teoria de que a leitura de livros românticos incita comportamentos desviantes. A autora escreve contra isso. Enfim "deixem as mulheres ler em paz"

Contudo, Emília de Freitas também é um pouco cruel com Carlotinha. Apesar de defendê-la tão apaixonadamente, ao afirmar que sua personagem não lera romances "perniciosos" e nem conversara sobre "sentimentalidades" com as meninas de sua idade, no último parágrafo da citação que colocamos nossa escritora termina sua apreciação sobre o caso de forma taxativa: **Pobre criança! Adiantava-se a noite, e ela não dormia. Ao mole balanço da rede, passava uma a uma pela mente as ninharias daquela tarde"**

Está claro que para a autora, mesmo acreditando na pureza do coração de Carlotinha e na sinceridade de seus sentimentos, sua personagem era apenas "uma pobre criança" que não dormia pensando em "ninharias", pelo menos do ponto de vista de Emília, é claro. Talvez para Carlotinha, o colóquio que havia travado com Edmundo não fosse "ninharia", e provavelmente não o era. Não seria por "ninharias" que perderia seu sono. Carlotinha, apaixonada, sorvia lentamente a imagem de sua criatura adorada e, ao "mole balanço da rede", deliciava-se ...

Outro aspecto que nos chama a atenção é que a personagem Carlotinha incrementa a noção "negativa" que

tem a Rainha do Ignoto sobre o amor. Carlotinha passa o romance inteiro sofrendo a espera da volta de "seu príncipe encantado", Edmundo, que fora embora perseguindo os mistérios da Rainha.

Trabalhando com a perspectiva do amor como nocivo as mulheres, a autora nos apresenta a personagem Virgínia que mora com D. Matilde, viúva de seu tio Tomás de Moura, que após a morte do pai de Virgínia, Elias de Moura, morto em um acidente de trem com a esposa na América do Norte, administrara e levara à falência o estabelecimento comercial que tinha em sociedade com o irmão:

"Elias de Moura ainda entregou a Tomás a gerência da casa e foi à Europa para deixar Virgínia em um dos melhores colégios da capital do mundo elegante, da festejada e sedutora Paris. De volta para o Brasil deu-lhe a fantasia visitar a Norte-América, e ali foi, juntamente com a esposa, vítima de um desastre de estrada de ferro.

Tomás de Moura, apenas teve notícia do lamentável acontecimento, deu a casa por quebrada. Fez-se a liquidação, nada havia em caixa, e as mercadorias existentes mal deram para contentar os credores.

D. Matilde fez logo ver ao marido que era preciso mandar vir Virgínia, visto não lhe ter o pai deixado com que pagar as despesas de uma educação tão cara.

Quando a filha de Elias de Moura, coberta de luto, entrou pela porta do tio, trazia no rosto a resignação e a bondade da órfã que agradece a grande caridade que lhe fazem; mas, os curiosos vizinhos de D. Matilde segredavam entre si sobre esta grande caridade.

*O consciencioso irmão não tardou muito a estabelecer-se com armazém de molhados, e morrendo dez anos depois, deixou para a família uma fortuna de cento e sessenta contos, sem lembrar-se de Virgínia nem com uma pequena dádiva!"*¹⁵⁹

Virgínia tem uma vida bastante sofrida: órfã e criada pela "caridade" do tio que não deixara nada de herança para ela, vivia agora de favores na casa da viúva de seu tio Tomás de Moura. E para agravar ainda mais sua situação estava

¹⁵⁹ Idem, pp. 46-47, Grifos nossos.

doente de tuberculose, doença que adquiriu, segundo a sua tia Matilde, por teimosia. Vejamos o que a tia Matilde diz sobre Virgínia a Edmundo:

"- Era sim, confirmou D. Matilde, mas de uns anos pra cá, mudou tanto, que não me parece a mesma! O Dr. sabe quanto ela era inimiga de festas e passeios, o seu principal entretenimento eram: o piano, a costura e os livros; não levamos isto a mal, porque, apesar de tudo, era alegre e afável para com todos... Depois passava uma semana e mais que ninguém em casa lhe ouvia a voz!

- Mas, era falar-se em um baile, em um espetáculo, ela era a mais empenhada em ir, disse Henriqueta. As vezes a maninha ou a mamãe não estavam dispostas a ir a alguma festa para que haviam tido convite, e ela tanto me instigava a pedir-lhe que fossem, que afinal elas iam.

- Também era só quando se via a Gina alegre, observou Malvina.

- Uma coisa era ver e outra dizer, tornou D. Matilde. A minha sobrinha dançava até ficar exausta, sem forças! Nunca valsou em outro tempo. Foi aparecer-lhe a moléstia, valsava... valsava até não poder mais.

- Mas, em uma ocasião foi-lhe tal a loucura! Disse Henriqueta, depois de dançar assim, arquejante de cansaço, caiu sobre uma cadeira, quase desmaiada. Levou o lenço a boca, e tirou-o manchado de sangue!

- Que agonia para todos nós! Exclamou D. Matilde. O Dr. Clementino Penha estava presente, acudiu de pronto; mas ela rejeitou os seus serviços, dizendo que não era nada, que passava logo. Fui com meu genro pedir-lhe que se retirasse do baile. Sabem o que me respondeu: 'Deixe-me tia Matilde, estou aqui muito bem'. Já se viu?!

Ora, disse Henriqueta; cinco minutos depois, o Eduardo Gama levou-a para o piano e ela cantou uma ária!

- Serviu de admiração, lembrou Malvina; houve senhoras que choraram.

*- E outras se indignaram, menina, tornou D. Matilde. **Vejam se isto não é força de gênio.***

- Não vejo pelo mesmo prima, D. Matilde, replicou Edmundo, abstendo-se de patentear o seu juízo sobre o caso.

- Ninguém me convence, Doutor, aquilo é birra; pois Virgínia, já muito doente, tossindo, ia a um espetáculo lírico (bem contra a minha vontade) Quando voltávamos a uma ou duas horas da madrugada, ela sentava-se ao piano e tocava quase até de manhã! Era preciso que eu me levantasse, e fosse obrigá-la a deitar-se, banhada

de suor...desfalecida! No outro dia não se levantava da cama!

- *Pobre moça! Exclamou Edmundo com tristeza.*

- *Não pense o Senhor que minha sobrinha é maltratada. Não é, tenho feito por ela o que faria por minhas filhas*"¹⁶⁰

Percebe-se nesse trecho como D. Matilde e suas filhas, Henriqueta e Malvina, constroem a imagem de uma Virgínia tísica porque teimosa, de gênio ruim, que não aceitara a ajuda nem os conselhos de sua "zelosa" tia Matilde.

Essa construção assemelha-se também com o conto de fadas "A Gata Borralheira". Virgínia era órfã, paterna e materna, vítima da tirania de uma tia, quase uma madrasta malvada, e também da inveja das filhas Henriqueta, Malvina e Alice, esta última rouba-lhe o noivo Gustavo, o "príncipe encantado" da fábula. No entanto, seremos surpreendidos com a versão da própria Virgínia sobre a sua situação em uma conversa com o Dr. Edmundo que fora visitá-la. Não nega os fatos, mas explica porque rejeitara a ajuda do Dr. Clementino Penha:

"Edmundo levantou-se, abriu as janelas que davam para a rua, para que houvesse mais ar, e veio sentar-se ao lado da moça, muito comovido.

- *O que dizem os médicos desse mal?*

- *Os médicos? Nunca tiveram notícia dele...*

- *Como? Nunca se receitou?*

- *Nunca. A princípio queixava-me; mas, a Matilde dizia que era nervoso, que eu fosse passear, e não cuidava mais de mim. Vendo o pouco caso que faziam de minha vida, atirei-me aos espetáculos e aos bailes como um verdadeiro delírio. Foi a ano passado pelo inverno no aniversário de Luíza Gama, que deitei a primeira golfada de sangue. Cercaram-me de atenções e de cuidados...Rejeite-os, era tarde, estava morta.*

- *Mal Virgínia acabou de falar, um sussurro de vozes alegres aproximou-se da porta. Era D. Matilde que chegava com as filhas. A missa havia terminado, e o povo se espalhava em todas as direções*"¹⁶¹

¹⁶⁰ Idem, pp. 42-44. Grifos nossos.

¹⁶¹ Idem, p. 51. Grifos nossos.

Como vemos Virgínia tem uma opinião bastante distinta de suas primas e tia, que ela chama apenas de Matilde. Ressente-se da falta de atenção inicial para com a sua doença e com o fato de só cercá-la de cuidados quando golfara sangue em um aniversário de Luíza Gama, ou seja num lugar público, causando assim "vergonha" à tia e suas filhas. Desta forma por que aceitaria ajuda se já se considerava morta? Por que não a ajudaram antes, quando ainda havia salvação? Portanto para Virgínia, Matilde não é tão caridosa como desejava ser vista pela sociedade: viúva honesta, boa para as filhas e para a sobrinha.

Se Virgínia tem o "gênio ruim" para Matilde, talvez seja pelo fato de a órfã ter percebido que sua caridade era de aparências, que sua bondade era apenas a construção de uma imagem para fora da casa e posar, como muitas outras senhoras do seu tempo, como uma mulher que exercia a caridade e tratava uma sobrinha como filha. E como Virgínia não tinha ou achava que não tinha como reagir contra a tia, "atira-se aos espetáculos e aos bailes com um verdadeiro delírio" e torna o seu sofrimento público ao deitar a primeira golfada de sangue em um aniversário.

Outro ponto sobre Virgínia, de fundamental importância para entendermos sua trajetória, é o fato de ter sido noiva de Gustavo. Bacharel em direito, Gustavo a abandona para casar-se com sua prima Alice, que poderia oferecer-lhe um dote. Na "verdade" este episódio é comentado por outros personagens, pois Virgínia em nenhum momento o menciona, talvez porque fosse doloroso tocar no assunto, já que depois de Gustavo adoecera, e não tivera mais nenhum namorado. E boa parte do ressentimento que tinha pela tia devia-se ao fato de a mesma ter "comprado" o noivo para a filha Alice. Sobre esse acontecimento temos o julgamento, além da Rainha, de Edmundo após a conversa com D. Matilde:

"Recolhera-se preocupado com o que lhe haviam dito de Virgínia e estava realmente penalizado!

Tinha visto em outro tempo aquela moça tão sensata, cujo trato ameno e discreto encantava a todos, e não podia acreditar nessa transformação em que lhe falavam D. Matilde e as filhas.

Mas, por que seria a preferência de Gustavo por Alice, menos bela, estouvada e namoradeira.

- Explica-se, dizia ele consigo. Virgínia nada possuía e provavelmente Alice lhe trouxe um dote de trinta ou de quarenta contos de réis. Isto para um moço que acaba de se formar, à custa de sacrifícios, é uma espécie de sorte grande.

A fortuna, pensou ele, é uma casta de corça que não pode ser pegada por quem corre mais, e sim, por quem sabe arma-lhe o laço. (...). O Dr. Edmundo acusava o amigo de falta de caráter e até de ambicioso; mas reflexionando bem, veio a concluir que Gustavo teve razão, e fez o que faria outro, em caso semelhante, visto não ser com amor que se manda ao mercado, as lojas de modas, ao joalheiro, ao empresário de teatro e a todos mais que fornecem o que há de útil e recreativo no mundo elegante.

Contudo, indignava-se com a lembrança do procedimento de D. Matilde para com a pobre órfã, desde o berço vítima da ambição e depois da deslealdade"¹⁶²

Percebemos nesse trecho como Edmundo estabelece dois pesos e duas medidas para o procedimento de Gustavo e D. Matilde. Ambos, levados pela ambição, foram responsáveis pela amargura e tristeza de Virgínia, mas enquanto Edmundo consegue encontrar explicações plausíveis para as atitudes de Gustavo, pois ele fez "o que faria outro", afinal "não é com amor que se manda ao mercado" e que se sustenta o "luxo" das mulheres da sociedade. Ou seja, casando-se com Virgínia por amor o que poderia oferecer-lhe depois de casado? Se não receberia nenhum dote, como dar-lhe uma vida digna? É irônica essa perspectiva, pois se pensarmos bem, quem na "verdade" oferece uma vida de segurança é a esposa que já traz o dote capaz de prover o casal, pelo menos por um bom tempo. Contudo o dinheiro só pode ser administrado pelo marido, "senhor da casa". Na "verdade" a mulher compra um

¹⁶² Idem, p.46 e 47-48.

nome de "senhora casada", só que neste caso os "costumes" fazem parecer que quem sustenta e mantém a família é o marido.

Edmundo leva o leitor a pensar o que seria de Gustavo, formado "à custa de muito sacrifício", se tivesse casado com Virgínia? Talvez não passasse de um simples bacharel em direito, vivendo de um outro caso que por ventura encontrasse. Afinal Gustavo agora era juiz de direito em Aracati, posto de grande prestígio social conseguido através da visibilidade que o casamento com Alice lhe conferira. Desse ponto de vista, Gustavo tinha razão ao atrelar a sua ascensão social à escolha de um casamento conveniente.

Edmundo, no entanto, não é tão benevolente com Dona Matilde. Também levada pela ambição trata tão mal a sobrinha, não lhe propiciando sequer um quinhão da herança do pai e, ainda por cima, toma-lhe o noivo. Ou seja, se Gustavo se vendera, vá lá, afinal ele tinha seus motivos. Mas que fosse logo Dona Matilde que o comprasse, isso não era tolerável. Logo a viúva de um tio ingrato que nem por lembrança deixara uma dádiva para a sobrinha. Se a ambição e a deslealdade eram motivos e sentidos justificáveis para a ação de Gustavo, não poderiam ser, segundo Edmundo, para Dona Matilde. Enfim, como uma mulher comportava-se dessa forma? Atraiçoava, ambicionava e tornava-se desleal. Uma mulher assim não merecia compreensão e nem perdão. Gustavo pelo menos não quisera pousar de bom moço. Vendera-se, sim, estava claro. Tinha seus motivos, por que não se venderia? Por causa de um amor sem fortuna e, portanto, sem futuro? Enquanto Matilde queria posar de caridosa, demonstrar boa índole, na verdade não importava-se com a doença da sobrinha, tomara-lhe o noivo para a filha e ainda espalhava que Virgínia tinha "gênio ruim". Além de ambiciosa era mentirosa, não podia merecer compreensão por parte de Edmundo, pelo menos do seu ponto de vista.

O único momento em que vemos Virgínia referir-se ao ex-noivo é quando arruma seu quarto, já preparando-se para a chegada da morte:

"Levantou-se, foi a uma cômoda, abriu as gavetas, e delas tirando um a um todos os vestidos, os foi estendendo sobre o leito; cada uma daquelas peças de sua vestuária lhe trazia a memória uma recordação íntima, uma cena de sua malfadada existência.

Havia sido com aquele vestido azul celeste que no sarau de aniversário de Alice ela ouvira pela primeira vez Gustavo jurar-lhe um amor eterno. Com aquele de cassa estampada tinha passado um dia no campo, o mais feliz de sua vida. Aquele outro de seda cor de rosa lembrava-lhe o jantar que assistira no dia da formatura dele... ainda um lhe recordava o começo de suas desventuras, este era branco, e se afigurou uma mortalha."¹⁶³

É através dos vestidos que Virgínia recorda os momentos vividos com Gustavo, toda a trajetória do romance está estampada nos vestidos guardados. Frutos de uma forma muito particular e feminina de recordar

A memória feminina ao tratar com os pequenos detalhes da casa e com a "tirania da moda" acabou se transformado em uma "memória trajada". A memória feminina tornou-se sensível para pequenos detalhes- cheiros, cores, texturas e roupas- que na maioria das vezes passam despercebidos pelos homens, tão ocupados que estão em tratar com os negócios da rua. Como aponta Michelle Perrot:

"Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço são para elas relíquias das quais só ela sabe o preço. A monotonia dos anos se diferencia pela toailete que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração: 'Naquela dia eu usava...' ela diria. A memória das mulheres é trajada. A vestimenta é a segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou menos sonhar. A importância das aparências faz com que as mulheres sejam mais

¹⁶³ Idem, p. 59.

atentas ao seu léxico. O máximo que elas podem se permitir é o rosto do outro. Pelos olhos elas pensam atingir a alma. E é por isso que elas se recordam de suas cores, às quais os homens são normalmente indiferentes"¹⁶⁴

A memória feminina é localizada nos sótãos, quartos e alcovas; nos pequenos recantos da casa, nas janelas, espaço de comunicação com a rua. Também é ligada aos utensílios da casa, guarnições de chá, toalhas, enxovais guardados como verdadeiras relíquias do passado. Aparelhos de jantar, guardanapos bordados, porcelanas. Enfim a memória feminina é familiar.

A mulher é a responsável pela criação e educação dos filhos. Por guardar suas histórias de infância, suas relações de parentesco, o primeiro passo, a primeira palavra. São as mães que guardam as histórias de seus filhos como se fossem suas e são elas que relatam a cada aniversário como foi o nascimento e a primeira infância das crianças. Guardiãs da história do cotidiano da família¹⁶⁵

Virgínia também cumpre o papel de demonstrar o quanto uma vida sofrida pode ser recompensada, funcionando como outra mártir da narrativa de Emília de Freitas. Virgínia morre tuberculosa, como uma santa, vítima de traições e deslealdades, mesmo assim de coração bom. Falece no sarau de aniversário de Alice e Henriqueta na casa de Dona Matilde:

"As notas da música pareciam morrer no teclado do piano com o som que modulava a voz fraca da cantora, saudosa como um adeus à vida.

Ela cantava uma modinha brasileira em voga naquela época. Dizia assim:

'Como é triste morrer na flor dos anos

'Quando vejo que o mundo é um paraíso...

'sinto que se me abre a sepultura...

'Vejo da morte um irônico sorriso."¹⁶⁶

"Depois de morta, deitada no sofá, parecia uma criança adormecida.

¹⁶⁴ PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina" In Revista Brasileira de História, São Paulo, vol.9, nº 18, ago.89/set.89, pp.14-15.

¹⁶⁵ Ver: PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina" In: Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 09, nº 18, ago89/set/89, pp. 09-18.

¹⁶⁶ FREITAS, Emília de. Op. cit. p 82

*De pouco a pouco se tinha transfigurado, o intumescimento das carnes lhe deu as faces emagrecidas as formas redondas do tempo da saúde e da felicidade, uma leve sombra rosada parecia transparecer através da fina e alvíssima epiderme. Era a formosura mística, espiritual duma santa*¹⁶⁷

No entanto, na medida mesmo em que Emília de Freitas constrói a imagem da mártir santa Virgínia, também propõe a dúvida sobre o fato. Após a morte de Virgínia um pombo correio entra na casa de Dona Matilde com uma grinalda de flores de laranjeira e uma carta de Diana, a Rainha do Ignoto. Muitos dos presentes interpretam o acontecimento como um milagre, uma prova da santidade de Virgínia. Neste mesmo trecho a narradora questiona a credulidade do povo:

*"Tanto, pode o mistério no espírito do povo! Se ali em vez de um pombo tivesse aparecido um corvo ou qualquer ave detestada, ninguém recearia em afirmar que a moça era uma réproba, uma prescrita!"*¹⁶⁸

Como já afirmamos anteriormente Emília de Freitas não constrói personagens sem complexidade, todos eles são dotados de uma grande carga de emotividade e humanidade. Virgínia, apesar de sua trajetória ser marcada por uma alto teor romântico, não perde seu encanto e sua força, porque através de sua personagem coloca-se, no romance, toda uma crítica contra uma sociedade que tratava o amor "como uma mercadoria", leva quem pagar o maior dote.

No romance a mais forte representante desta sociedade é Dona Matilde. Esta senhora que morou em Recife durante vinte anos, mas filha do lugarejo Passagem das Pedras, comportava-se como uma dama da cidade numa localidade de matutos, apesar de afirmar que não trocava sua terra por nenhuma outra. Conhecia Edmundo porque o mesmo já fizera a corte a sua filha Alice em Recife, onde se formara em Direito. Sua primeira conversa com o rapaz já demarca claramente a sua posição no lugarejo. Edmundo ao tratar elogiosamente as duas filhas de Dona Matilde, Henriqueta e Malvina que lhe acompanhavam, é repreendido:

*"Não seja lisonjeiro Doutor; veja que estamos na roça; aqui não se usam os galanteios de salão."*¹⁶⁹

Quando Edmundo teima em elogiar Carlotinha, também presente na conversa, mais uma vez é repreendido:

¹⁶⁷ Idem, p. 85.

¹⁶⁸ Idem, p.90.

¹⁶⁹ Idem, p.40.

*"Oh! Doutor, (...) pelo amor de Deus, perca este costume... O senhor pensa que está ainda nos salões de Paris"*¹⁷⁰

A gentileza e a polidez, para Dona Matilde, não têm espaço em um lugarejo provinciano como Passagem das Pedras. Afinal era um local "de matutos", como afirmavam suas duas filhas. Matilde sente-se de fora, superior, diferente. Vivera vinte anos em Recife, considerada a Veneza brasileira à época, lugar de urbanidade e civilidade; polira-se e educara as filhas numa cidade considerada mais avançada do que Fortaleza. Definitivamente não se sentia como os outros. Cada atitude e gesto em seu lugar. Gentileza e galanteio não tinham espaço na roça, pelo menos sob seu ponto de vista.

Dona Matilde também procurava não misturar-se com pessoas de classes sociais consideradas inferiores, por isso mesmo sua antipatia por Virgínia aumentava, dada que era ao contato com "gente baixa":

*"D. Matilde apressou-se em mandar o José com a sobrinha de seu finado marido e respirou aliviada, pois a presença da moça lhe era inteiramente incômoda por muitos positivos. (...) Também não lhe interessava saber de quem ia Virgínia despedir-se, porque sabendo que suas relações eram com 'gente baixa', no seu modo de falar, não lhes conhecia nem o nome, nem a morada."*¹⁷¹

Em outro momento percebemos Dona Matilde desdenhar do lugarejo quando, no sarau de aniversário das filhas, a Rainha do Ignoto envia dois presentes misteriosos: Juízo para Alice e Manual de Civilidade para Henriqueta. Desdenhando da afirmativa constante de que as meninas da cidade são civilizadas e polidas, a Rainha com sua

¹⁷⁰ Idem, 40.

¹⁷¹ Idem, p. 60 e 61. Grifos nossos.

"brincadeira" causa a fúria de Dona Matilde:

"Quero saber quem é que nesta miserável aldeia se atreve a desrespeitar minhas filhas?"¹⁷²

Essa construção de damas imperiosas da sociedade é reforçada com Henriqueta e Malvina, filhas de Dona Matilde, constituindo-se como personagens chaves para a acirrada crítica social que Emília de Freitas tece em seu livro contra as mulheres fúteis e ambiciosas da sociedade. Sempre à procura de um bom casamento para si ou para as filhas, querendo viver de aparências e de modas, sempre maliciosas e arrogantes,

Este trio é na "verdade" o exemplo que Emília de Freitas estabelece como as vilãs femininas da história, sempre dispostas a desdenhar e ridicularizar os outros personagens. Se Dona Matilde é mais sutil quando procura diferenciar-se dos demais, buscando manter a aparência da caridade e da benevolência para com os outros, o mesmo não ocorre com suas filhas, principalmente Henriqueta que faz questão, o tempo inteiro, de deixar demarcadas as diferenças entre si e os "matutos" do lugarejo.

Quem mais sofre com suas críticas e ironias é Carlotinha, porque entre as duas ocorria uma disputa velada por Edmundo. Na primeira conversa que tiveram juntos, Henriqueta tratou logo de ridicularizar a timidez de Carlotinha diante de Edmundo:

"Que tem? (...) a Carlotinha sente um desgosto de ser matuta"¹⁷³

Obviamente que para aqueles que já acompanhavam o drama pessoal de Carlotinha, sua timidez perante Edmundo tinha outros motivos, bem mais fortes e intensos do que o

¹⁷² *Idem*, p.80.

¹⁷³ *Idem*, p.41.

fato de ser ou não ser matuta. Provavelmente Henriqueta percebera isso, mas claro, não ajudaria a "rival", ao contrário, afogaria sua timidez num mar de "matutagem". Ela que procurasse se expor e se impor, se não o fazia, problema dela. Henriqueta que não ia dar vezes a ninguém, quanto mais a uma "matuta".

Na visita que Edmundo faz a sua prima Virgínia, Henriqueta ao chegar em casa, com a irmã Malvina e com Carlotinha, trata imediatamente de mostrar-se, enquanto Carlotinha fica temerosa de entrar na casa ao perceber a presença de Edmundo. Henriqueta vocifera:

"- Ela quis ficar ali mesmo, mamãe(...) isto é, para ver os moços que vêm da missa... Uns papaguns de paletó de brim metido na goma, e chapéu atolado até as orelhas. Henriqueta acompanhava as palavras com trejeitos e risos" ¹⁷⁴

Ou seja, uma "matuta" como Carlotinha só podia interessar-se mesmo por estes "papaguns de paletó de brim metido na goma", afinal eram "matutos" como ela, gente do seu nível, segundo a opinião de Henriqueta. Tinha que retirá-la do caminho de Edmundo. Ele, um doutor formado em direito, que estudara no Recife e visitara a Europa, o que poderia ele ver em uma "matuta" como Carlotinha, cafona e fora da moda, como Henriqueta tenta nos fazer acreditar:

"- Carlotinha, tornou a zombeteira, que vestido é este? Esta renda creme não diz bem nesta fazenda cor de azeitona. O teu chapéu também já não está na moda; os que se usam são como este meu, como o de Malvina.(...)"

- É certo, acudiu Malvina, quando nós estávamos no Recife, que entrávamos em alguma loja de modas, e que víamos um chapéu, ou uma fazenda do tempo dos Afonsinhos, dizíamos logo: isto guardo para vender aos matutos" ¹⁷⁵

¹⁷⁴ Idem, p. 52.

¹⁷⁵ Idem, p.52.

Ocorre um verdadeiro massacre de Carlotinha por parte de Henriqueta e Malvina. A primeira por considerá-la rival, a segunda por querer ajudar a irmã e também diferenciar-se da menina interiorana. Como se já não bastasse, Henriqueta continua seu rosário de calúnias após Virgínia elogiar a beleza natural de Carlotinha:

*"Henriqueta, contrariada com o elogio que Virgínia teceu a Carlotinha fez-lhe um momo e voltando-se para o Dr. Edmundo começou a falar da insipidez do lugar, e, contando muitas anedotas da gente da terra, não deixava de fazer referências ao pai de Carlotinha que apesar de roceiro sem instrução, era inteligente e muito sensato."*¹⁷⁶

Henriqueta é de uma crueldade que chega "às raias do delirante". Nem sequer tenta disfarçar e passa a falar mal da população do povoado diante de vários moradores: Dona Paulina e Dona Sofia (irmãs do vigário) e Dona Raquel, mãe de Carlotinha. Chega mesmo ao cúmulo de referir-se ao pai de Carlotinha, Sr. Martins, que "apesar de roceiro e sem instrução era inteligente e muito sensato". Como se a inteligência e a sensatez não tivessem também espaço na roça, estivessem "fora do lugar". Para Henriqueta, nascida e educada no Recife, era incompreensível como um "roceiro e sem instrução poderia ser inteligente e sensato". Parecia um dos males da elite da época, e talvez ainda o seja hoje, acreditar que fora de seu mundo e de seu círculo, não pudesse haver vida inteligente e sensata, muito menos na roça.¹⁷⁷

E mesmo ao ser novamente repreendida por Virgínia que lhe diz que a boa educação não consiste "somente em saber botar um espartilho, atacar um cinto, fazer um bonito penteado(...) há conhecimentos muitos mais necessários",

¹⁷⁶ Idem, p. 53.

¹⁷⁷ Este pensamento, há bem pouco tempo, estava muito presente em setores da esquerda brasileira, vendo que o homem do campo era incapaz de algum gesto de inteligência ou de revolução.

Henriqueta afirma que a prima é intrometida, "mas não espere que vá me reger pelo delírio de sua febre". Para Henriqueta alguém de seu nível, como Virgínia, entrar a defender pobres e matutos só poderia está sendo levada pelo "delírio da febre" tuberculosa.

Para finalizar esse primeiro massacre de Carlotinha, dos pobres e matutos, vejamos a fala de Henriqueta ao ver um convite seu recusado por Edmundo:

"- Não posso, D. Henriqueta, tornou ele. Vossa Excelência me desculpe. Estou com um passeio campestre projetado.

- E' prefere este passeio ao meu convite?

- Não; mas, estou comprometido.

- Com quem? Com esses matutos?

- Sim

- Ora essa! Se aqui há gente que mereça atenção..."¹⁷⁸

Henriqueta demarca a posição social dos outros, "os matutos". Aqueles que não têm traquejo nem requinte social para merecerem atenção, quanto mais a atenção de um Doutor como Edmundo.

Poderíamos citar vários outros momentos em que Henriqueta e Malvina destratam, ridicularizam e desdenham da população de Passagem das Pedras, mas consideramos desnecessário, pois já é visível como as personagens caracterizam suas ações. E as críticas e análises que fizemos já dão bem a entender quem são elas. Enfim para arrematarmos, vejamos agora até que ponto vai o pensamento tacanho das irmãs ao enxergarem as outras pessoas apenas como suas servas, servidoras de seu bel e vil prazer. Se não, vejamos o comentários de Henriqueta e Malvina no dia da morte de Virgínia:

¹⁷⁸ FREITAS, Emilia de. Op.cit. p. 54.

*"Henriqueta(...) suspirou e disse:
 - Em que havia de dar a festa de nossos anos! E eu
 que esperava divertir-me tanto!...
 - É certo, acudiu Malvina, como poderemos passar o
 dia de amanhã, anojada, sem ao menos ver a festa
 da coroação e a oferta das flores?!¹⁷⁹ Meu Deus, em
 que dia veio morrer a Gina!¹⁸⁰"*

Depois disso...passemos adiante. Para não dizer que não falamos das flores, fecharemos este item com as paladinas do nevoeiro, as mulheres que ajudavam a Rainha do Ignoto em sua missão de fazer a caridade pelo Brasil, em seus três navios fantasmas: Tufão, Grandolim e Neblina. As paladinas exerciam papéis de destemidas mulheres guerreiras e, o mais surpreendente, eram todas espíritas e juntas formavam uma maçonaria de mulheres com a Rainha do Ignoto.

As que mais aparecem na narrativa são Clara Benício, médica, Brasília, Tereza Gigante, Maria Forte, Luíza sem Medo e Ana Ligeira. Todas empenhadas em praticar a caridade e ser justiceiras. São elas juntamente com a Rainha que libertam escravos, salvam vidas e que cuidam de uma creche para órfãos na ilha fantasma do Nevoeiro, onde todas viviam. Acolhem viúvas, mulheres abandonadas por maridos e filhos. Enfim, as paladinas do Nevoeiro exercem um papel exemplar para demonstrar a capacidade física e intelectual das mulheres. Estamos convencidos que essa era a discussão central do romance de Emília de Freitas. Como professora, abolicionista, espírita e mulher de Letras, podemos imaginar a solidão que essa mulher devia sentir em uma sociedade que negava o acesso da mulher a quase tudo. O romance de Emília de Freitas, em nosso entendimento, mais do que falar

¹⁷⁹ *Virgínia falecera no dia 30 de maio, na véspera da coroação de Nossa Senhora e oferta de flores como era e ainda é tradicional comemorar o mês de Maria na Igreja Católica.*

¹⁸⁰ *FREITAS, Emília de. Op.cit, p. 85. No decorrer da estória as duas "acabam se dando bem". Henriqueta após o desaparecimento de Edmundo que fora embora a procura da rainha do Ignoto, casa-se com um negociante português e Malvina com Eduardo Gama, também de sua classe social. Afinal como diz Ana Rosa afilhada de Carlotinha "As moças garridas não ficam titias."*

"da alma da mulher", como a autora afirma em seu prefácio, quer emancipá-la e libertá-la de séculos de sujeição, mesmo que não afirme isso abertamente. Contudo, consideramos que o faz através do romance, de forma sutil e bem mais inteligente...

3.4 E OS HOMENS?

Este item tem uma peculiaridade que consideramos especial. Nele analisaremos como Emília de Freitas construiu suas personagens masculinas. Como a escritora, "lia" as atitudes e os comportamentos dos homens num livro destinado a "estudar a alma da mulher". De que forma as personagens masculinas se comportam e quais as atitudes louváveis e reprováveis? A nossa leitura passa por uma outra ótica, já que a literatura e os estudos histórico-literários, na maioria das vezes, estão preocupados como as mulheres são construídas em romances masculinos, aqui procuraremos ler como os homens estão sendo construídos na pena feminina.

A personagem masculina principal do romance é Dr. Edmundo, já nosso conhecido, o cavalheiro que abandonara tudo para desvendar os mistérios da Rainha do Ignoto e de sua maçonaria de mulheres. No entanto, nas passagens anteriores nos referimos a ele, apenas na medida em que servia de âncora à explicação das personagens femininas. Agora nos aprofundaremos na trajetória deste cavalheiro:

" O Doutor Edmundo teria vinte e quatro e vinte cinco anos. Seu pai fora um rico negociante de Fortaleza; foi nessa bela cidade do norte que ele passou os seus primeiros anos, onde fez os preparatórios, e

donde mandaram-no para a Academia de Direito do Recife. Ali fez ele sempre um dos mais brilhantes papéis, apesar de não ser gênio nem um talento de primeira plana. Mas, bem apessoado e único herdeiro de uma boa fortuna, era o eldorado das moças, e até dos próprios pais."¹⁸¹

Edmundo conseguia sair-se bem mesmo não sendo um gênio, nem tendo um talento em potencial. Aqui começa uma pequena crítica ao comportamento de Edmundo, mesmo sendo considerado um bom rapaz, Emília aprofunda sua análise:

"Não havia baile, jantar, batizado ou casamento para o qual não tivesse um convite formal, além de receber muitos recadinhos particulares e íntimos.

Nessas ocasiões apresentava-se sempre como um figurino da última moda. Além disso, tocava flauta, cantava árias e duetos, recitava ao piano versos próprios ou dos poetas de maior nomeada, contava anedotas, dançava admiravelmente, e ninguém o vencia no galanteio.

Em matéria de amor, não admitia a verdade, zombava de meia dúzia de corações, verdadeiros tesouros de sentimento, onde tinha feito despertar o mais sincero e puro afeto, e, depois ia escrever folhetins, nos rodapés dos jornais dos estudantes, contra a inconstância e leviandade das mulheres, rindo-se ao mesmo tempo com os amigos de ter feito no mesmo jornal, com diversos pseudônimos, quatro ou cinco sonetos: a Marília, Laura, Beatriz, Leonor e Julieta.

*Mas isto não privava que o acadêmico gozasse da maior consideração dos pais e simpatias das filhas...Era tão afável...tão elegante e delicado...Quem poderia deixar de estimá-lo? Depois, não eram aquelas as qualidades mais próprias para atrair na sociedade?"*¹⁸²

O perfeito Dom Juan, bem apessoado, educado, herdeiro de uma pequena fortuna. Um bom partido. Como diz a narradora "as qualidades mais próprias para atrair a sociedade", mesmo que ridicularizasse as moças e utilizasse de falso e torpe moralismo com as mulheres, ao acusá-las de levianas e inconstantes, logo ele, que vivia vários romances.

¹⁸¹ Idem, p26.

¹⁸² Idem, p27. Grifos nossos.

Mais essas características eram perdoadas, pois, apesar de tudo, Edmundo era um bom rapaz!

No decorrer do romance percebemos que a personagem é tratada de uma forma benevolente. Edmundo funciona como uma espécie de espectador das maravilhosas proezas da Rainha e de sua maçonaria de mulheres. O fato da personagem ser um doutor e tentar desvendar os segredos da Rainha é significativo, pois dá validade e credibilidade aos acontecimentos. Porque já temos noção, e a própria narrativa afirma isso, que a "credulidade do povo" é "ingênuo" e "supersticioso". Então Edmundo cumpre o papel de assegurar veracidade aos fatos sobrenaturais. Afinal era um doutor, e não um integrante de um populacho ingênuo e supersticioso. Vale acrescentar que no espiritismo a ciência tem uma validade que em outras religiões não possui. Tornase, portanto, compreensível a criação de uma personagem-bacharel em Direito- para acompanhar as proezas da Rainha espírita.

Nesse sentido percebemos a tentativa de regeneração de Edmundo ao acompanhar as missões de caridade da Rainha e suas paladinas. Em uma sessão espírita aparece Terezinha Meireles, ex-namorada de Edmundo, que revela o chocante passado de "donjuanismo" do bacharel em seus tempos de galanteio:

"Este é aquele estudante de Direito que em Pernambuco morava na rua da Boa Vista, defronte da nossa casa. Olhava muito pa'a mim, e em uma manhã mandou-me um bilhetinho pela preta do leite; eu acreditei que ele amava-me deveras e apaixonei-me loucamente! Mas meu pai era um sapateiro que só tinha o seu ofício e a sua honra, e o moço era rico! Freqüentava a sociedade elevada; se formou não precisava mais dos pequenos favores dos vizinhos; foi viajar sem nos dizer adeus.

Eu entristeci, entristeci muito! Chorei, desesperei, até que um dia achei um pouco de alvaiade que meu pai tinha comprado para pintar uma tabuleta de sua oficina e ingeri metade...cansei de

viver(...) Todos se retiraram, mas só o Dr. Edmundo sabia a verdade do fato manifestado pelo espírito.

Saiu muito impressionado com o suicídio de Terezinha Meireles, que ele julgava viva, de boa saúde, já casada com algum barbeiro ou contínuo de repartição.

Lembrava-se bem da infeliz menina, tão bonitinha, tão sossegada costurando as camisas dos irmãozinhos, ajudando a mãe a cozinhar, a enqomar a roupa do pai, e à tarde, bem penteada, com um botão-de-rosa no cabelo, junto a janela, ia sentar-se fazendo o seu crochê

Que remorsos sentiu ele de haver, por uma leviandade de estudante, ocasionando um desastre no seio duma família pobre mas honrada.

Fingir amor é um crime de morte! Dizia ele com pesar¹⁸³

Até que ponto chegaram as "leviandades de estudante"? Provocando o suicídio de uma moça honesta e ingênua... Contudo Edmundo mostrava-se arrependido passando a considerar que "fingir amor é um crime de morte". Afinal quem não se arrependeria depois dessa narrativa? Entretanto essa mudança de atitude não condiz com a defesa que o bacharel fizera de Gustavo quando este preferiu casar com Alice por causa do dote, contribuindo para a infelicidade e morte de Virgínia. Todavia o nosso "bom rapaz" Edmundo parece pouco a pouco se regenerar ao acompanhar as "maravilhas" da Rainha. Neste romance os homens são chamados apenas para servirem de coadjuvantes e âncoras para as proezas, sofrimentos e peripécias femininas.

Sendo assim, o desenlace de Edmundo é bastante comum. Descobre o amor secreto de Carlotinha, cansa de perseguir os mistérios da Rainha, julgando-a indecifrável, e finalmente casa-se com Carlotinha. Como diz o título do capítulo que trata sobre o desenlace de Edmundo "Eis o fim dos amores comuns":

¹⁸³ Idem, p. 181. Gritos nossos.

"Ele não nascera para as grandes empresas. O extraordinário lhe cansava o espírito ainda mais que o corpo. Tinha o gênio muito comum para atrever-se a amar uma Rainha do Ignoto.

Em poucos dias tornou a ganhar as boas graças do Sr. Martins e pediu-lhe a mão da filha. Carlotinha voltou às boas cores e alegria de outrora.(...) Afinal, chegou o grande dia, o sino repicou, o vigário lançou as bênçãos nupciais a um mancebo vestido de preto e uma moça coroada de flores de laranjeira, e eles saíram da igreja pelo braço um do outro, seguidos pela procissão de comilões de doces e perus assados.
Eis o fim dos amores comuns..."¹⁸⁴

Consideramos que Edmundo merecia um final mais louvável, menos comum. Afinal presenciara tantos fatos espetaculares, navegando em um navio fantasma e conhecendo a Ilha do Nevoeiro...Será que nada disso o modificara, preparara seu espírito para o extraordinário? No entanto a escritora prefere dar-lhe um fim comum, fazendo-lhe esquecer a Rainha e casar com Carlotinha. Dentro dessa lógica de homens como coadjuvantes é evidente que Edmundo não tinha credenciais para conquistar o coração da Rainha...Não tinha ele nada de extraordinário, nem de espetacular. Era apenas um mancebo, formado em direito, que acompanhara a Rainha sobre um disfarce feminino, sem uma gota de coragem de se expor em nenhum momento...Definitivamente não tinha nenhuma possibilidade de atrair uma mulher como a Rainha. Casa-se com uma jovem ingênua que o esperara por três anos enquanto ele andava envolto nos mistérios de Diana...Enfim este é o desfecho dos amores e personagens comuns. Afinal como já afirmara anteriormente a escritora no romance: "*a mulher superior é a encarnação da indiferença e até do ódio da maior parte dos homens*"¹⁸⁵

A visão sobre as personagens masculinas é bastante

¹⁸⁴ Idem p.347.

¹⁸⁵ Idem. p.98.

crua e muito pouco benevolente. Não há nenhum homem digno de admiração ou compaixão. Todos não passam de indivíduos comuns, com pouco ou nenhum caráter e quando adquirem alguma forma de bondade é através das mulheres.

Esta visão é compreensível se entendermos que no período que Emília de Freitas escreve as mulheres tinham poucos direitos e muitos deveres. Não podiam sair sozinhas, praticar a escrita pública sem sofrerem ressalvas; seus conhecimentos e questionamentos sempre vistos como menores. Acreditamos que Emília de Freitas tenta neste romance mostrar que as mulheres têm muito a dizer e que são capazes de fazerem muito mais do que julga a sociedade misógina, para a qual as mulheres são sempre vistas como perigosas e traiçoeiras quando se manifestam.

Mais uma vez no romance nos deparamos com os homens levando as mulheres ao sofrimento e até mesmo à loucura. Odete, personagem que Edmundo tomou o lugar após a sua morte, emudecera por causa de um trauma amoroso. Perdera o namorado para a própria mãe que, após a morte do marido, tornou-se rica e dona de um dote maior a oferecer para o rapaz. Outra vez o amor como mercadoria e os homens que se vendem por dinheiro.

No asilo que a Rainha mantém na Ilha do Nevoeiro estão várias mulheres enlouquecidas pelo abandono dos maridos, a morte dos filhos na guerra do Paraguai, por terem sido espancadas, agredidas, trocadas e humilhadas por homens ambiciosos e perversos!

Percebemos o caráter militante do romance de Emília de Freitas. Fica claro que a escritora pretende mostrar as injustiças que as mulheres sofrem. No entanto observamos que nem todas as mulheres são bondosas e caridosas, temos Dona Matilde, suas filhas Henriqueta e Malvina, e a mãe de Odete que tomara o namorado da própria filha. Emília de Freitas apesar de acreditar que os homens são responsáveis

pela infelicidade de muitas mulheres, também crê que nem todas as mulheres são puras, tolas ou ingênuas. Algumas mostram-se mesmo más, ambiciosas e egoístas. Se existe uma romantização das mulheres, isso só acontece com as mulheres pobres. A riqueza, excluindo a da Rainha do Ignoto, parece um mediador de caráter ou da falta dele, muito maior do que o sexo das personagens, embora este elemento também esteja presente.

Para Emília de Freitas as mulheres agem e adquirem credibilidade usando de vários mecanismos estratégicos como o disfarce de homem das paladinas para ajudarem as pessoas. A própria Rainha também se disfarça para agir mais livremente.

Enfim, nas imagens construídas dos homens, a maioria deles só goza de status pelo simples fato de serem do sexo masculino. A única exceção é o Sr. Martins, pai de Carlotinha, que apesar de "matuto", segundo Henriqueta, era uma pessoa inteligente e sensata. E de determinada forma temos também Jaime Ortiz, um bandido socialmente proscrito que enamorara a Rainha do Ignoto e segundo ela, de enorme amor e dedicação durante "longos quinze anos" que a amou sem nenhuma esperança!

A autora também nos apresenta os tipos ambiciosos como Gustavo, Eduardo Gama, o ex-namorado de Odete e Probo que apesar de ter sido ajudado pela Rainha queria denunciá-la ao governo por causa das idéias que ele considerava subversivas, ambicionando na verdade apoderar-se de sua riqueza. Além dos outros que são citados para mostrar o quanto haviam feito sofrer as mulheres.

Se Emília de Freitas pretendia denunciar como "a alma feminina" era martirizada e marginalizada por sua sociedade, acreditamos que ela atingiu seu intento. Sua ambição política, e por que não feminista, conseguiu atingir seu objetivo, denunciando uma sociedade que tratava a maioria

das suas mulheres de forma opressora! Consideramos, portanto que este romance, a Rainha do Ignoto, ainda é instigante em seu caráter político e em sua luta emancipatória. E que a luta...Ah...A luta continua!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias de Emília de Freitas e Francisca Clotilde revelam ao longo da dissertação as lutas pela inserção social da pena feminina no mundo da escrita.

É crucial na análise os percursos percorridos por estas duas escritoras na tentativa de escrever um olhar feminino sobre a mulher no final do século XIX e início do XX.

A participação em agremiações literárias, no movimento abolicionista, a atuação como professoras, as poesias publicadas em jornais. Todas estas atividades relacionadas com a busca por espaço profissional e social. Antes de tudo nossas escritoras eram pioneiras no Ceará na aventura feminina no mundo das Letras. Percorrem os espaços da escrita como aqueles que ocupam lugares estratégicos. As palavras ponderadas de Clotilde, abertas e diretas de Emília são armas literárias e poéticas, com estilos diferentes, mas com o mesmo sonho e desejo: falar um pouco das mulheres, a doce, boa e resignada Nazaré, a melancólica, forte e poderosa Rainha do Ignoto e as outras mulheres que circulam em suas narrativas, muitas vezes roubando as cenas, tomando as deixas, dando um tom mais gracioso e humano a "palavra calcinada"

Com essas "mulheres de papel" fomos levados a duas narrativas ricas, complexas, humanas: Discussão do amor no casamento, dos dotes, do comércio dos sentimentos, das sujeições à paternidade, o diálogo com os romances lidos, as limitações da leitura feminina. Isso sem falar dos passeios a que fomos convidados, da pequena Redenção, da Passagem das

Pedras, da Gruta do Areré em Aracati, até as luzes do Passeio Público de Fortaleza, Rio de Janeiro, Manaus, Recife. Transportados pela pena feminina a outros lugares e temporalidades.

E os homens descritos de forma às vezes bela, como o "doce matuto" Chiquinho, o curioso Dr. Edmundo, e claro, os desonestos, os ambiciosos como Artur, Gustavo, ambos interessados em galgar posição social através dos dotes conseguidos, negociando com os pergaminhos de Direito, tratando "o amor como qualquer mercadoria", mostrando a hipocrisia social, a torpeza de alguns homens do período, "janotas da cidade"

E por fim as vilãs femininas, Maria Glória, D. Matilde, Henriqueta e Malvina funcionando como o mau exemplo, algo que não deve ser seguido. Cruéis até o extremo, invejosas, ambiciosas, fúteis, interesseiras, maledizentes. Estas personagens demonstram que na visão de Francisca e Emília não eram apenas os homens que precisavam mudar, também algumas mulheres. As críticas sociais, morais, são ácidas, são incisivas. As palavras são perigosas... e as escritoras também.

Acreditamos que ao final desta aventura narrativa contemplamos um dos objetivos propostos: mostramos condutas, comportamentos e códigos da condição feminina através da pena das duas escritoras Francisca Clotilde e Emília de Freitas.

O outro objetivo: tocar o coração do leitor. Isso não podemos responder por vocês, "nômades que caçam furtivamente pelos campos que não escreveram" como já disse Certeau.

A parte ambiciosa deste trabalho é divulgar as obras de Emília e Francisca, é fazer com que elas sejam lidas, discutidas e que a causa feminina e feminista continue sua empreitada.

Essa é também uma ambição política, uma ambição de historiadora que se pretende feminista, uma ambição pessoal, aqui retiro "a parte que me cabe deste latifúndio".

Enfim fechemos o texto de "mãos dadas" , como companheiros que fomos e somos, como mulheres e homens do tempo presente, vamos cantar em outras paisagens

FONTES PRINCIPAIS:

CLOTILDE, FRANCISCA. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Editora Terra Bárbara, 1996.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto: romance psicológico**. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1980.

OUTRAS FONTES:

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

BARROSO, Olga Monte. **Quem são elas**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará- IOCE, 1992.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza: Editora ABC, 1999.

CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX**. Fortaleza: UFC, 1985.

COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**. 6 volumes. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975.

GALENO, Henriqueta(org.) **Mulheres do Brasil**. 5 volumes. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971.

MONTENEGRO, Abelardo. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (Tip. Royal), 1953.

MUZZART, Lupinacci Zahidé. (org.) **Escritoras Brasileiras do século XIX**. 2ª ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BIBLIOGRAFIA:

BARROSO, Carmen e COSTA, Albertina de Oliveira (org.) **Mulher, mulheres**. São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 1983.

BERMAN, MARSHALL. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. 15ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

----- **Aventuras no Marxismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BESSE, Susan K., **Modernizando a desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil (1914-1940)**. São Paulo: EUSP, 1999. BRANCO, Lúcia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa- Maria Editorial; LCT- Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.

BORDO, Susan R. "O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M e BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 19-41

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 5ª ed. Vol. 01. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A História Contada: capítulos de História Social e Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger "As práticas da escrita" In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (org.) **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. Vol. 03. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. pp. 113-162.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, (org.) **Rebeldia e Submissão: estudos sobre condição feminina**. São Paulo: Edições Vértice, 1989.
- DE DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da História e da Literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da UNICAMP, Editora da Universidade-UFRGS, 2000
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FENTRESS, James e CHRIS, Wickliam. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Ed. Teorema.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GUEDES, Mardônio e Silva. **O preço da recusa: Violência e limites morais no meretrício em Fortaleza (1930- 40)**. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC, 1999.
- HAHNER, June E., **A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850- 1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- HELEIETH, Iara Bongiovani Saffioti. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Livraria Quatro Artes, 1969.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOOK- DEMARLE, Marie- Claire. "Ler e escrever na Alemanha" In: PERROT, Michelle e DUBY, Georges.(org.) **História das mulheres: o século XIX**. Vol. 04. Porto: Edições Afrontamentos, 1991, pp. 171-198.
- LAFETÁ, João Luiz. **1930: A crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000
- LEITE, Míriam Moreira(org.) **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX**- São Paulo: HUCITEC, 1984.
- **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984.
- LIMA, Zilda Maria Menezes. **Mulheres de Romance: perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)**. Dissertação de mestrado: UFPE, 1999.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do mundo feminino" In: SEVECENKO, Nicolau. (org.) **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. vol.03. São Paulo: companhia das Letras, 1998.pp. 367-422.
- MAUGUE, Annelise. "A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise" In: PERROT, Michelle e DUBY, Georges.(org) **História das mulheres: o século XIX**. Vol. 04. Porto: Edições Afrontamentos, 1991, pp.581-601.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares" In: Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993.
- OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. **Fortaleza: seis romances, seis visões**. Fortaleza: EUFC, 2000.

- ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina" In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 09, nº 18, ago89/set/89, pp. 09-18.
- **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.
- PINTO, Júlio Pimentel. "Os muitos tempos da memória" In: *Projeto História*, São Paulo, vol.17, 1998.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio" In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 02, nº 03, 1989, p. 03-15
- PONTE, Sebastião Rogério **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar dos viajeros do século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de papel: Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. Niterói: EDUFF, 1996.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **Women's roles and work alternatives in XIX century Brazil**, XVI International Congress, LASA, Washington, 1991.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHARPE, Peggy, (org.) **Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres: Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Fortaleza: imagens da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretária da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.
- SOUSA, Noélia Alves de. **A liberdade é vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1997.
- TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras" In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 401-442.
- VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine: memórias de mulheres**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.